V
Pop 915.
C04/ASI
42726
00042726

THE
ASIATIC SOCIETY OF BOMBAY
TOWN HALL, BOMBAY-400 023.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

DECADA UNDECIMA
DA ASIA.

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO DOS MARES, E CONQUISTAS DAS TERRAS DO ORIENTE,

EM QUANTO GOVERNARAM A INDIA
MANOEL DE SOUSA COUTINHO,
E
MATHIAS DE ALBOQUERQUE;
SUPPRINDO A QUE FALTA
DE

DIOGO DE COUTO,

CHRONISTA, E GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO DO ESTADO DA INDIA.

ROYAL LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ...TIC SOCIETY

HH-f-29

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,
ANNO M. DCC. LXXXVIII.
Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre Exame, e Censura dos Livros, e Privilegio Real.

42726 ol

00042726

André Furtado de Mendoça, que toma tres náos do Çamorim, destroe a Armada inimiga, e vai restaurar Columbo, que estava em risco de perder-se: chegada das náos do Reyno. 174.

CAP. XXXIV. *Da torna viagem que estas mesmas náos fizeram pera o Reyno: perdição da náo Madre de Deos, que veio na sua companhia: descripção da costa da Ethiopia Oriental: fabricão os Padres de S. Domingos huma Fortaleza na Ilha de Solor, pera resistirem aos Mouros da Jaoa: queimão os Malabares a Capitânia da Armada que sahio de Goa pera recolher a Frota de Coromandel: chegão á India as náos que este anno vieram de Lisboa.* 179.

CAP. XXXV. *Partida das náos da India pera o Reyno, e successos de sua viagem: origem da povoação, e Fortaleza do Cunhale, que o Viso-Rey intenta destruir unido com o Çamorim: chega a Goa o Conde da Vedigueira pera succeder no governo da India a Mathias de Albuquerque: qualidades, e prendas deste Fidalgo.* 183.

DE-

DECADA UNDECIMA
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Succede no Governo da India Manoel de Souſa Coutinho a D. Duarte de Menezes: embarca-ſe pera o Reyno D. Paulo de Lima, e naufraga na terra dos Fumos.

POR morte do Viſo-Rey D. Duarte de Menezes entrou a governar a India Manoel de Souſa Coutinho, que neſte meſmo anno tinha chegado a Goa victorioſo do Rajú, que em Columbo ſe tinha alçado contra os Portuguezes, como já fica dito; o qual ainda que nas vias da ſucceſsão vieſſe nomeado em ſegundo lugar, por quanto Mathias de

Albuquerque a quem pertencia, por vir em primeiro lugar, tinha vindo o anno passado pera o Reyno: pelo que jurando Manoel de Sousa Coutinho homenagem nas mãos do Capitão da Cidade, como he costume, entrou a entender nas cousas do seu governo com prudencia, zelo, e valor; qualidades proprias deste Fidalgo, de que já tinha dado abalizadas provas nestas terras da Asia, que agora começava a governar.

Pouco depois de haver tomado as redeas do governo, surgio no porto de Goa huma Armada de sinco náos, que neste anno partio de Lisboa em 5. de Abril, expedida por ElRey D. Filippe Primeiro, de que veio por Capitão Mór na náo S. Christovão João de Tovar da Cunha, e os inferiores Estevão da Veiga na náo S. Thomé, D. Francisco de Viveiros na náo Santa Maria Imperatriz; Pedro Correa na náo Conceição, e Antonio de Sousa na náo Santo Antonio, as quaes todas chegáram a salvamento, e foram pera Cochim tomar carga com que haviam de voltar pera o Reyno.

D. Paulo de Lima vendo-se excluido do governo da India, de que as suas grandes virtudes, e assignalados serviços feitos ao Estado o faziam tão benemerito, com ra-

ção ſentido aſſentou comſigo paſſar-ſe ao Reyno na ſeguinte monção; o que por infelicidade ſua executou, embarcando-ſe na náo S. Thomé, Capitão Eſtevão da Veiga, a qual permittio Deos que não chegaſſe ao Reyno, querendo que ella tiveſſe o tragico fim de outras muitas, que neſta carreira da India ou foram ſubmergidas no meio do mar, ſem ſe poder ſalvar hum ſó que da ſua perda nos déſſe noticia, ou nas coſtas da Africa laſtimoſamente naufragáram, ſalvando-ſe os que nellas hiam, pera ſoffrerem entre os barbaros cafres trabalhos mais horroroſos, e mais inſupportaveis que a meſma morte. Entre eſtas ſe póde numerar a náo S. Thomé, de cujo laſtimoſo naufragio ha huma diffuſa hiſtoria, não ſó n'uma particular relação, mas tambem na vida de D. Paulo de Lima, pela qual razão não faremos aqui mais do que hum breve reſumo delle.

Promptas de carga as náos, que deviam vir de torna-viagem pera o Reyno, partíram de Cochim em Janeiro deſte anno de 589. em que vamos entrar, das quaes quatro chegáram a ſalvamento ao porto de Lisboa; porém a quinta, na qual hia embarcado D. Paulo de Lima com ſua mulher Dona Beatriz, fazendo ſua derrota por fóra dos baixos, e indo demandar a Ilha de

Diogo Rodrigues, que está em vinte gráos do Sul, saltou com ella hum temporal tão rijo da banda do Sudoeste, e com mares tão empolados, que indo correndo á feição dos ventos, trabalhou tanto que abrio pela roda da proa, e entrou a fazer muita agua, o que por então se remediou bem. Amainado o temporal, foram continuando sua derrota; e chegando á altura de vinte e seis gráos, cem leguas ao mar da Ilha de S. Lourenço, tornou segunda vez a fazer agua em muito maior quantidade por outra parte mais perigosa, que foi por proa abaixo das escoas ás primeiras picas, onde he mais difficultoso o poder-se tomar do que em qualquer outro lugar; e acudindo a elle os officiaes, e despejada a náo por aquella parte, deram com a agua que era tanta, que fazia cuspir as estopas, e pastas de chumbo que lhe pregavam por sima, o que tudo succedia do seu máo fabríco, de que procede o perderem-se muitas náos, e no que se tem mui pouco resguardo, e os officiaes muito pouco escrupulo.

Achada a agua, deram com hum torno tamanho della, que se qualquer official lhe mettia a mão, era tal a força, que lha empurrava pera fóra; e como se não podia atalhar sem se cortarem as picas, o fizeram

con-

contra o parecer de muitos; porém depois de terem cortado algumas, tornáram a sobrestar, por ser aquelle lugar o em que se rematava toda a náo, e nesta não hia pregadura pera se tornar a remediar; porque as mais destas náos, ou quasi todas, andam a Deos misericordia, por pouparem quatro cruzados; assim com facas, prégos grandes, e outras cousas taes entupíram o melhor que puderam aquelle lugar; e com muitos saquetes de arroz, que mettêram entre as picas, e liames, pera que fizessem pegamaço, ordenáram por sima huma arca, que sustentasse estes saquinhos pera baixo, e não pudesse a agua suspendellos, e com isto ficáram alguma cousa mais aliviados, e a agua entrou a ser menos nas bombas, e assim foram seguindo sua viagem com bom tempo até á altura de trinta e dous gráos e meio ao Sul, cento e sincoenta leguas da bahia da Alagôa, e oitenta ao mar da terra do Natal, onde sendo aos 11. de Março, lhes deo hum vento Sudoeste que os fez ir na volta do Norte, no qual rumo com o trabalho do vento, e dos mares abrio a náo pela terceira vez, e pelo mesmo lugar; e era a agua tanta, que em breve tempo havia seis palmos della no porão, com o que entrou toda a gente em grande revolta, e se começou de alijar ao mar

mar todas as coufas do convés, pera ficarem leftes as efcotilhas, e com os aldropes das bombas na mão paffáram toda a noite.

Com o augmento da agua no porac entráram a nadar as pipas, e o mais que nelle hia; e correndo de bordo a bordo, davam no coftado da náo tão grandes abalroadas que a faziam eftremecer; e porque a agua crefcia, atravefsáram algumas entenas por fima das efcotilhas, pelas quaes ordenáram muitos barris, que fubiam, e defciam, os quaes barris fe repartíram por todos fem excepção de peffoa, fendo D. Paulo de Lima, Bernardino de Carvalho, e Gregorio Botelho os primeiros nefte trabalho com os Religiofos, e outros que hiam na náo, os quaes todos de dia, e de noite trabalhavam com os aldropes das bombas, e com os barris em alijar a agua, fem defcançarem nem fequer pera o comer, ao que acudiam os Frades, que andavam pelo convés com bifcouto, confervas, e agua, confolando a todos corporal, e efpiritualmente. E como fem embargo de todas eftas diligencias era a agua cada vez mais, affentáram em ir demandar a terra pera vararem nella, pera a qual fe viráram com o traquete, fem oufarem de bolir com a véla grande, por não largarem da mão os

al-

aldropes das bombas, e os barris; porque se o fizessem, por breve que fosse o tempo, era o que bastava pera se submergirem.

Indo pois correndo pera a terra, e sendo no dia 14. de Março, não só se acabou de encher o porão de agua, mas ficáram entupidas as bombas com a pimenta que por elle se extravasou, pelo que ficáram sem trabalhar, e os homens começáram a esmorecer; porém os Fidalgos, os Religiosos, e Cavalleiros honrados trabalháram sempre com muito animo, e esforçavam os mais, pera que não largassem os barris, e os aldropes, porque só isso os sustentava.

Todo este dia gastáram os officiaes em desentupir as bombas, e forrar as trempes com folha de Flandres, pera se não tornarem a empachar; e porque tambem cumpria alijar ao mar tudo o que pudessem, foram deitando á agua todas as riquezas, e louçainhas, de que a náo hia riquissima, ganhado tudo com tanto trabalho de huns, e com tantos encargos de outros. Ao outro dia, que eram 15. estava já a cuberta de sobre-porão cheia de agua, e o vento em Sudoeste, e de quando em quando vinham huns salceiros de agua mui rijos, que lhes dava novo trabalho. Em fim, vendo que

que tudo era contra elles, pois qué até o leme deixou de governar, ficou a náo atravessada, e sem vélas por estarem todas rotas, e os homens sem lhe poderem acudir por não largarem o trabalho de lançar a agua fóra, porque nisso estava o seu remedio, se he que o tinham.

Vendo pois que de nenhuma sorte podiam evitar a perda da náo, antes que esta de todo naufragasse, pois parecia que o mar, e o vento conjurados contra ella tinham apostado submergilla no meio das ondas, assentáram lançar o esquife ao mar, pera o que foi necessario largar os barris por mão, pera se haver de abrir a náo, na qual entre as cubertas parecia que andavam todos os espiritos infernaes; tal era o estrondo das cousas que nadavam, e davam humas nas outras, e que corriam de hum a outro bordo, que aos que desciam abaixo se lhes figurava ser o juizo final. Deose pressa ao concerto do esquife, e com bastante trabalho, pelos grandes balanços que dava a náo, por andarem os mares muito cruzados, e tão encapellados; que lhes entravam pelo portaló que tinham aberto pera alijarem tudo ao mar, o que era causa de mais de pressa se alagarem. Porém já a este tempo hiam governando a Nor-Noroeste, e o Piloto se fazia muito perto

de

de terra; e tanto, que neste mesmo dia ao Sol posto bradou hum Marinheiro da gavea *terra, terra*; mas o Piloto, que não sabia se naquella parte haveria arrecifes, onde se não pudesse encalhar, e se perdessem todos, pareceo-lhe bem desviar-se, e governar ao Nordeste, pera como fosse dia ir demandar a terra pera se poder salvar toda a gente, que em toda esta noite passou em grandes afflicções, e trabalhos.

Ao outro dia, assim que amanheceo, e não víram terra, lançáram o esquife ao mar, o qual como era embarcação pequena, e não podia conter o pezo, nem o numero de tanta gente, quanta nelle procurava escapar á morte, certamente se alagaria; por quanto estando ainda no ar, e sobre os apparelhos, se lançavam dentro os homens como loucos, pelo que foi necessario disputar o embarque á ponta da espada; de sorte que aquelles mesmos, que até alli tinham sido companheiros no perigo, que como amigos se abraçavam, se consolavam, e animavam, agora como inimigos se combatiam, feriam, e matavam. Tanto póde em nós o amor da vida, que pera conservarmos a propria, sacrificamos a alheia. Finalmente embarcados no esquife os que puderam caber, ou pera melhor dizer, os que o Capitão quiz, se foi por pop-

pa

pa da náo pera tomar pela varanda a mulher de D. Paulo, e outras Donas que nella estavam; e como esta dava grandes balanços, e houvessem medo que o esquife se affundisse, affastaram-se hum pouco pera fóra, e dalli se deo ordem, pera que as mulheres lançadas por cordas, se mettessem no esquife, que acudia a tomallas muitas vezes mergulhadas, e com grande trabalho. Entre estas foi Dona Joanna de Mendoça, Fidalga viuva, que se offereceo a esta tão perigosa viagem por levar a Portugal huma só filha que tinha, menina de oito annos, pera se recolher com ella em hum Convento de Freiras, e acabar o restante de seus dias em serviço de Deos; mas a perdição desta náo atalhou seus santos intentos, porque nella lhe ficou sua filha, a qual diante de seus olhos vio affogar, rodeada de suas escravas, que com ella tinham ficado, sem lhe poder valer: pedindo com muitas instancias aos do esquife lha quizessem ir buscar, estes a reprendiam por suas importunações; pelo que a lastimosa mãi perdendo as esperanças da salvação da filha, a pranteou como morta, estando ella ainda viva.

Ora este espectaculo não deixava de causar em todos grande dor, ainda que cada hum bem carecia de compaixão alheia,

se

ſe alli houveſſem animos livres que a pudeſſem ter dos males dos outros. Affaſtado o eſquife da náo, ficáram eſperando pelo P. Fr. Nicoláo do Roſario da Ordem dos Prégadores, que ſe não quiz embarcar no eſquife ſem confeſſar a quantos ficavam na náo, que pois lhes faltava a tanta gente a conſolação corporal, lhes não faltaſſe a eſpiritual; e depois que conſolou, confeſſou, e abſolveo, tanto em particular, como em geral, a todos quantos eſtavam na náo, como não era poſſivel chegar-ſe a ella o eſquife pera o fazer embarcar, pois eſtava apoſtado a deixar-ſe ficar pera conſolação daquella gente, foram tantas as couſas que lhe diſſe D. Paulo de Lima, e tantos os proteſtos que lhe fizeram os do eſquife, que ſe lançou ao mar, e a nado o recolhêram, onde foi mui bem recebido por ſua virtude, e exemplo que em toda eſta viagem deo, pelo que era muito amado, e reverenceado de todos.

CAPITULO II.

Do que mais succedeo tanto aos da náo, como aos do esquife até se pôrem em feição de navegar.

RECOLHIDO no esquife o Padre Fr. Nicoláo, foram navegando pera a terra mal provídos de mantimentos, e agua; mas não puderam chegar a ella, porque como era embarcação pequena, e hia sobre carregada com o pezo de cento e dez pessoas, que nella hiam como apinhoadas, não puderam seguir ávante, antes eram impellidos pelas mesmas ondas da terra pera o mar, de sorte que affastando-se do pé da náo, quando foi pela meia noite estavam outra vez chegados a ella. Parece que queria Deos que aquelles, que pertendiam salvar-se no esquife, fossem testemunhas dos effeitos da sua ira, vendo em breves instantes submergir-se a náo com todos quantos infelices estavam nella.

Os da náo logo que víram affastar-se o esquife, e que lhes não ficavam outras esperanças de remedio mais que as que Deos lhes ordenasse, fizeram algumas jangadas, em que pertendiam entregar-se ás ondas, e arriscar de novo a vida pera haverem

de

de a ſalvar; porém eſtas apenas foram lançadas ao mar, logo ſe affundíram, e com ellas ſe perdêram todas as ſuas eſperanças; pelo que vendo que era chegado o ſeu fim, recorrêram a Deos, pedindo-lhe miſericordia; e no meio deſtas anſioſas, e ultimas ſupplicas, virados todos pera hum retabulo de noſſa Senhora do Roſario, que tinham pendurado no maſtro grande, dando a náo hum arranco, como ultimo ſuſpiro de hum moribundo, entranhou-ſe pelo mar dentro, e deſappareceo pera ſempre com quanta gente tinha, ficando muita della ſobre a agua bracejando, e peleijando com a morte até que de todo ſe affogou.

Na verdade que tudo parecia caſtigo de Deos, porque facilmente ſe pudera ſalvar toda a gente deſta náo, ſe os do eſquife não quizeſſem tratar ſómente de ſi, pois que bem podiam dar primeiro ordem a grandes jangadas, em que ſe embarcaſſem todos com agua, e mantimentos, as quaes podia o eſquife levar á toa pera terra, que eſtava tão perto, que ao outro dia ſe aviſtou, tendo pera iſſo tanto tempo, que durou a náo vinte e quatro horas ſem lhe darem á bomba, nas quaes podiam ordenar as jangadas que quizeſſem, pois levavam entenas, maſtros, e vergas, e tanta madeira que lhe ſobejava, porque muito mais

dif-

difficultofa foi a perdição da náo Sant-Iago no baixo da Judia, como fe diffe na decima Decada, e fizeram-fe muitas jangadas, das quaes muitas chegáram a terra fem favor de efquife, nem de batel, durando a viagem oito dias. Mas parece que todos defta náo tinham perdido o acordo; porque aquelles a que fe pudera ter refpeito, e que podiam mandar fazer ifto, eram D. Paulo de Lima, o qual tinha perdido aquelle feu nunca vencido animo com fe ver com fua mulher naquelle eftado; o outro era Bernardim de Carvalho, Fidalgo muito honrado, mas muito brando, que por ver nos officiaes todos huma grande alteração, diffimulou com o que entendia, por fe não perder tudo.

Os do efquife vendo-fe finalmente fem a náo, e efpantados com a vifta de hum objecto tão horrorofo, puzeram-fe em feição de navegar; mas vendo o Capitão a muita gente que nelle hia, e que corria muito rifco chegar a terra fem fe alagar, mandou lançar ao mar alguns homens pera affim aliviar mais o efquife, os quaes logo á vifta de todos fe affogáram. Outros muitos cafos laftimofos acontecêram nefte naufragio, affim no efquife, como na náo. Em fim os que nelle ficáram foram navegando até que chegáram á terra firme, chama-

mada pelos nossos Terra dos Fumos, e pelos Cafres Terra dos Macomatas, que fica junto da terra do Natal em altura de vinte e seis gráos e hum terço, onde lançáram dous homens na praia, pera que fossem descubrir campo, e trazer novas do que achavam, os quaes foram; e tendo andado obra de hum quarto de legua, deram em huma aldeia de Cafres bem inclinados, e maviosos, muito differentes de outros que por esta terra morão.

Estes tanto que víram os Portugezes, ficáram muito admirados; mas não deixáram de lhes fazer muito gazalhado, e lhes deram de comer. Vendo os nossos tão boa gente, ficáram muito contentes, e deramlhes a entender por assenos como elles se tinham perdido no mar, e que tinham seus companheiros na praia; que lhes levassem vaccas, e mantimentos, que tudo lhes pagariam muito bem: pelo que vieram alguns Cafres com elles até á praia, onde ficou o esquife; mas não o achando, nem vista delle, ficáram muito tristes. E o caso foi, que depois destes dous homens se metterem pela terra dentro, tornou a ventar o vento em poppa muito bom pera navegar, pelo que não quizeram os do esquife esperar por elles, nem perder tão boa occasião de se adiantar, e por isso tornáram a dar á

vé-

véla, e foram correndo a costa pera o rio de Lourenço Marques.

Vendo-se estes pobres homens sem o esquife, disseram aos Cafres, que tinham vindo com elles, como seus companheiros eram idos, e os deixáram, e que queriam ir em busca delles por aquella praia adiante. Muito sentimento mostráram os Cafres de os ver perdidos; e despedindo-se huns dos outros, foram os dous Portuguezes caminhando toda aquella tarde pela praia bem tristes, até que achárام o esquife, que estava amainado junto da terra, por causa do vento que lhe tornou a faltar, com cuja vista ficáram mui contentes, e se tornáram a embarcar nelle. Deste lugar partíram ao outro dia, e foram costeando a terra em demanda da Ilha do Inhaca; e em quanto vam seguindo sua navegação, faremos huma breve descripção das terras da Cafraria, em cuja costa naufragou a náo S. Thomé.

CAPITULO III.

Em que se descreve a parte da Cafraria, em cuja costa naufragou a náo S. Thomé.

ANtes que concluamos a historia destes perdidos, nos pareceo bem fazer huma breve descripção desta parte da Cafraria, onde naufragou esta náo S. Thomé, pois de todas as mais se tem feito na nona Decada, onde se tratou da conquista das Minas do Ouro, que por alli andou fazendo o Governador Francisco Barreto, e Vasco Fernandes Homem; e agora principiaremos deste lugar em que primeiramente pousou o esquife, até ao Cabo das Correntes, aonde se chegou com a outra descripção, em que se contém os Reynos de Monomotapa, e todos os mais daquelle Sertão, e maritimo desta Ethiopia interior.

A'quella parte em que o esquife encalhou, chamam os nossos Mareantes terra dos Fùmos, e os Cafres terra dos Macomatas, nome de huma nação barbara, que vive nas vizinhanças daquellas praias, da qual terra, toda a que se estende pera o Sertão mais de trinta leguas, he senhor hum Rey chamado Viragune, o qual pelo Sul confina com o Reyno de Macalapapa, que cor-

corre até ao Sertão de Santa Luzia, em altura de vinte e oito gráos e hum quarto, e aqui péga com o Reyno do Vambe, donde até ao Cabo da Boa Esperança, comprehendida huma grande parte da terra do Natal, não ha Reys, mas huns senhores chamados Encosses, que são Cabeças, ou Governadores, cada hum de tres até sinco aldeias. Correndo ao Nordeste do Reyno de Viragune, está o Reyno do Inhaca, que se estende até á bahia de Lourenço Marques da banda do Sul, que está em altura de vinte e sinco gráos e tres quartos, e ainda senhorea mais duas Ilhas, huma chamada Choambone, que será de quatro leguas, e a outra se chama Setimuro, que he despovoada, e nella se aposentão os Portuguezes que vam ao resgate do marfim, pera estarem mais seguros dos Negros da terra.

E assim como os Geografos dão á Italia a figura de huma bota, do mesmo modo daremos nós a esta bahia a figura de huma borboleta com duas pontas, huma das quaes, que he o Reyno do Inhaca, que fica pera o Sul, e a outra o Reyno do Manhiça, que jaz ao Norte. Os rios Belingane, e o Manhiça, de quem este Reyno toma o nome, formam as azas desta borboleta, aquelle da banda do Sul, e es-

este da parte do Norte, cuja origem he commum com a do Nilo, e vem desaguar naquella parte, a que chamam Bahia Formosa, que vem a ser o mesmo rio do Espirito Santo, o qual fórma o focinho da figura da borbóleta, cujo corpo he a mesma Bahia de Lourenço Marques, e os dous rios que nella desembocão fazem as duas farpas de seu cabo. Da parte do Norte fica o Reyno de Rumo, e da banda do Sul o de Anzete; e este parte com humas serranias de mais de vinte leguas de extensão, tão asperas, intrataveis, e fortes por natureza, que não tem entrada senão por alguns passos muito apertados, e difficultosos, e em sima dellas se acham mui largas, e dilatadas campinas pertencentes a hum senhor chamado Monhimpeca, o qual por nenhum caso desce abaixo, nem communica com os vizinhos, porque todos huns e outros são muito grandes ladrões.

Estas farpas são cortadas por outro rio, que atravessa do Anzete até o Vumo, e corre pelo pé de humas serras, em cujas abas jazem varias povoações, e sobre elle mora hum Rey chamado Angomanes, cujo Reyno se estende pera o Ponente. Do rio Manhiça corre hum esteiro pera o Sudoeste, que corta aquella

ponta que fica em Ilha, a que os nossos chamam do Mel, e vai correndo a costa até o rio dos Reys, ou do Ouro, que está em altura de vinte e sinco gráos; e sobre este pera a banda do Ponente está o Reyno do Inhapula, e da outra banda o do Manhiça seu vassallo. Daqui começa a encovar-se a costa até o Cabo das Correntes; e tanto, que faz huma tão penetrante enseada, que aos navios que de Moçambique navegam pera o rio de Lourenço Marques, parece, quando por ella passam, que atravessão hum grande golfo: ao longo della moram huns cafres chamados Moerangas, e no meio anda falsamente lançado nas nossas Cartas de marear, em vinte gráos menos hum quinto de altura, hum rio, a que chamam da Bazaruta, o qual alli não ha, nem por toda aquella costa; porém em altura de vinte e hum gráos e meio, defronte da ponta de S. Sebastião, ha humas Ilhas chamadas da Bazaruta.

No Sertão desta enseada dos Moerangas correm dous rios, o do Manhiça, de que já tratámos, e o de Inhaboze, que desemboca em outro assás caudaloso, chamado Inharingue, que está antes do Cabo das Correntes, o qual rio na verdade he o que nas nossas Cartas de marear anda com

o

o supposto nome da Bazaruta, e sobre elle pera o Ponente fica o Reyno de Pande, que vizinha com o do Inhambuze, o qual parte com o Reyno do Monhibene, que corre delle ao Norte ao longo do mesmo rio, e confina com outro Reyno, que chamam do Javara, que entra pera o Sertão. Da outra banda do mesmo rio Inharingue ha outros dous Reynos, o de Gamba mais pera o mar, e o de Macumba pera o Sertão. Todos estes rios, de que temos tratado nesta descripção, são mui conhecidos dos Portuguezes, que vam de Moçambique áquelles rios ao resgate do marfim.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo á gente da náo S. Thomé desde que chegou á Ilha do Inhaca: e dos trabalhos que passáram.

TOrnando a continuar com os successos dos naufragantes da náo S. Thomé, que indo, como dissemos, correndo a costa até á Ilha do Inhaca, aonde chegáram todos felizmente, a primeira cousa que fizeram, tanto que chegáram, foi lançar fogo ao esquife, com o pretexto de aproveitar a pregadura, e mais ferro pera o resgate, por ser cousa de muita valia entre

tre os cafres ; mas a razão foi, pera que alguns da companhia o não furtassem de noite, e se fossem nelle pera Sofala, deixando os mais na Ilha ; o qual feito não foi muito acertado, porque depois tiveram grande necessidade delle pera passarem á terra firme ; por quanto a Ilha era deserta, e nella não havia que comer, nem agua pera beber, e só acháram as cabanas que os Portuguezes do resgate alli deixáram, em que se agazalháram ; pelo que ficáram muito arriscados a morrer de fome, e sede; mas quiz Deos que os cafres da terra firme vieram á Ilha em dous pangaios pequenos a ver o que nella estava, por terem visto a noite de antes os fogos que os Portuguezes fizeram, e nestas pequenas embarcações se passáram todos pera a terra firme, poucos, e poucos com muito trabalho, e mui arriscados aos mares grandes que ha nesta travessa, a qual em partes he de quatro, e sinco leguas.

Desembarcados na terra firme, foram caminhando por ella com muito trabalho até chegarem ao lugar do Inhaca, Rey da mesma terra, grande amigo dos Portuguezes, o qual os agazalhou muito bem, e lhes mandou dar os mantimentos necessarios, a huns por prata, aljofar, ferro, e peças que salváram do naufragio, a outros

fia-

ficados até á chegada do navio de Moçambique, que alli costuma ir todos os annos fazer o resgate do marfim. Nesta terra estiveram muitos dias, até que alguns determinaram sahir della, e caminhar por terra até Sofala; e os que commettêram este caminho, foram Estevão da Veiga, Capitão da náo, e doze companheiros mais, em que entravam Gaspar Ferreira Sota-Piloto da mesma náo, e Antonio Gomes Cacho, hum dos dous que sahíram em terra de cafres. Todos estes se puzeram a caminho, e vieram por terra a Sofala, que são algumas cem leguas de terra aspera, e trabalhosa de caminhar, povoada de muitas nações de cafres *malissimos*, e mal inclinados, em cujo caminho padecêram muitos trabalhos, fomes, e sedes; e tanto que chegáram a Sofala, a primeira cousa que fizeram, foi ir á Igreja de nossa Senhora do Rosario todos juntos, e ahi lançados por terra, e com muitas lagrimas, e suspiros nascidos do coração, e do contentamento de se verem entre Christãos, fóra de tantos perigos que tinham passado no mar, e na terra, de que davam muitas graças a Deos, e a sua Santissima Mãi. Aqui a rogos dos Padres de S. Domingos, a cujo cargo estava a Christandade daquellas partes, foram agazalhados pelas casas dos

mo-

moradores com muita caridade, os vestíram, curáram, e sustentáram em quanto alli estiveram, até se embarcarem pera Moçambique.

Passados poucos dias, foram ter a Sofala outros perdidos da mesma náo, entre os quaes hiam os dous Religiosos Fr. Nicoláo do Rosario da Ordem de S. Domingos, de cujo glorioso martyrio ao diante trataremos, e Fr. Antonio Irmão Leigo da Ordem de S. Francisco, que tambem tinham escapado do naufragio, e foram recebidos, e agazalhados como os primeiros. A mais gente da perdição da náo, que se não atreveo a commetter este caminho, nem por mar, como alguns fizeram, nem por terra, deixou-se ficar nas terras do Inhaca, esperando pelo navio que de Moçambique havia de ir ao resgate do marfim, e no tempo que alli estiveram, padecêram muitas necessidades, fomes, e doenças, de que morrêram muitos, entre os quaes faleceo D. Paulo de Lima, Capitão muito esforçado, e venturoso em muitas batalhas que teve com os Mouros na India, dos quaes sempre alcançou victorias no mar, e na terra, de que já fizemos larga menção.

Este Capitão acabou aqui seus dias em terra de Cafres de sua enfermidade, causa-

da

da de muitos desgostos, fomes, e trabalhos, em que se via, sentindo muito verse com sua mulher em terras tão estranhas, e desamparadas, e falto do remedio necessario, o qual desamparo chegou a tanto, que até á sepultura pera seu corpo lhe negáram os Cafres da terra, não querendo que o enterrassem nella, tendo por agouro o enterrarem-se em suas terras gentes estrangeiras; pelo que foi sepultado pelos Portuguezes que com elle estavam entre huns canaveaes, onde não fosse vista a terra cavada de novo, nem sinal de cova. Isto mesmo aconteceo ácerca dos mais que alli acabáram seus dias. Aqui esteve toda a mais gente, até que em Moçambique se soube da sua perdição, que foi dahi a hum anno, no fim do qual foi lá ter hum navio que os trouxe pera Moçambique, donde se tornáram a embarcar pera a India, com os quaes fôram tambem Dona Beatriz, viuva de D. Paulo de Lima, Dona Joanna, e Dona Maria, que sendo por natureza de hum sexo tão delicado, permittio Deos dar-lhes forças, e constancia pera supportarem tão acerbos trabalhos.

CAPITULO V.

Continuam-ſe as couſas do Governo de Manoel de Souſa Coutinho: torna Mirale Beque á coſta de Melinde: manda o Governador contra elle huma groſſa Armada: ſucceſſos que eſta teve na viagem.

EXpedidas as náos com carga pera o Reyno, tratou o Governador de acreditar a eſcolha que delle ſe fizera pera hum cargo tão importante, e no qual tanto ſe tinham aſſignalado os ſeus illuſtres anteceſſores; aſſim a primeira couſa em que entendeo, foi mandar huma poderoſa Armada em ſoccorro da coſta de Melinde; porém pera melhor entendimento do que vamos a dizer, cumpre ſaber, que ao tempo que Affonſo de Mello chegou da India á coſta de Melinde, eſtava Mirale Beque no eſtreito de Meca aviando alguns vaſos, pera com maiores forças vir, como elle dizia, lançar os Portuguezes fóra de toda aquella coſta; e como os Mouros della eſtavam muito magoados, e cortados de Affonſo de Mello pelo caſtigo que lhes dera por ſuas traições, e levantamentos, logo que eſte ſe retirou, mandáram ao eſtreito ſeus Embaixadores a Mirale Beque com cartas, preſentes, e dinheiro, pedindo-lhe

ab-

abbreviasse sua vinda pera os vingar das affrontas, perdas, e mortes que tinham recebido dos Portuguezes, e lançallos pera sempre daquellas terras.

A' vista destas instancias, apressou Mirale Beque a sua partida; e desembocando o estreito com quatro galés, e a fusta que tomára a Roque de Brito, veio no principio deste anno 1589. correndo a costa até Magadoxo, Cidade copiosa em Mouros, que o recebêram com muito contentamento, deram-lhe grossas quantias de dinheiro, e lhe rogáram quizesse dalli em diante ser seu protector, e defensor contra os Portuguezes. Daqui levantando ferro, veio visitando todas as Cidades, e lugares de Mouros daquella costa, até chegar a Melinde hum dia quasi á noite, com tenção de ao outro dia, em sendo manhã, entrar a bater a Cidade, e fazer-lhe todo o damno possivel, por ser de hum Rey amigo dos Portuguezes.

Andava então por Capitão daquella costa Mattheus Mendes de Vasconcellos, que a este tempo estava com o Rey na Cidade, o qual vendo o Mirale ancorado no porto, mandou buscar dous falcões, e assentando-os sobre huma coroa de arêa, pouco distante das galés, mandou bombardeallas de noite; e posto que fazia escuro,

e os tiros fossem dados á ventura sempre os Turcos recebêram damno; e não sabendo donde lhes vinha o mal, nem como se haviam defender delle, nem offender a quem lho fazia, leváram ancora, e foram-se na volta de Mombaça, que era o termo final da sua derrota, com tenção de se fazerem fortes nesta Ilha, e daqui sahirem com suas Armadas pera destruir Melinde, e lançar fóra os Portuguezes desta costa, o que com effeito não conseguíram, porque antes de sahirem do estreito, já em Melinde se sabia de sua vinda por meio das espias que o Capitão desta costa traz sempre no estreito, o qual com esta certeza expedio huma fusta com estas novas ao Governador Manoel de Sousa Coutinho, pera que o soccorresse com presteza, antes que os Turcos chegassem, e fizessem algum estrago.

Assim que o Governador recebeo estas novas, antevendo o grande damno que os Turcos poderiam fazer por toda aquella costa, tratou logo de concluir o apresto da Armada, que destinava mandar em soccorro della, a qual se compunha de duas galeaças, sinco galés, seis galeotas de traquete, seis fustas, e huma manchua pera serviço da mesma Armada, em que hiam embarcados novecentos homens de peleija, e por Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho,

nho, irmão do mesmo Governador, a qual partio de Goa aos 30. de Janeiro deste anno, navegando com vento prospero; porém depois de engolfada, achou os mares tão verdes, e o tempo tão tormentoso, que huma das galés arribou a Goa com agua aberta; as duas galeaças apartaram-se da Armada de remo, e ficáram luctando com o tempo, e com os mares; as galés correndo á feição do vento, foram demandando a terra deserta da Ethiopia, onde estiveram perdidos, e milagrosamente se salváram; porque vindo huma noite mettidos já no rolo do mar, e quasi marrando com a terra, permittio Deos que divisando nella dous fogos, virassem logo pera o mar, muito admirados, e temerosos, por entenderem até alli que estavam mui longe della.

Assim correndo toda a noite sem saberem onde estavam, ao outro dia pela manhã, que foram 20. de Fevereiro, deram vista de terra, e achou-se toda a Armada sem faltar vaso algum, excepto as duas galeaças, que tinham ficado por poppa; e dando muitas graças a Deos pelo beneficio que lhes tinha feito, em lhes dar os sinaes dos fogos pera se não perderem, foram seguindo sua viagem pera Melinde, e o primeiro porto que tomáram, foi o de

Bra-

Brava, Cidade habitada de Mouros amigos, ou pera melhor dizer fingidos, ou constrangidos, como são geralmente todos os destas partes pera comnosco. Aqui houveram novas certas da vinda dos Turcos áquellas costas, e que na derrota que fizeram pera Melinde, foram tyrannizando todos os Reys que lhes ficavam na passagem, e pedindo grossas quantias de dinheiro a cada hum á medida de suas posses.

A certeza destas novas foi muito festejada de toda a Armada; e em virtude della, mandou o Capitão Mór levantar ferro a 22. de Fevereiro, e foi ter ao porto de Ampaza, Cidade de Mouros, que dous annos havia fora destruida por Martim Affonso de Mello com morte de seu Rey, como se disse na nona Decada. O Principe de Ampaza, que tinha repovoado, e remendado as ruinas desta Cidade, ficou muito atemorizado com a vista da nossa Armada, e logo em continente mandou pedir ao nosso Capitão Mór seguro, e licença pera o visitar, o que elle lhe concedeo; e recebendo-o cortezmente a bordo da sua galé, o despedio com a esperança de assentar pazes com elle na volta que fizesse, se desse provas de ser amigo dos Portuguezes, e não ter agazalhado os Turcos.

Daqui partio o Capitão Mór, e foi apor-

aportar á Ilha de Lamo pera fazer aguada, por ser a melhor de toda a costa, e facil de tomar, por ficar á borda do mar, e aqui achou recado de Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão daquella costa, em que lhe dizia, que as galés dos Turcos estavam mettidas em Mombaça, cujo Capitão Mór era Mirale Beque, de quem os Portuguezes tinham recebido tantos damnos, pedindo-lhe juntamente se não demorasse, porque se o Turco tivesse aviso da sua ida, provavelmente fugiria.

Com estas novas mandou logo o Capitão Mór levar toda a Armada; e seguindo sua viagem, aportou em Melinde a 3. de Março, onde foi recebido com grande alvoroço, tanto dos naturaes da terra, como dos Portuguezes. Assim que chegou, o foi logo visitar Mattheus Mendes de Vasconcellos, e lhe deo huma exacta informação do estado dos Turcos, e de como os tinha lançado de Melinde, e estava apparelhado com todo o necessario pera esta guerra, na qual toda a tardança era perigosa; pelo que mandou o Capitão Mór lançar pregão por toda a Armada, pera que ninguem desembarcasse. Porém tanto que foi noite, elle com alguns Fidalgos saltou em terra, e foi visitar o Rey de Melinde, grande amigo dos Portuguezes, e lhe en-

tre-

tregou hum rico presente, que lhe mandava o Governador da India. Com este Rey se achavam a este tempo o Rey, e o Principe de Pemba, que andavam lançados dos seus Estados, por se terem alçado contra elles os seus proprios vassallos, pelas razões que ao diante diremos, e esperavam que os Portuguezes os restituissem á posse do seu Reyno, como com effeito fizeram.

Dispostas as cousas necessarias pera esta guerra, fez-se o Capitão Mór á véla com toda a Armada, composta de quatro galés, sete galeotas, e oito navios, em que se incluia huma formosa galeota, e mais hum navio, que Mattheus Mendes tinha naquella costa, levando em sua companhia o mesmo Mattheus Mendes, o Rey, e o Principe de Pemba; e indo navegando ao longo da costa todo o dia, e toda a noite, acharam-se ao amanhecer defronte de Mombaça, a hum Domingo 5. de Março. Os Turcos, que estavam mettidos em hum Forte, que já tinham levantado á entrada da barra, assim que avistáram a nossa Armada, dispararam delle huma grossa peça de artilheria, e desenroláram muitas bandeiras no mesmo Forte, mostrando-se guerreiros, e contentes com a chegada dos Portuguezes; e tanto que a Armada se foi chegando, entráram a servilla com muitos pelou-

tos

ros de ferro coado, o que obrigou a nossa Armada a escudar-se com a mesma Ilha de Mombaça, pera daqui se dar ordem á entrada do rio, que figurava ser mais difficultosa do que não foi.

CAPITULO VI.

De huma Nação de Cafres, que veio destruindo meia Ethiopia, parou defronte da Ilha de Quiloá, e a destruio com morte de todos os seus moradores por traição de hum habitante da mesma Ilha: e daqui foi assentar seu arraial defronte de Mombaça, onde estava ao tempo que o Capitão Thomé de Sousa Coutinho chegou com a sua Armada.

EM quanto o nosso Capitão Mór dá as ordens necessarias pera a entrada da Armada no rio de Mombaça, cumpre dizer que neste mesmo anno sahio de suas terras huma Nação de Cafres, que vivia junto dos rios de Cuamá; e vindo correndo meia Ethiopia, devastando, matando, e comendo toda a cousa viva, que encontravam sem excepção de racionaes, ou irracionaes, de qualquer genero que fossem; e assim assolando todas as terras por que passáram até encarar com a Ilha de Quiloá,

que he povoada de Mouros, e fica junto da terra firme; vendo que a não podiam entrar, por ser cercada de mar, assentáram seu arraial na terra firme defronte da mesma Ilha, tendo-a de cerco alguns tempos, e comendo todas as creações, e sementeiras que os Mouros tinham na terra firme, de modo que nenhuma c[illegible] lhes vinha della pera a Ilha.

Neste tempo hum Mouro da mesma Ilha movido da cubiça, e ambição de honras, passou-se huma noite secretamente da Ilha pera a terra firme por hum passo que elle sabia, por onde se pode passar de maré vasia; e chegando ao arraial dos Cafres, disse aos que lhe sahíram ao encontro, que elle era da Ilha, e queria fallar ao Capitão Mór daquelle exercito em cousas de muita importancia; e sendo por elles levado, e apresentado ao Capitão, disse: » Senhor
» Capitão, saberás que eu sou natural des-
» ta terra, e morador nessa Ilha de Quiloá,
» que tens cercada, e sei de certo has de
» ser senhor della, e castigar seu povo por
» te não reconhecer por grande senhor, co-
» mo es, e obedecer como era razão; e
» eu conhecendo isto, venho agora dar-te
» a obediencia devida; e assim mais te que-
» ro metter dentro da Ilha com todo o teu
» exercito, pelo passo por onde eu agora

vim,

» vim, que eu ſei muito bem; com tal
» condição que has de perdoar a morte a
» meus parentes que lá eſtam, e repartir
» comigo dos deſpojos, e riquezas que to-
» mares na meſma Ilha: e tambem me has
» de fazer mercê das terras que eu nella
» te apontar, pois niſſo te vai pouco, e
» eu intereſſo muito. »

A tudo iſto reſpondeo o Zimba que era contente; e que ſe elle o metteſſe na Ilha com a ſua gente, como dizia, que lhe promettia fazer tudo o que pedia: pelo que poſtos logo em ordem de paſſar o váo, o Mouro os encaminhou por elle, indo na dianteira, e moſtrando-lhe o caminho, e aſſim chegáram todos á *Ilha* depois da meia noite, onde tomáram todos os Mouros dormindo, bem deſcuidados da traição que lhes tinham feito, e do que lhes podia ſucceder; dos quaes os Zimbas matáram logo a maior parte, ſem haver reſiſtencia alguma, e aos mais cativáram, e depois os foram comendo pouco e pouco, em quanto alli eſtiveram, de modo que matáram, e comêram mais de trez mil Mouros, e Mouras que alli havia, entre as quaes eram muito formoſas, e delicadas; e roubaram toda a Cidade de Quiloá, em que acháram grandes deſpojos, e riquezas, eſcapando da morte ſómente os que tiveram

tempo de fugir pera os matos da mesma Ilha, onde andáram emmaranhados até os Zimbas se tornarem pera a terra firme, a qual Cidade foi antigamente mui nobre, e nella moravam os Reys de toda aquella costa, e ainda hoje se vê sua antiga nobreza nas ruinas das grandes, e sumptuosas Mesquitas, e aposentos que nella houve.

Depois que os Zimbas não tiveram que fazer na Ilha, mandou o seu Capitão que lhe chamassem o Mouro que os metteo nella, com toda a sua parentalha, a qual o Capitão mandou guardar, não querendo que fosse morto algum delles; e tanto que os teve diante de si todos juntos, virou-se pera o Mouro, e disse-lhe: » Não » quero, nem sou contente, que tão má » cousa como tu es, viva mais tempo, pois » foste tão cruel, que por teu proprio in» teresse entregaste tua patria, e teus na» turaes nas mãos de seus inimigos. » E virando-se pera os seus Cafres, disse: » To» mai esse máo homem, e toda sua gera» ção, e atados de pés, e mãos os lançai » todos naquelle mar, pera que os peixes » os comão; porque não he bem que fique » algum vivo de tão má geração, nem que» ro que os comais, porque sua carne de» ve ser peçonhenta » o que logo se poz em

em execução. Táo aborrecida he a traição ainda aos mesmos Tyrannos!

Destruida Quiloá, foi o Zimba continuando seu caminho pela terra firme até chegar defronte da Ilha de Mombaça, em cuja praia assentáram seu arraial, com resolução de passarem á Ilha por hum passo, que na vasante da maré se podia vadear com agua pela cintura, a fim de matarem, e comerem os moradores della, como tinham feito aos de Quiloá, por cuja causa tinham os Turcos dividido a sua Armada, collocando duas galés, e a fusta junto dos muros da Cidade, e as outras duas galés no mencionado passo, pera impedir a invasão dos Zimbas, que passavam de vinte mil. Foi nesta occasião que a nossa Armada chegou a Mombaça, e entrou o rio na ordem que vamos a dizer.

CAPITULO VII.

Entra a nossa Armada o rio de Mombaça: toma as galés dos Turcos: primoroso feito de seis Portuguezes: destruição da Cidade de Mombaça, e do mais que succedeo nesta acção.

ASsim que o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho chegou á barra de Mombaça, embarcou-se no esquife da sua

galé pera diſpôr a entrada da Armada: a Mattheus Mendes de Vaſconcellos mandou que foſſe na dianteira com os navios pequenos, e em ſeu ſeguimento as galeotas, e elle Capitão Mór na reta-guarda com as quatro galés. Neſta diſpoſição ſe levou toda a Armada embandeirada, e engalhardetada ao ſom de trombetas, pifaros, e tambores, que mais parecia entrada de paz, e de regozijo, do que conflicto de guerra. Aſſim huns apôs outros foram entrando todos os navios; e paſſando pelo Forte dos Turcos, donde lhes diſparavam muitos pelouros, que por felicidade nenhum mal fizeram aos noſſos, de que ficou bem pezaroſo Mirale Beque, que eſtava no meſmo Forte, perſuadido que poderia metter no fundo alguns dos noſſos navios; e ainda que neſta parte ſahiſſe baldadas ſuas eſperanças, ſem ſe deſanimar, eſperou pelas galés, parecendo-lhe que por ſerem maiores, empregaria melhor os ſeus tiros; porém ficou fruſtrado o ſeu deſejo; porque aſſim que a galé *Capitânia* emparelhou com o Forte, entrou a diſparar contra elle a ſua artilheria, e dos primeiros tiros lhe matou o Condeſtavel, com cuja morte deixou o Forte de atirar, e os Turcos que nelle eſtavam fugíram, e o deſampararam. Mirale Beque muito ſenti-

do-

do de ver fruſtradas as ſuas eſperanças , e muito mais do deſalento dos ſeus , montou em hum cavallo, e recolheo-ſe pera a Cidade, onde eſtava o Rey. Neſte em tanto ſe metteo hum mancebo Fidalgo em hum batel com ſinco companheiros; e ſaltando em terra, commettêram o Forte, onde encontráram dous Turcos mortos , e dous com vida, a quem logo igualáram na ſorte dos dous primeiros ; arrancáram as bandeiras, que eram de ſeda, e mui formoſas, e retiráram-ſe outra vez pera a galé de que tinham ſahido , e nella foram recebidos com muita feſta.

Aſſim que Mattheus Mendes de Vaſconcellos entrou o rio, logo accommetteo as duas galés, e a Fuſta que eſtavam junto dos muros da Cidade, as quaes diſpararam contra ella por duas vezes a ſua artilheria, ſem damno algum dos noſſos; e continuando no ſeu accommettimento , abalroáram as galés com tal furor , que não mediou tempo entre inveſtir, e vencer: os Turcos que pertendêram reſiſtir, foram paſſados á eſpada ; os outros lançando-ſe ao mar , e nadando, ganháram a Cidade, que não eſtava muito longe. Alguns Portuguezes os ſeguíram tambem a nado, e na praia matáram ainda muitos ; e de tal ſorte ſe empenháram neſte combate , que foi preciſo que hum

hum dos nossos officiaes se deitasse ao mar, e fosse a terra pera os obrigar a recolher.

Nestas duas galés tinha Miral Beque enthesourado todas as riquezas, que grangeára nesta caravana, as quaes consistiam em muito ouro, e muita prata, ambar, algalia, marfim, roupas finas, e muitos escravos, de que os nossos soldados houveram ricos despojos. Vencidas estas duas galés, e fusta, mandou o Capitão Mór os mesmos navios que as rendéram com duas galés mais, que surgissem avante, e fossem ao passo em que estavam as outras duas galés Turcas, que as combatessem, e as tomassem, e elle deixou-se ficar com duas galés, e dous navios defronte da Cidade, dando ordem que se puchassem pera o largo as duas galés, e a fusta já vencidas, que estavam chegadas ao muro della.

Depois disto feito, mandou a D. Francisco Mascarenhas que com cem homens fosse á Fortaleza, que os Turcos tinham levantado na barra, e lhes tirasse toda a artilheria que nella achasse; o que se concluio no mesmo dia, ainda que com muito trabalho, por serem as peças muito grandes, em que entravam algumas, que lançavam pelouros de trinta arrateis.

Os que foram em demanda das Galés dos Turcos, que defendiam o passo aos

Zim-

Zimbas, aſſim que chegáram a prolongar-ſe com ellas, logo as abalroáram, e rendêram; mas não tão facilmente como as outras, porque nellas eſtava toda a melhor gente dos Turcos, por cauſa dos Zimbas com quem peleijavam: e ſem embargo de ſer muito renhido o combate, ſó dous Portuguezes morrêram, e cem da parte dos inimigos, ficando neſta refrega cativos mais de ſetenta, ſem contar os Chriſtãos que vinham ao remo, que logo foram libertados, nem muitos eſcravos de Portuguezes, que ſe reſtituíram a ſeus donos. Neſtas galés ſe ach//áram vinte e tres peças de bronze, e ſinco de ferro, e entre eſtas huma aſſás grande; e eſtas eſtavam aſſeſtadas contra os Zimbas, pera defender a entrada na Ilha, os quaes Zimbas eſtavam na terra firme, vendo a briga que os Portuguezes tinham com os Turcos, contra os quaes exercitavam a ſua crueldade; porque todo o que fugia das galés pera a terra firme, com medo dos Portuguezes, logo era apanhado por elles, eſquartejado, e comido: pelo que muitos dos Turcos vendo o pouco que lhes aproveitava o fugirem pera a terra firme, ſe tornáram pera os navios dos Portuguezes, eſtimando mais ſerem cativos deſtes, do que ſerem comidos pelos Zimbas. Todo o reſto do dia ſe gaſtou em eſcorxar as galés

da

da muita riqueza que tinham, curar os feridos, e agrilhoar os cativos.

Neste mesmo dia á noite foi ter á galé Capitânia hum recado do Rey de Mombaça, pedindo misericordia ao Capitão Mór, o qual lhe mandou em resposta, que se elle lhe entregasse os Turcos que tinha comsigo, lhe outorgaria o que solicitava; que pera se resolver lhe dava de praso vinte e quatro horas; e a não querer estar por esta condição, escusasse de lhe mandar mais recados; porque passado o tempo perfixo, daria sobre a Cidade, e a destruiria desde os alicerses, sem deixar cousa alguma em ser.

Passadas as vinte e quatro horas, e com ellas as treguas que o Capitão concedêra ao Rey de Mombaça; e vendo que não tornava recado seu, desembarcou em terra no dia 7. de Março pela manhã com quinhentos Portuguezes bem armados, e seguindo huma bandeira, em que hia hum Christo crucificado, foram entrando pela Cidade, sem acharem resistencia alguma, porque todos os Mouros que a habitavam eram fugidos, e emmaranhados pelos matos da Ilha. Não encontrando o Capitão resistencia alguma na Cidade, mandou saqueal-la, e lançar-lhe o fogo: depois disto vindo já de retirada, mandou de caminho quei-

queimar huma fermosa náo, e outros navios dos inimigos, que estavam varados na praya, e ao mesmo tempo derrubar os muros da Cidade, e o Forte, que os Turcos tinham levantado na barra.

CAPITULO VIII.

Do recado que os Zimbas mandáram ao Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho: entrada destes na Ilha de Mombaça: cativeiro de Mirale Beque, e de outros muitos Turcos, e Mouros da Ilha: chegam a Mombaça as Galvetas que ficáram no Golfo: vinda do Principe de Pate, e restituição do Rey, e Principe de Pemba a seus Estados: causas do levantamento dos seus Vassallos: descripção da Ilha de Pemba, e partida da Armada Portugueza pera Melinde.

COncluida pelos Portuguezes a destruição da Cidade de Mombaça, e vendo os Zimbas que elles alli já não tinham que fazer, mandáram hum recado ao Capitão Mór, dizendo que elles eram seus amigos, e não queriam guerra com elle, nem com gente sua; e pois que tinham acabado sua empreza tão honradamente, e com tanto damno de seus inimigos, que tambem elles que-

queriam acabar a sua, em que estavam havia muitos dias, que era entrar na Ilha de Mombaça, e buscar os Mouros, que estavam escondidos pelos matos pera os acabar de matar, e comer. Não pezou ao Capitão Mór com esta embaixada, porque entendeo que os Mouros, e Turcos, que estavam escondidos na Ilha com medo de serem comidos pelos Zimbas, fugiriam pera a praia, querendo antes o cativeiro dos Portuguezes com vida, que serem mortos, e comidos pelos barbaros, como aconteceo; porque sabido o tempo em que os Zimbas haviam de entrar na Ilha, mandou o Capitão Mór nesse dia pôr ao longo das praias da Ilha, em paragem que pudessem ser vistos de terra, os batéis, e esquifes da Armada com ordem de recolherem nelles os fugidos que pudessem.

Estando pois nos lugares destinados, víram vir grande multidão de gente fugindo pera a praia, e gritando pera os batéis que os tomassem, porque os Zimbas lhes vinham no alcance pera os matar, e comer, pelo que logo se chegáram quanto puderam á terra, e ás espingardadas defendêram os fugidos que mais se puderam chegar, entre os quaes veio o Capitão Mór dos Turcos Mirale Beque fugindo montado em hum cavallo; e mettendo-se pelo mar com agua

pe-

pelo pescoço, pedia aos nossos que o tomassem, como logo fizeram, posto que com algum trabalho, porque choviam sobre elle infinitas fréchas dos Zimbas que o vinham seguindo, e o desejavam matar pela muita resistencia que lhe tinha feito no passo em que peleijou com elles.

Com este Capitão vieram mais trinta Turcos honrados, entre os quaes vinha hum Capitão das suas Galés, homem de muita feição, e hum Xarife, que era Provedor da sua Armada. Tambem tomáram mais de duzentos Mouros de Mombaça, que escapáram da boca dos Zimbas. E não podendo recolher mais gente, por serem as embarcações pequenas, e estavam já muito mettidas no fundo com a que tinham tomado, era mágoa ver affogar muitas mulheres, e crianças, que por medo dos Zimbas se lançavam ao mar, escolhendo antes a morte da agua, que a do ferro cruel dos barbaros.

Depois que as embarcações recolhêram a gente que podiam boamente levar, voltáram pera á nossa Armada, que estava surta no meio do rio, e foram despejando a gente pelos navios. *Mirale Beque foi levado á galé Capitânia; e assim que entrou nella*, fez sua cortezia, e cumprimentos ao Capitão Mór, como de servo a senhor, e

com

com muito animo, e prudencia lhe disse:
» Não me espanto da minha adversa fortu-
» na, porque são successos de guerra; e
» mais quero ser cativo de Christãos, de
» quem já outra vez o fui em Hespanha,
» que ser comido dos Zimbas barbaros, e
» deshumanos. » O Capitão Mór o recebeo
com benignidade, dizendo, que fizera boa
escolha, de que lhe não havia de pezar ao
diante.

Cativou-se aqui tambem hum filho, e
hum Irmão de ElRey de Quilife, que esta-
vam com o Rey de Mombaça, o qual fi-
lho se resgatou; mas o Irmão foi degolla-
do, por se lançar da banda dos Turcos,
como adiante diremos. Neste dia, que fo-
ram 15. de Março, chegáram as duas Gal-
vetas á barra de Mombaça, as quaes disse-
mos tinham ficado no golfão da India lu-
ctando com os mares, e o Capitão Mór
lhe mandou logo recado da victoria que
Deos lhe tinha dado, a qual foi por ellas
muito festejada com huma formosa salva de
artilheria. Tambem neste mesmo dia che-
gou o Principe de Pate com sua gente, por-
que assim lhe tinha mandado o Capitão
Mór, pera se ajudar delle na terra, se fos-
se necessario; e porque já não havia que
fazer, mandou que se tornasse pera sua ter-
ra, e fosse de caminho dando as boas no-
vas

vas da victoria aos Reys da costa amigos dos Portuguezes, o que elle fez de melhor vontade, que peleijar com Turcos, e Mouros de Mombaça, que elle tinha por amigos.

Concluidas estas cousas de Mombaça, determinou logo o Capitão Mór de entender nas cousas de Pemba, pelo que mandou a Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão da costa, que fosse metter de posse o Rey de Pemba, que trouxera comsigo de Melinde, o qual pela rebellião de seus Vassallos estava desapossado do Reyno. Foram em sua companhia alguns navios da Armada, pera que se os da Ilha não quizessem obedecer a seu Rey, fossem castigados, e o Rey mettido de posse por força de armas. Mas tanto que Mattheus Mendes chegou a Pemba, não achou resistencia, nem contradicção alguma, antes mui pacificamente metteo o Rey de posse do seu Reyno, porque tão grande era o medo que toda aquella costa concebeo com a vinda desta Armada, que nenhuma cousa commettêram então os Portuguezes, que não consegissem nella com muita facilidade; porém não foi de muita duração o senhorio do Rey de Pemba, porque pouco depois foi obrigado a deixar pera sempre os seus Estados.

Pe-

Pera melhor se entender a razão disto, deve-se saber que Pemba he huma Ilha, que jaz defronte de Mombaça, distante da terra firme oito leguas, pouco mais, ou menos, a qual tem nove, ou dez leguas de comprimento, e he muito fertil de mantimentos, e em particular de arroz; tem muitas, e grandes creações de gado vacum, pela qual razão vale muito barato. Toda esta Ilha he cortada de muitas ribeiras de agua doce, e nella ha muitos matos de laranjeiras, e limoeiros sem dono, e devolutos a quem quizer colher delles. Tem muito rica, e grossa madeira, de que se podem fazer muitas náos; e com ser huma Ilha tão viçosa, fresca, e fertil, he muito doentia.

Nesta Ilha moráram sempre muitos Portuguezes, tanto mercadores casados, como soldados, e soffriam as doenças da terra pela grossa, e boa vida que nella levavam, por sua grande abundancia, e fertilidade; e tinham senhoreado tanto os Mouros da Ilha, e eram tantas as violencias, trapaças, e insolencias que lhes faziam, a que os Mouros chamam empofias, que por toda aquella costa eram falladas as empofias de Pemba; e não podendo os Mouros desta Ilha soffrer tantas forças, e affrontas, como de continuo recebiam dos Portuguezes, deter-

mi-

mináram de se levantar contra elles, e contra o seu mesmo Rey que os soffria; pelo que huma noite saltáram na povoação dos Portuguezes, e nas casas do seu proprio Rey, que perto destes estavam, e matáram muitos, assim homens, como mulheres, e meninos. O Rey com alguns Portugezes, que puderam escapar deste assalto, fugíram, embarcando-se em Pangaios, que estavam no mar perto da Ilha, e foram-se pera Melinde, onde se achavam ao tempo que aqui chegou o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho, o qual, como fica dito, mandou metter o Rey de posse de seu Reyno, o que lhe durou pouco, porque passados poucos tempos, se tornáram a levantar os Mouros desta Ilha, e nunca mais quizeram obedecer ao seu Rey natural, o qual se retirou pera a Fortaleza de Mombaça, onde se fez Christão, e alli vive hoje casado com huma Portugueza, das orfans que vem do Reyno pera estas partes da India.

Concluidas as cousas de Pate, e não havendo já que recear em Mombaça, nem que fazer em seu porto, entregou o Capitão Mór as galés dos Turcos aos Capitães que as haviam de levar pera a India, provendo-as de chusma, munições, officiaes, e mantimentos, e mandou levar toda a Armada, fazendo sua derrota pera Melinde

aos 22. de Março, aonde chegou com dous dias de viagem, e foi recebido com muita festa, e alegria assim do Rey, como dos Mouros da terra; e logo o Rey, e o Principe, e Regedores de Melinde foram visitar o Capitão Mór á sua galé, e com grande admiração louvavam a mercê que Deos fizera aos Portuguezes em lhes dar tão brevemente huma victoria tão assignalada. E depois que entráram na galé, e víram nella prezo a Mirale Beque com os mais Turcos, e Mouros nobres de Mombaça, ficáram muito mais admirados, e diziam: *Com os Portuguezes não se tome ninguem, porque tarde, ou cedo lho ham de pagar.*

No dia seguinte foi ó Capitão Mór a terra visitar o Rey, onde o recebêram com muitas festas, musicas, tangeres, e bailes, e não se fartavam todos de louvar os Portuguezes, e dar graças a Deos pela mercê que lhes fizera em os livrar de tão grande corsario, como era Mirale Beque. Aqui deixou o Capitão Mór a Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão da costa, dous navios mais dos da Armada, e alguns soldados pera se defender dos Zimbas, que vinham correndo a costa, e haviam de passar por Melinde; depois despedio-se de ElRey, e partio pera Lamo aos 27. de Março, aonde chegou no dia seguinte.

CA-

CAPITULO IX.

Situação da Ilha de Lamo, cujo Rey foi prezo, e justiçado com os mais Mouros levantados da costa de Melinde.

TAnto que o Capitão Mór chegou á Ilha de Lamo, que jaz além da Cidade de Melinde, e lançou ancora no seu porto, logo o Rey da terra o veio visitar mui confiado á Galé, e como se fora leal, e verdadeiro amigo, e não tivera entregado Roque de Brito aos Turcos, e os mais Portuguezes da sua companhia, que passavam de quarenta; mas tanto que entrou na Galé, logo o Capitão Mór o mandou prender nella, e o mandou pôr ao banco: depois chamou a Conselho todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e foi assentado pelos do Conselho, que o Rey de Lamo fosse degollado pera exemplo, e espanto dos outros Reys da costa. Desta Ilha se partio, levando prezo o Rey; e chegando a Pate, outra Ilha mui formosa, e fertil, e muito grande, que está pouco distante da de Lamo, e mui chegada á terra firme, a qual he senhoreada por tres Reys, que vivem em tres Cidades situadas dentro da mesma Ilha, povoadas de muitos Mouros, que são

Pate, Sio, e Ampaza, e todas tributarias a ElRey de Portugal) mandou ao Principe da terra, ao Rey de Sio, e de Ampaza, que viessem assistir á morte de ElRey de Lamo, e trouxessem comsigo seus Regedores, e todos os Mouros principaes de suas Cidades; o que inteiramente cumpríram.

Depois de estarem todos juntos, mandou o Capitão Mór fazer hum cadafalso na praia, em cuja guarda mandou pôr duzentos Portuguezes. Isto feito, desembarcou em terra com grande estado, acompanhado de todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e logo mandou desembarcar os que haviam de ser justiçados, o que tudo foi feito na manhã de 6. de Abril. Tanto que chegáram os justiçados, subíram logo o Rey de Lamo ao cadafalso, presentes todos os Principes Mouros, e Regedores que fica dito, e mandáram ao Rey que se lançasse em sima de huma alcatifa, que estava pera isso posta no theatro, o que elle logo fez; e deitado nella, lhe cortáram a cabeça, dando primeiro o seguinte pregão em lingua Portuguez, e depois na linguagem da terra, pera que todos os Mouros soubessem a causa de sua morte: » Justiça » que manda fazer o muito alto, e pode- » roso Rey D. Filippe Primeiro nosso Se- » nhor, e em seu nome o Senhor Thomé

» de

» de Sousa Coutinho, Capitão Mór desta » sua Armada: manda degollar este Rey » de Lamo, por nome Banebaxîra, e confiscar-lhe todos seus bens pera a Coroa de » Portugal, por ora o achar mettido de » posse do Reyno de Lamo contra justiça, » e razão, sendo elle tido, e havido por » trédor, e levantado, como he, e entregar » aos Turcos falsariamente a Roque de Brito com quarenta Portuguezes, entre homens, mulheres, e meninos; e como rebelde se tornar agora a confederar com » os mesmos Turcos, e ajudallos. E porque isto seja notorio a todos os Reys desta costa, manda sobpena de serem havidos por trédores, e postos no mesmo lugar, » com as proprias penas, que ninguem dê » sepultura a seu corpo. » Acabado este pregão, lhe cortáram a cabeça.

Logo apôs este Rey foi justiçado no mesmo cadafalso o Irmão de ElRey de Quilife, que foi achado em companhia dos Turcos em Mombaça, ao qual da mesma maneira cortáram a cabeça, e depois fizeram em quartos pera os dependurarem em diversas partes. Trouxeram logo os dous Regedores de Pate, que tinham ido ao estreito de Meca em busca dos Turcos, que tambem foram tomados em sua companhia na Ilha de Mombaça; e por honra do

do ſangue Real, não quiz o Capitão Mór que foſſem degollados em ſima do theatro, ſenão ao pé delle ſobre hum cepo; que pera iſſo lhe puzeram no chão, onde foram degollados, e eſquartejados, e poſtos ſeus quartos pelos muros da Cidade; e lugares publicos. E como eſtes Regedores eram naturaes da meſma Cidade, foi muito ſentida ſua morte, e ſuas mulheres, e parentes davam por ſuas vidas muito dinheiro; mas nada lhes valeo pera deixarem de ſer juſtiçados.

Foi eſta juſtiça couſa que aſſombrou todos os Reys, e Mouros deſta coſta, e tremiam com medo de lhes poder ſucceder a cada hum o meſmo caſtigo; e poſto que todos o não tiveſſem no corpo, o ſentíram na bolſa; porque o Capitão Mór condemnou os Mouros de Pate em quatro mil cruzados pera as deſpezas da Armada, porquanto tinham recebido os Turcos, dando-lhes ſeu dinheiro ſem peleijarem com elles, nem lhes defenderem a deſembarcação no ſeu porto, podendo, como eram obrigados, conforme ás pazes que tinham feito com os Portuguezes. Além diſſo lhes mandou que logo quebraſſem hum formoſo baluarte, que tinham de pedra, e cal, pois lhes não valeo pera ſe defenderem dos Turcos, porque pera os Portuguezes não ſervia

o que os Mouros acceitáram, e fizeram, posto que não de boa vontade.

Tambem o Rey de Sio foi prezo na Galé, e posto a banco por duas causas: a primeira, porque recebeo os Turcos, e lhes deo dinheiro; a segunda por não ir a Mombaça, como foi o Principe de Pate, tendo-lhe mandado o Capitão Mór pera se ajudar delle contra os Turcos, pelas quaes culpas o condemnou que pagasse tres mil cruzados pera despezas da Armada, e mandasse quebrar os muros da sua Cidade de Sio, que todos eram de pedra, e cal; e não foi solto da galé até não cumprir esta pena que lhe tinham imposto.

CAPITULO X.

Destruição da Ilha de Mandra: pazes que o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho faz com os Reys da Costa de Melinde: sua partida pera a India, e chegada a Goa: conversão de Mirale Beque.

DEfronte de Pate ha outra Ilha chamada Mandra, de muito máo desembarcadouro, e nella huma Cidade povoada de Mouros, os quaes havia muito tempo estavam levantados, sem quererem pagar as pareas que eram obrigados dar á Coroa de Por-

Portugal; e tão ſoberbos eſtavam, que quando a noſſa Armada paſſou pera Mombaça, querendo hum navio della fazer aguada na meſma Ilha, os moradores della lhe diſſeram, que não deſembarcaſſem em terra, porque em Mandra ſómente o Sol podia entrar: pela qual razão concluidas as couſas de Pate, e Sio, mandou o Capitão Mór alguns ſoldados com todos os navios de remo que foſſem deſtruir, e pór por terra a Cidade de Mandra, os quaes foram; e tanto que chegáram á viſta da Ilha, logo os Mouros della deſampar áram a Cidade, pelo grande medo que tinham concebido dos Portuguezes, e fugíram pera os matos da Ilha, pelo que os noſſos deſembarcáram nella pacificamente, puzeram a Cidade por terra, e cortáram-lhes mais de duas mil palmeiras, que he a maior guerra que ſe póde fazer a eſta gente: e pera eſte effeito, mandou o Capitão Mór aos Mouros de Pate, e Sio que foſſem na companhia dos Portuguezes com ſerrotes, e machados pera ajudarem a cortar as palmeiras da Ilha, o que elles fizeram com muito goſto, por ganharem a vontade do Capitão Mór, e cobrarem a paz, e amizade dos Portuguezes.

Terminada a deſtruição de Mandra, e junta toda a Armada, partio o Capitão Mór aos 12. de Abril do Porto de Pate

pe-

pera o de Ampaza, onde assentou, e fez pazes com o Principe da mesma Cidade, por achar que não tinha offendido aos Portuguezes em cousa alguma; e pera isso mandou vir o Principe á sua Galé, onde se achou presente o Principe de Pate, e o Rey de Sio, e todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e diante de todos fez o Principe de Ampaza hum solemne juramento em seu Moçapho, de guardar inteiramente o concerto de pazes, o qual era: » Que » elle seria obrigado a dar em cada hum » anno vinte escravos pera as Galés do es» tado da India, e não deixaria entrar em » suas terras homens trédores á Coroa de » Portugal; e sendo caso que viessem Tur» cos á costa, elle se ajuntaria com os Reys » de Sio, e Pate, pois todos eram vizi» nhos, moradores na mesma Ilha, e Vas» sallos de ElRey de Portugal, e lhe de» fenderiam o porto até morrer na conten» da; e assim mais lhe não dariam agua, » nem Pilotos, nem favor, nem cousa al» guma de suas terras, sobpena de serem » havidos por trédores, e castigados, como » foi Mombaça, Mandra, e o Rey de La» mo. » As mesmas condições de pazes juráram os Reys de Pate, e Sio com todos os seus Regedores. E o Capitão Mór, em nome de Sua Magestade, prometteo de cum-

cumprir, e guardar ás ditas pazes, cumprindo elles o que tinham jurado. Acabada esta ceremonia, foi jurado Rey natural o Principe de Ampaza com muita festa, som de trombetas, tambores, pifaros, e artilheria.

Postas as cousas desta costa na ordem que temos dito, partio o Capitão Mór deste porto com toda a Armada pera a India aos 15. de Abril, levando em sua companhia as galés, e fustas dos Turcos, e os cativos que tomou em Mombaça; e desta maneira foi navegando até á Ilha de Socotorá, aonde chegou a 28. de Abril; e tomando aqui mantimentos, e agua, se fez na volta de Goa, aonde chegou com prospero vento a 16. de Maio, em cuja barra achou o Governador Manoel de Sousa Coutinho, que tendo já noticia da sua vinda, o estava alli esperando.

Tanto que a Armada surgio no Rio, veio logo o Governador á Galé Capitânia muito alegre, e dando graças a Deos pela mercê que lhe tinha feito de lhe dar huma vitoria tão assignalada. Aqui se lançou Mirale Beque a seus pés; e elle levantando-se da cadeira em que estava, lhe disse, que se levantasse; e tornando-se a assentar, lhe perguntou como estava; ao que o Turco respondeo: *Como escravo de V. Senhoria*; e

o

o Governador lhe tornou: *Alegrai-vos, e esperai em Deos, que já eu fui cativo de peior Senhor do que vós sois, que foi o Malabar; e agora estou neste estado que vedes: Assim vos póde succeder a vós.* A isto respondeo Mirale: *Senhor, verdade he que eu sou cativo; mas sendo-o de V. Senhoria, me hei por mui grande Senhor.* No dia seguinte entrou a Armada pera dentro, e foi recebida, e festejada na Cidade de Goa com muitas festas, e descargas de artilheria, como tal vitoria merecia. Mirale Beque foi mandado pera o Reyno, onde se converteo, e fez Christão, no que restaurou pera sua alma todas as perdas, e quebras que tinha recebido no corpo; os mais Turcos, e Mouros ficáram servindo nas Galés deste Estado da India.

CAPITULO XI.

Desbarato total dos Zimbas em Melinde com o soccorro dos Cafres Mosseguejos: chegam a Goa quatro náos do Reyno.

A Expedição que acabamos de tratar foi certamente huma das mais notaveis do Governo de Manoel de Sousa Coutinho, posto que não foi a unica que deo a conhecer a actividade, zelo, e valor deste

Fi-

Fidalgo, cujas qualidades sempre sustentou; e pelas quaes sempre mereceo hum geral, e público respeito; e como os grandes, e valerosos Generaes infundem valor nos officiaes, e soldados que servem sobre os seus auspicios, desta influencia coube muita parte a Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão da costa de Melinde, que com trinta Portuguezes, entre soldados, e mercadores, fez cara a todo o exercito dos Zimbas; os quaes concluida a suá empreza de Mombaça, que foi basculhar os matos desta Ilha, e matarem, e comerem a quantos Turcos, e Mouros puderam achar, e a toda a cousa viva que nella encontráram; e passando-se depois á terra firme, foram caminhando até Melinde.

O Rey de Melinde, bem que andasse muito atemorizado com as novas da vinda dos Zimbas, e da destruição que tinham feito em Quiloá, e Mombaça, com tudo não deixava de ter grande confiança no esforço de Mattheus Mendes de Vasconcellos, que então se achava em Melinde com trinta Portuguezes sómente, como já dissemos, os quaes estavam todos apostados a defender-lhe a Cidade, ou morrerem na contenda. Chegando finalmente os Zimbas a Melinde com muita soberba, e ousadia, como quem até então nenhum medo tinha

de

de naçáo alguma, commettêram a Cidade com muito esforço; e posto que os nossos matáram muitos á espingarda, com tudo isso não deixavam de entrar por algumas partes do muro, que era baixo, e estavam já quasi senhores de hum baluarte, havendo briga mui travada de parte a parte. Porém neste tempo chegáram de soccorro a Melinde mais de tres mil Cafres amigos de ElRey, chamados Mosseguejos, os quaes tendo noticia do aperto em que ElRey de Melinde, seu amigo, estava com a vinda dos Zimbas, o vinham soccorrer.

Estes Mossequejos são homens mui esforçados, e amigos de guerra, dos quaes ao diante trataremos mais largamente. Chegando pois a tempo de combate, deram nas costas dos Zimbas com tanto animo, e esforço, que em breve tempo os ajudáram a desbaratar, e pôr em fugida. E como os Zimbas eram estrangeiros, e tinham feito tantos males, e mortes pelos caminhos, e terras por onde foram, o mesmo lhe fizeram a elles em sua fugida, matando a todos por onde quer que os achavam, e sómente escapáram com vida o Capitão delles, e obra de cem homens, que tornáram a desandar o caminho por onde foram, todos unidos em hum corpo, sem se apartarem até chegarem outra vez a suas terras.

De

De modo que nesta Cidade de Melinde com o esforço dos Portuguezes, e ajuda dos Mosseguejos se acabou o exercito dos Zimbas, que tinha sahido das terras, que correm ao longo do rio de Sena, e chegado até Melinde, que são quasi trezentas leguas de caminho, sem haver quem lhes resistisse, nem peleijasse com elles, antes lhes largavam as povoações, e lugares por onde sabiam que vinha este cruel, e carniceiro exercito. Dos costumes, e brutalidades destes Cafres Zimbas trataremos ao diante, e em lugar mais opportuno.

Daremos fim a este anno com a vinda de quatro náos, que no mez de Outubro chegáram a Goa, das sinco que em Abril passado expedio de Lisboa pera a India El-Rey D. Filippe Primeiro, das quaes veio por Capitão Mór Bernandim Ribeiro Pacheco na náo Madre de Deos, Christovão Correa da Cunha na náo S. Bernardo; Sebastiam de Macedo de Carvalho na náo Nazareth; Christovão de Sousa na náo Santo Alberto. Estas quatro náos chegáram a salvamento; porém a quinta, que era a náo Santo Antonio, Capitão D. João da Cunha, desappareceo na viagem, sem se saber nem o como, nem aonde: as quatro náos se foram pera Cochim aviar de carga pera no anno seguinte voltarem pera o Reyno.

CA-

CAPITULO XII.

Continuão-se os successos do Governo de Manoel de Sousa Coutinho: chega a Goa o novo Viso-Rey: parte pera o Reyno o seu Antecessor, e naufraga nos baixos do Garajao.

CHegada a monção, e promptas de carga as náos que em Outubro do anno passado chegáram á India, partíram de Cochim no mez de Janeiro deste anno, das quaes tres chegáram em direitura ao Reyno; porém a Capitânia errando a Ilha de Santa Elena, foi ao Brazil tomar agua; e indo seguindo depois sua viagem pera Lisboa, foi assaltada de sete náos Inglezas com quem batalhou sinco dias, das quaes se defendeo valerosamente, e com pouco damno chegou ao termo da sua derrota. Expedidas as náos, e não podendo o animo activo do Governador estar ocioso em Goa, embarcou-se em huma Armada, e foi visitar todas as nossas Fortalezas do Norte, e levantar huma de novo em Mascate, e ao mesmo tempo castigando, e destruindo os inimigos do Estado, que infestavam os mares com seus roubos.

Desta mesma Armada mandou huma parte ao Reyno de Olala, onde fez grandes

des destruições, e tomou muitos navios, e náos em ajuda de ElRey Banguel amigo do Estado, pela qual razão sempre achou os Portuguezes promptos pera o soccorrerem contra seus inimigos, o que fizeram em huma occasião com alguns de infelicidade; porquanto mandando-se-lhe no tempo deste Governador trezentos Portuguezes para o ajudarem a cortar, e derrubar huns palmares do Rey de Olala, estes desprezando o inimigo, se derramáram pela terra de tal sorte, que cahindo sobre elles aquelles mesmos a quem tanto desprezavam, facilmente os passáram todos á espada sem escapar hum só, que pudesse dar noticia deste tragico successo.

Porém não foi sómente esta a vez em que a presumpção, e desacisada confiança dos Portuguezes lhes foram funestas, e á sua propria custa aprendêram a não desprezarem a fraqueza dos inimigos; pois que encontrando-se huma Galera nossa com huns barcos de corsarios Canganezes, mofando do seu pouco poder, os entráram a assoviar, e a injuriar com palavras muito affrontosas; de tal sorte que irritáram tanto aos Canganezes, que abalroando a Galé, a entráram, e passáram á espada todos quantos Portuguezes nella vinham..

Estas desventuras particulares nada di-

mi-

minuem a gloria de que se cubríram as Armas Portuguezas durante o Governo de Manoel de Sousa Coutinho, o qual se findou com hum sanguinolento combate de duas Galeras nossas, de que eram Capitães D. Francisco Rolim, e D. Francisco Mascarenhas com huma Armada de Malabares, capitaneada pelo célebre Mouro Cutimuza, as quaes duas Galeras foram mandadas a Chaul pera trazerem a Goa hum Embaixador do Mogor; e chegando ao Rio de Carapatam, foram accommettidas por toda a Armada Malabar. Mas os nossos não se desanimando á vista da superioridade dos inimigos, que tão desigual fazia o combate, não só se defenderam animosamente, mas obrigáram os Malabares a evitarem com huma apressada fugida a sua total ruina.

Pouco depois mandou o Governador contra elles huma Armada, que lhes tomou doze galés no mesmo Rio de Carapatam. Estas foram as memorias que pudemos achar deste Governo, no qual certamente houve outras muitas cousas bem dignas de escritura; mas ou se perdêram, ou escapáram, como as de outros muitos Heroes, aos escritores Portuguezes, ou as occultou a inveja, como muitas vezes acontece.

A este tempo já vinha navegando pa-

ra a India o novo Viso-Rey Mathias de Albuquerque, que neste anno foi nomeado por ElRey D. Filippe Primeiro, o qual tinha ido o anno passado pera a Europa; pessoa que não só por suas qualidades, e Fidalguia, mas por seu saber, valor, e prudencia se fazia merecedor de cargo tão importante, o qual partio de Lisboa a 8. de Maio deste anno com huma Armada de sinco náos, de que era Capitão Mór o mesmo Mathias de Albuquerque na náo Bom Jesus; Loppo de Sina na náo Conceição, João Lopes de Azevedo na náo Santo Antonio, Pedro Gonsalves na náo S. João, e Alvaro de Paiva na náo S. Filippe. Estas quatro ultimas arribáram a Lisboa por sahirem fóra de monção, por a qual razão auguravam todos que o Viso-Rey não póderia chegar á India; porém elle protestava que a pezar de tudo havia de ir a Goa, e o conseguio; pelo que dizem alguns, que em allusão a isto se mandára pintar em hum estandarte com os pés sobre a fortuna, e o arvorára sobre a poppa da sua náo.

A náo do Viso-Rey seguindo sua viagem, chegou tanto ávante, que avistou a costa da India; porém não podendo tomar Mascate, nem Ormuz, foi aportar a Socotorá; onde estando surta lhe quebrou a amarra; e levando-se pera ir tomar Moçam-

bi-

bique, descahio tanto, que chegou muito perto dos baixos de João da Nova; onde houvera de se perder, se por fortuna lhe não viesse de repente hum vento, que o levou a Moçambique, aonde chegou a 10. de Janeiro do anno 1591. com a maior parte da gente morta, e ahi invernou. Chegado o tempo de seguir sua viagem, deixou a náo em que tinha vindo, e foi-se pera a India em huma frota de Galés, e Fustas, cujos Capitães eram D. Jorge de Castello-Branco, Manoel de Sousa de Gouvea, Francisco Lopes Tigre, D. Alvaro de Abranches, e outros, cujos nomes ignoramos, e Capitão Mór o mesmo Viso-Rey, os quaes todos chegáram felizmente a Goa no dia 15. de Maio deste anno. Pouco depois chegou tambem a náo que elle deixára em Moçambique, a qual invernou este anno em Góa.

Com a vinda do nosso Viso-Rey dimittio nelle Manoel de Sousa Coutinho o Governo, que teve tres annos, e dezeseis dias, e foi-se pera Cochim cuidar na sua viagem pera o Reyno, pera o que lhe deo o Viso-Rey a náo Bom Jesus, em que elle tinha vindo, na qual elle se embarcou com toda a sua familia, e naufragou nos baixos do Garajao, como se dirá em seu lugar.

CAPITULO XIII.

Manda o novo Viso-Rey huma Armada contra o Cunhale: tomão-se duas nãos de Meca, e duas Armadas inimigas: morte de ElRey de Manar, e he alçado Rey em seu lugar seu filho segundo.

COm a chegada do nosso Viso-Rey a Goa, dimittio nelle Manoel de Sousa Coutinho o governo; e entrando logo a entender nas cousas delle, soube que o Rey de Jafanapatan favorecia poderosamente os interesses do Rey de Cande, com grave damno dos Portuguezes, e de quantos seguiam a Lei de Christo; pelo que mandou aprestar huma poderosa Armada, cuja Capitanía mór deo a André Furtado de Mendoça, a quem ordenou fosse castigar a insolencia daquelle barbaro, e quebrar-lhe a arrogancia com que se intitulava Rey dos Reys.

Sahio de Goa André Furtado em Agosto deste anno; e chegando defronte de Calecut, houve vista de tres nãos de Meca, que fiadas na grande chusma de Turcos que traziam, e na muita, e grossa artilheria que as guarnecia, não duvidáram affrontar-se com os nossos, que depois de hum

bem

bem porfiado combate, mettêram duas a pique, e aprezáram a outra.

Ganhada eſta batalha, foi ſeguindo ſua derrota em demanda do corſario Cutimuza, ſobrinho, e General do Cunhale, que com huma frota de vinte e huma galés ſe tinha ſenhoreado de toda a Coſta de Coromandel, por onde fazia notaveis damnos aos navegadores Portuguezes, vangloriando-ſe juntamente de que nos havia de lançar fóra das Fortalezas de Manar, e de Columbo; e encontrando com elle á entrada do Rio de Cardiva, aqui meſmo lhe offereceo batalha, e elle a não recuſou confiado em ſuas forças, e nos ſeus bons ſucceſſos paſſados. Com igual valor ſe inveſtíram eſtas duas Armadas, mas não com a meſma fortuna; porque depois de huma muito obſtinada peleja, deixou Cutimuza toda a ſua Armada em poder dos noſſos; e pera ſalvar a vida, e a liberdade, ſe entregou ás aguas do rio, e por elle aſſima eſcapou nadando.

Com eſtas duas victorias de antemão ganhadas, chegou o noſſo Furtado ao porto de Manar, onde achou ancorada huma Armada, não menos poderoſa que a que elle mandava, a qual improviſamente accommetteo, e rendeo, ſem lhe eſcapar hum ſó vaſo della. Neſta acção poucos dos ini-

inimigos escapáram da morte, ou do cativeiro, e os que púderam conseguir lançar-se ao mar, escapáram a nado; e depois marcháram a incorporar-se com o exercito do Rey, que estava em hum lugar fortificado com seus reparos, tranqueiras, e torres, tudo bem guarnecido de artilheria grossa, e miuda, com outras muitas armas, e proporcionadas munições. A este mesmo lugar foi logo André Furtado com os seus buscar os inimigos, que com muita ufania o estavam esperando, e com intrepida resolução lhe offerecêram batalha; porém nem a sua soberba, nem a fortaleza de lugar lhes pode aproveitar de cousa alguma, porque logo o desampararam, não podendo resistir ao esforço dos Portuguezes. Neste accommettimento perdêram muitos dos inimigos as vidas; e os que puderam escapar, largando as armas pera irem mais leves, fugíram pera a Cidade, onde o Rey estava; o qual vendo o desbarato dos seus, ardendo em raiva, com palavras injuriosas, e terriveis ameaças ordenou ao seu General que voltasse sobre os nossos, sem querer dar ouvidos ao que este lhe aconselhava, dizendo-lhe se puzesse em cobro, pois não tardariamos em entrar-lhe pelo proprio Paço, e destruillo.

Voltou com effeito o General inimigo

a affrontar-se com os nossos; e brigando valerosamente, acabou perdendo a vida, e todos os que o acompanhavam. Tão velozmente correram nesta occasião as nossas armas, que primeiro as sentio o Rey sobre si, do que lhe chegasse a noticia da total perda das suas; e póde dizer-se que perdeo a vida sem o saber. Com elle a perdeo juntamente o seu filho primogenito; cujo Irmão segundo prostrando-se aos pés do nosso Capitão Mór, lhe pedio a vida, e este generosamente lha outorgou; em final do que, tirando o seu proprio elmo, lho poz na cabeça; e levantando-o assim mesmo cuberto, o entrou a tratar com muita reverencia. Depois de tudo socegado, deo-lhe a investidura daquelle Reyno com mui decentes condições. Concluidas as cousas de Jafanapatan, voltou André Furtado de Mendoça pera Goa carregado de despojos, e cuberto de gloria.

CA-

CAPITULO XIV.

Manda o Viso-Rey huma Armada contra o Cunhale: faz o Çamorim pazes com o Estado: chegão a Goa as náos do Reyno; partem pera a Europa aviadas de carga, e com ellas vem o Governador Manoel de Sousa Coutinho na náo Bom Jesus, e naufraga nos Baixos do Garajáo: successos desta viagem.

EM quanto André Furtado de Mendoça andava lidando nas cousas de Jafanapatan, mandou o Viso-Rey a D. Alvaro de Abranches com outra grande Armada contra o valente corsario Cunhale, que com muitos navios, e prosperos successos andava escumando os mares, e assolando as costas; e foi tão grande a leva de gente que se fez pera esta expedição no Malabar, que o Çamorim assombrado de tão grande poder, entrou a titubear; o que vendo o P. Francisco da Costa, Jesuita, que a este tempo se achava cativo naquella Corte, e outros Portuguezes aprezados pelo corsario Cunhale, entrou a persuadillo a que se congraçasse com os Portuguezes: e houve-se tão bem nesta negociação, que alcançou liberdade, e licença do Çamorim pera da sua parte ir tratar de pazes com

o Capitão Mór D. Alvaro de Abranches, que já entrava a ir discorrendo por aquelles mares. Ouvio D. Alvaro de Abranches o Padre; e como não quiz tomar sobre si hum negocio tão importante, enviou-o ao Viso-Rey, de que resultou formarem-se convenções proporcionadas ao estado das cousas; as quaes sendo aceitas, e firmadas de ambas as partes, foram tão applaudidas do Çamorim, que não só deo liberdade a todos os Portuguezes, que tinha cativos no seu Reyno, mas franqueou aos Jesuitas o poderem livremente evangelizar por todo elle, e juntamente fundar Igreja, sendo elle o que com a sua mão lançou os primeiros fundamentos della. Sem derramamento de sangue, nem trabalho se concluio felizmente esta paz muito vantajosa pera o Estado, bem que não foi muito duravel por então, porque a boa fé destes barbaros sempre he fundada em infidelidade; mas tornou a reparar-se de novo.

Antes de darmos fim ás cousas deste anno, daremos relação das embarcações que ElRey D. Filippe Primeiro despachou pera a India em 19 de Outubro do anno passado, de que eram Capitães Diogo Pereira Tibão na naveta Santo Espirito; Ruy Gomes da Gram. do Galeão S. Lucas; Gaspar Fagundes da Caravella Santa Catharina, que

que foi a unica que chegou á India em Setembro deste anno, depois de ter invernado em Moçambique, porque a Naveta ao terceiro dia da sua sahida de Lisboa foi tomada pelos Inglezes; e a sua gente, sendo por estes lançada na costa, se tornou a Lisboa: o Galeão provavelmente naufragou, por quanto nunca mais houve novas delle.

No mesmo mez de Setembro, e quasi ao mesmo tempo em que chegou a Goa a Caravella Santa Catharina, chegáram tambem as sinco náos, que em 4. de Abril deste anno partíram de Lisboa pera a India, de que era Capitão Mór Fernando de Mendoça Furtado na náo Madre de Deos, e segundos Simão Vaz Tello na náo S. Bartholomeu; Julião de Paiva Cerveira na náo S. João; Antonio Teixeira de Macedo na náo Santa Cruz; e João Trigueiros na náo S. Christovão; e pera Malaca D. Francisco Mascarenhas na náo S. Luiz.

Estas mesmas náos aviadas de carga, menos a náo S. João, que ficou na India, expedio o Viso-Rey pera Portugal em 10. de Janeiro de 592. e com ellas juntamento o Governador, que foi Manoel de Sousa Coutinho, na náo Bom Jesus, que o Viso-Rey lhe deo pera fazer sua viagem, huma das mais ricas, e poderosas que vio o Oceano;

ano;

ano; a qual querendo tomar Moçambique, ſe perdeo nos baixos do Garajao, e com ella juntamente o Governador, ſua mulher, ſeus haveres, e todos quantos nella vinham, ſem ſe ſalvar huma ſó peſſoa. A meſma infelicidade teve a náo S. Bartholomeu, Capitão Simão Vaz Tello; mas não ſe ſoube nunca a paragem da ſua perdição.

As náos Madre de Deos, e Santa Cruz ſeguindo ſua viagem, e vindo tanto avante como a Ilha Terceira, peleijáram com ſete Galeões Inglezes, que conſeguindo tomarem a Capitânia, a leváram a Inglaterra com toda a gente, a qual ao depois ſe reſgatou, e voltou pera Portugal. O Capitão da Santa Cruz receando a meſma ventura, ou outra peior, como eſtava muito á terra, ſalvou nella toda a ſua gente, e entregou ao fogo a náo com toda a ſua carga. De quantas náos vieram eſte anno da India, ſó a náo S. Chriſtovão, de que era Capitão João de Trigueiros, chegou a Lisboa a ſalvamento.

CAPITULO XV...

Das guerras que os Capitães de Tete, e Sena tiveram com os Cafres noſſos inimigos: e relação dos Cafres da dependencia de Tete, e outros.

EM quanto eſtas couſas ſe paſſavam ſobre as aguas do mar, ſuccediam outras na terra não menos importantes, que laſtimoſas; aſſim primeiro que tornemos a lançar mão das couſas da India, releva dizermos o que ſuccedia pelas immediações de Moçambique, onde os Capitães de Tete, e Sena tiveram algum recontro com os Cafres noſſos inimigos. Porém pera melhor entendimento do que vamos a dizer, deve ſaber-ſe primeiramente que Tete he huma Fortaleza noſſa, em torno da qual, e em diſtancia de duas, e tres leguas ha onze povoações, e em cada huma dellas hum Capitão, ou Governador Cafre da meſma nação, a quem em linguagem da terra chamam Encoſſes, cujos Cafres todos são vaſſallos, e ſujeitos ao Capitão de Tete; e he tanta a authoridade que tem ſobre elles, e ſobre os ſeus Encoſſes, que em algum deſtes faltando ao ſeu dever, ou vindo a morrer, põe outro da ſua mão, qual bem lhe

lhe parece ſem oppoſição alguma dos Cafres, que lhe hão de ficar ſujeitos.

Eſtes Cafres da dependencia de Tete são tão inclinados á guerra, que ſe eſtiveſſe em ſua mão, andariam ſempre nella; e tanto he aſſim, que dizem, que mais folgão guerrear, do que cavar; porque os que morrem guerreando, fenecem ſeus trabalhos; e os que vivem, ficam abaſtados com os deſpojos que ganham: pelo que ſendo chamados pelo Capitão de Tete pera alguma guerra, ou pera outra qualquer couſa neceſſaria ao bem público, acodem logo todos armados de arcos, fréchas, azagaias, machados, enchadas, e todos os mais pertences que o caſo requer; e poſtos em ordem, cada Encoſſe com a ſua gente, ſeus tambores, bozinas, e bandeiras vam preſentar-ſe ao Capitão de Tete, os quaes todos juntos montão a mais de dous mil homens de peleija, muito valeroſos, e muito guerreiros, que ſempre eſtam promptos pera qualquer lance que ſe lhes offereça.

Defronte deſta noſſa Fortaleza, e além do Rio Zambeze pela terra dentro, e pera a banda do Nordeſte, e do Leſte, jazem duas nações de Cafres, huns chamados Mumbos, e outros Zimbas, ou Muzimbas, os quaes o ſeu mais goſtoſo manjar he carne humana; e não ſó comem os cativos,

que

que apanham na guerra, e os que matam, ou lhes matam nella; mas tamb[illegible] a cousa viva que lhes cahe na m[illegible] [illegible]nuamente tem açougues [illegible], e vendem carne humana.

Entre estes Ca[illegible] M[illegible]mbos havia hum por nome Quizura, que tinha tomado hum lugar chamado Chicarongo, distante de Tete dez leguas, e outras mais terras, [illegible] pertencente a hum cafre nosso amigo; sobre quem veio de mão armada, e lhe destruio, e tomou, além das terras, muitos vassallos, que levou, e comeo. Vendo-se elle neste aperto, recorreo ao Capitão de Tete, pera que o soccorresse, e livrasse de hum inimigo tão barbaro, o que elle não recusou, não só por compaixão, mas por desalojar do pé de si tão má gente; e passando-se além do Rio com os Portuguezes que havia na terra, e levando comsigo os onze Encosses vassallos do Forte, caminhou pera Chicarongo, onde Quizura se tinha fortificado; e dando de repente sobre os Mumbos, que eram seiscentos homens de peleija, e todos muito esforçados, em breve espaço perdêram todos as vidas ás mãos dos nossos, e com elles o mesmo Quizura, não obstante o haverem-se muito valerosamente.

Vencida a batalha, restituio o nosso

Ca-

Capitão a terra a feu dono, que fe achou prefente a ella acção; e mandando dar volta a terra, fe deo com hum açouge, em que os Mumbos cortavam, e vendiam todos os dias parte da gente que cativavam, e junto a elle muitos negros, e negras atados de mãos, e pés, já deftinados pera ferem mortos naquelle dia, os quaes todos foram poftos em liberdade, com outros muitos, que fe acháram prezos pera o mefmo. Efte Quizura era tão barbaro, e inhumano, e tão defvanecido com fuas crueldades, que tinha calçado o pateo, e a entrada da cafa em que vivia com os cafcos das cabeças dos homens que tinha morto, e cativado nefta guerra, e por ella paffavam todos os que entravam, e fahiam. Os noffos depois de defcançarem aqui alguns dias, voltáram pera Tete, trazendo cativos todas as mulheres, e meninos, que acháram dentro do lugar, deixando arrazada a força que os Mumbos tinham levantado.

CAPITULO XV[illegible]

Guerra dos Portuguezes com [illegible]imbas, ou Muzimbas: desba[illegible] da gente de Tete: pris[illegible] do P. Fr. N[illegible] Rosario.

LOgo depois desta guerra tiveram os Portuguezes destas mesmas partes outra com os Muzimbas, mas não foi tão venturosa como a que acabáram com os Mumbos. He de saber, que além do rio de Sena, e em fronte da Fortaleza que aqui temos, vivem alguns Cafres nossos amigos, e muito servidores dos Portuguezes: contra hum destes veio hum Capitão Cafre dos Muzimbas, e á força de armas lhe roubou suas terras, matou, e comeo muita gente. Pera recobrar seus bens, e deitar fóra de casa hum inimigo tão cruel, veio o Cafre nosso vizinho pedir soccorro ao Capitão de Sena, que então era André de Sant-Iago, e este pelas mesmas razões que teve o Capitão de Tete pera accommetter os Mumbos, não duvidou ajudallo a restaurar suas terras; e aprestando logo todo o necessario pera esta guerra, atravessou o rio com a maior parte dos Portuguezes, que estavam em Sena, com suas espingardas, e dous berços, que tirou da For-

ta-

taleza, e foi-se em busca dos Muzimbas, que achou muito soberbos, dentro de huma cerca de madeira muito grossa, com seus revézes, e setteiras, e de roda huma cava muito funda. Conhecendo André de Sant-Iago que as suas forças não condiziam com a grandeza da emprcza, aposentou o seu arraial nas margens de huma ribeira vizinha, que corria junto ao lugar dos Muzimbas, e mandou dizer a Pedro Fernandes de Chaves, Capitão de Tete, que o fosse ajudar com os seus Portuguezes, e os Cafres seus vassallos.

Tanto que o Capitão de Tete houve este recado, entrou logo a preparar-se pera ir em soccorro de André de Sant-Iago; e convocando mais de duzentos espingardeiros entre Portuguezes, e mistiços, passou-se além do rio, onde já o estavam esperando os doze Encosses com toda a sua gente, e juntos foram caminhando por terra até á passagem em que estavam os Muzimbas; porém estes sabendo da sua ida, e temerosos da sua chegada, lançáram escondidamente suas espias, pera saberem o numero da gente que era, e o como vinha ordenada; e avisados de que os Portuguezes vinham meia legua diante do arraial dos cafres que os acompanhavam, e que marchavam sem ordem, e em manchiras,

e andóres, ſahíram de no[illegible] do ſe[illegible]in-
cheiramento, ſem ſerem ſen[illegible] do ar[illegible]al
de André de Sant-Iago; e fora[illegible]b[illegible]car-
ſe em hum mato muito eſ[illegible]ficava
meia legua diſtante do ſi[illegible]lles oc-
cupavam, por entre o qu[illegible] devia paſſar a
gente de Tete.

Chegados os Portuguezes ao mato, e não ſe lembrando do mal que lhes podia ſucceder, mettêram-ſe a elle ſem reſguardo algum; porém os Muzimbas tanto que os colhêram dentro delle, e tão deſapercebidos, deram de improviſo ſobre elles, e matáram todos, ſem eſcapar hum ſó com vida: depois de todos mortos, cortáramlhes as pernas, e os braços, e carregáram com elles ás coſtas, e com todo o fato, e armas que traziam, e com o meſmo ſegredo com que ſahíram da ſua Fortaleza, ſe tornáram a recolher a ella. Quando os Encoſſes chegáram, e víram mortos os Portuguezes, e o ſeu Capitão, não ouſáram paſſar adiante, e dalli meſmo voltáram pera Tete a dar noticia deſta laſtimoſa perdição.

Quando ſe principiou eſta guerra andava o P. Fr. Nicoláo do Roſario da Ordem de S. Domingos, varão abalizadiſſimo em muitas virtudes, miſſionando em Tete, e querendo o Capitão Pedro Fernandes, e

os mais Portuguezes levar comsigo quem lhes ministrasse o mantimento espiritual, pedíram a este Padre os quizesse acompanhar nesta jornada, o que elle não recusou, por lhe parecer que nisto fazia grande serviço a Deos, e aos Portuguezes; e indo com elles, o feríram gravemente os Muzimbas nesta cilada, prendêram, e leváram ainda vivo, pera terem o gosto de o martyrizar mais cruelmente, como na verdade fizeram; porque assim que entráram na sua estança, o atáram de mãos, e pés a huma arvore, e ás fréchadas o acabáram de matar; o que lhe fizeram por ser Sacerdote, e cabeça, diziam elles, dos Christãos, sem cuja licença não fazem cousa alguma; e por isso lançavam sobre elle a culpa desta guerra, o qual martyrio elle supportou, como valeroso soldado de Jesu Christo.

CAPITULO XVII.

Qualidades, e brutalidades destes Muzimbas: e desbarato, e morte de André de Sant-Iago.

HE tal a barbaridade destes Muzimbas, que não tem Religião alguma, nem prestão culto a idolos; mas em lugar destes, reverenceão o seu Rey, e este tem pe-

ra ſi que he Deos da terra ; aſſim ſe ſuccede chover , quando elle não quer , ou faz calma , deſpara fréchas contra o Ceo em caſtigo da ſua deſobediencia. A maior parte de todos eſtes Cafres são altos de corpo , bem diſpoſtos , e reforçados ; as ſuas armas offenſivas são machadinhas , fréchas , e azagaias ; e as defenſivas humas rodellas grandes , com que ſe cobrem nas occaſiões de peleija , feitas de huma madeira muito leve , e cubertas de pelles de animaes ſilveſtres , que matam , e comem. E ainda que todos elles comam carne humana , o ſeu Rey não a come , pera ſe differençar dos ſeus vaſſallos : tambem coſtumam fazer taças pera beber das cáveiras dos que matão na guerra , e diſto ſe deſvanecem muito : ſe alguns adoecem , ou ficam mortalmente feridos da guerra , por afforrarem o trabalho de os curar , acabam de os matar , e comem-nos.

Tornando ao proſeguimento da noſſa hiſtoria , acabado o martyrio do P. Fr. Nicoláo , deſcançáram os Muzimbas o reſto do dia ; e tanto que veio a noite , entráram a feſtejar a ſua vitoria , tangendo muitas bozinas , e tambores , e ao romper da manhã do dia ſeguinte ſahíram todos da ſua Fortaleza : hia o Capitão veſtido com a caſula que o Padre levava pera celebrar o Santo

Sa-

Sacrificio, o Calis na mão esquerda, e huma azagaia na direita; seguiam-no os seus com os quartos dos Portuguezes ás costas, e a cabeça do Capitão Pedro Fernandes de Chaves cravada na ponta de huma grande haste; e assim marchando, e tocando no mesmo tambor que tinham tomado aos nossos, e grande grita, foram com este ridiculo, mas tristissimo apparato, dar mostras de si, e de todas estas cousas a André de Sant-Iago; e tornando a recolher-se, diziam, que o mesmo que tinham feito aos de Tete, lhe haviam fazer a elle, e aos que com elle estavam.

André de Sant-Iago, que *não sabia o* desastre de Pedro Fernandes, atemorizado, e todos os mais que o acompanhavam, com hum tão horrivel, e inesperado espectaculo, e perdidas as esperanças do soccorro, assentou retirar-se assim que fosse noite; mas foi tal a desordem que tiveram no atravessar a ribeira, que sentindo-os os Muzimbas, sahíram da sua Fortaleza subitamente, e deram sobre elles com tanta impiedade, que alli mesmo nas margens della tiráram a vida a muitos, e entre estes a perdeo tambem o mesmo André de Sant-Iago, brigando muito esforçadamente; porque podendo retirar-se, o não quiz fazer, antes se deixou ficar na praia, defendendo os seus, tirando

a

a vida a muitos primeiro que perdesse a sua. Neſtas duas occaſiões matáram os Muzimbas entre Portuguezes, e miſtiços de Sena, e Tete, cento e trinta peſſoas com os ſeus dous Capitães; o que fizeram muito a ſeu ſalvo, porque de ambas as vezes apanháram deſapercebidos os Portuguezes; porém não deixam de ſer deſcuidos indeſculpaveis.

Muito ſentimento cauſou por todas aquellas partes a deſgraçada morte de toda eſta gente, não ſó por ſerem muitos delles caſados, e que viviam com ſuas mulheres, e filhos pelas margens daquelles rios, mas por ficarem os Muzimbas muito ufanos com a victoria, e fortalecidos nas vizinhanças de Sena, donde ao diante podiam fazer muito damno aos Portuguezes, que navegam ſuas fazendas por eſtes rios. Ponderadas todas eſtas razões pelo Capitão de Moçambique, D. Pedro de Souſa reſolveo caſtigar eſtes Muzimbas, e lançallos fóra das vizinhanças de Sena; e em quanto elle ſe apparelha pera eſta guerra, vamos ver o que vai por Melinde, Quilife, e Mombaça, onde os ſucceſſos da guerra foram muito mais favoraveis.

CAPITULO XVIII.

Da grande victoria que ElRey de Melinde alcançou de ElRey de Quilife com ajuda dos Portuguezes, e cafres Mosseguejos.

POr este mesmo tempo alcançou ElRey de Melinde, com ajuda do Capitão da costa, e dos Portuguezes que com este andavam, e dos Mosseguejos seus amigos, duas grandes victorias, huma contra o Rey de Quilife, outra contra o de Mombaça. Quilife he hum rio, que corre entre Melinde, e Mombaça, de que tinha o regimento hum Mouro parente do Rey de Mombaça, vizinho tão máo, e insolente que até dentro dos termos de Melinde mandava insultar os moradores desta Cidade, e tudo isto fazia em odio dos Portuguezes; e não podendo o Rey de Melinde supportar tantos aggravos, como continuamente se lhe faziam, consultou com o Capitão da costa sobre o como se haveria neste caso, e assentáram fazer guerra ao Rey de Quilife, e tomar vingança pelas affrontas que delle recebia.

Tomada esta resolução, e negociadas as cousas necessarias pera esta guerra, juntos os Portuguezes, que seriam até trinta

os

os Mouros de Melinde, e os [illegible]uejos, a quem o Rey de Melinde mandou co[illegible] dar, que de muito boa vontade [illegible] qu[illegible] ram ſeguir, caminháram pera [illegible]ife, cujo Rey ſabendo da ſua ida, e[illegible] já intranqueirado, e fortificado com [illegible] ſeus. Tanto que os de Melinde chegáram, inveſtíram logo com a Cidade, e em ſua defeza ſahíram os moradores della, e entre huns, e outros ſe accendeo huma furioſa briga, em que todos ſe haviam muito eſforçadamente, huns por defender ſuas caſas, e familias, outros por ſe deſaffrontarem das injurias recebidas; porém os de Melinde houveram-ſe neſta occaſião com tanta valentia, que dentro em muito pouco tempo fizeram voltar as coſtas aos inimigos, ſendo tal o aperto, e confusão em que os puzeram, que obrigáram aos mais delles a encravar-ſe nos eſtrepes de ferro, e páo que tinham ſemeado ante huma eſtacada á entrada da Cidade, pera que os de Melinde ſe encravaſſem nelles. Aqui meſmo foram quaſi todos desbaratados, muitos delles mortos, e entre eſtes o meſmo Rey de Quilife; e os que puderam eſcapar, fugíram pera Mombaça. Conſeguida tão felizmente eſta victoria, ſaqueáram os vencedores a Cidade, e carregados de deſpojos, e trazendo muitos cativos, ſe re-

co-

colhêram a Melinde depois de a deixarem arrazada.

CAPITULO XIX.

Dá outra victoria que o Rey de Melinde houve do Rey de Mombaça por meio dos Mosseguejos.

COm a chegada dos fugitivos soube o Rey de Mombaça a destruição de Quilife, e a morte de seu Rey, e vassallos, de que ficou muito sentido com a perda de tal parente, e de taes amigos, e logo poz em seu proposito vingar-se do Rey de Melinde; e desprezando as advertencias que os seus lhe faziam, dizendo-lhe se não tomasse com os de Melinde, que eram amigos dos Potuguezes, os quaes os haviam de soccorrer, e que destes não havia de tirar a melhor, pois a experiencia bem o tinha mostrado, e elles bem a seu pezar o tinham sentido, ajuntou contra o sentir de todos passante de sinco mil Mouros, entre vassallos seus, e vizinhos; e pondo-se ao caminho por terra, marchou até ás dos Mosseguejos, amigos do Rey de Melinde, onde parou com animo de se fortalecer aqui, e vencer primeiramente estes, pera lhe não darem pelas costas, quando in-

investiſſe os de Melinde, [illegible] to aos Muzimbas, quando quizeram en[illegible] eſta Cidade, como atrás eſcrevemos.

Porém ſahio-lhe em vão [illegible] intento; porque os Moſſéguej[illegible] ſua ida, não o quizeram eſperar, [illegible]ntes que puzeſſe o pé nas ſuas terras, lhe ſahíram ao encontro, e logo da primeira arremettida lhe puzeram em desbarato a maior parte da gente que o ſeguia, que como toda ella vinha de má vontade, foi mais facil de derrotar; e deixando ſó no meio do campo ao Rey com tres filhos ſeus, e mais alguns Mouros nobres, que por vergonha não fugíram, todos morrêram brigando muito valeroſamente com os Moſſeguejos. Eſtes ſeguindo a victoria, foram correndo ſobre os fugitivos, e matando nelles até ás terras de Mombaça, donde paſſando-ſe á Ilha de[illegible]e, entráram ſem reſiſtencia na Cidade, e cativáram todos os meninos, mulheres, e velhos que ſe não puderam acolher aos matos da meſma Ilha. Entre outros cativos que tomáram, foi hum filho pequeno do Rey de Mombaça, o qual com a mais da gente principal que houveram á mão, mettêram em duas embarcações que acháram no porto, e bem guardados os enviáram, dizendo-lhes, que foſſem preſtar obediencia, e

vaſ-

vassallagem ao Rey de Melinde, porque este era quem dalli em diante havia de ser seu Rey, e Senhor; e mandáram dizer pelos seus mensageiros ao mesmo Rey de Melinde, que o ficavâm esperando pera lhe entregarem a Ilha de Mombaça que elles tinham tomado com morte, e destruição do seu soberbo Rey.

CAPITULO XX.

De como os Mosseguejos entregáram a Ilha de Mombaça ao Rey de Melinde, e este mudou sua casa pera ella.

EM quanto isto succedia, estava o Rey de Melinde bem alheio do que os seus amigos os Mosseguejos tinham feito a seu respeito, e só se occupava, com o Capitão da costa, nos meios de defender-se, pera o que tinham ajuntado todos os Portuguezes, e Mouros que havia na terra pera todos juntos se oppôrem ao inimigo que os ameaçava; e como sabia que este hia por terra, ficou muito admirado com a chegada das duas embarcações mandadas pelos Mosseguejos, parecendo-lhe que o inimigo ou tinha mudado de tenção, ou vinha accommettello por mar, e por terra, por esta razão se foi logo á praia com o Capitão

da

da coſta, e parte da gente pera ſe oppôr ao deſembarque, caſo que foſſe o inimigo que ſe eſperava. Porém ſendo deſembarcados os menſageiros dos Moſſeguejos, e levados ante elle, muito [illegible]ado ficou, quando eſtes lhe diſſeram o que vinham, a qualidade dos cativos que lhe traziam, e o como o ficavam eſperando na Ilha de Mombaça pera lha entregarem, e o modo com que a tinham tomado, derrotado as ſuas hoſtes, e morto o ſeu Rey.

Huma nova de tanto goſto, e huma victoria tão facilmente alcançada, e tão pouco eſperada, difficultoſamente ſe acreditaria, ſe aquelles que iſto ouviam, não viſſem por ſi meſmo a verdade do caſo nos cativos que lhes apreſentavam, os quaes mandando-os o Rey deſembarcar, aſſim que chegáram á ſua preſença, ſe lhe lançáram aos pés, pedindo-lhe as vidas, e elle os acolheo benignamente, e recebeo por ſeus vaſſallos, e amigos; e por não perder a boa occaſião, e offerta que lhe faziam os Moſſeguejos, cuidou logo em partir pera Mombaça com o Capitão da coſta, os Portuguezes que andavam com elle, e muitos Mouros de Melinde.

Chegando todos a Mombaça felizmente, e ſendo recebidos com grande alvoroço pelos Moſſeguejos, eſtes lhe fizeram en-

entrega da Ilha, e da Cidade com muitas folias, e cantares a seu modo. Pera aqui mudou logo o Rey de Melinde a sua casa, e aqui vive desde este tempo, deixando no seu antigo Estado Governadores da sua mão pera o regerem. Nesta Ilha de Mombaça temos nós huma Fortaleza, cujos fundamentos lançou D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira, quando invernou nella em 1596. indo por Viso-Rey pera a India.

CAPITULO XXI.

Dos Cafres Mosseguejos, e seus costumes barbaros: e das náos que este anno vieram á India.

PEla terra que corre ao longo da costa de Melinde, e interior della habita huma nação de Gentes chamados Mosseguejos, muito barbaros, e muito esforçados, os quaes começáram a apparecer ha muito poucos annos, cujo principio, e origem foi de pastores de vaccas, no qual exercicio, e trato ainda hoje vivem todos estes seus descendentes, e assim tem muito grandes creações de bois, e vaccas. O seu principal mantimento he o leite das mesmas vaccas, as quaes tambem sangrão muitas vezes, não só por lhes não abafarem, e mor-

morrerem de gordas, mas pera se sustentarem do mesmo sangue, de que fazem huma potagem misturada com leite, e bosta fresca das mesmas vaccas, e tudo isto junto, e quente ao fogo o bebem, dizendo que os faz robustos, e fortes.

Os varões de idade de sete, ou oito annos pera sima são obrigados a trazer a cabeça cuberta de barro pegado nos cabellos, e no couro da cabeça, de tal modo, que lhes fica como outro casco, ou capacete mui bornido por sima; e quando se gréta o barro, tornam a dar-lhe com outro molle, e a concertallo de novo com muito primor, porque estimam muito sua perfeição. Ha Cafre que traz neste capacete de barro sinco, ou seis arrateis de pezo, e com elle dormem, e andam, como se nada trouxeram.

Não podem tirar este barro da cabeça, nem fallar em ajuntamento de homens velhos, nem entrar em conselho, em quanto não matam algum homem em guerra, ou briga justa: por esta razão todos os mancebos pertendem que haja guerras pera nellas se mostrarem, e fazerem cavalleiros, e nobres, matando algum inimigo nellas. Pera se saber que o matáram são obrigados, depois da briga acabada, levar diante do seu Capitão hum sinal evidente do homem que ma-

matáram, [illegible] que levam mais ſinaes deſtes, ſão havidos por maiores Cavalleiros, e eſforçados na guerra, e por iſſo mais honrados, e eſtimados: pelo que logo o Capitão os arma Cavalleiros, tirando-lhes o barro da cabeça, e dalli por diante ficam gozando dos privilegios dos outros Cavalleiros.

A maior razão por que eſtes barbaros fazem iſto, he por ſerem temidos de ſeus inimigos, vendo com quanto goſto entram na guerra apoſtados a lhes tirarem a vida pela honra que diſſo lhes reſulta, da qual são tão ambicioſos, que peleijam huns contra outros em porfia de quem ha de chegar primeiro ao inimigo que cahe ferido, não dando lugar pera que outrem lhes tire eſta honra.

São tão barbaros eſtes Moſſeguejos, que guardam muito cuidadoſamente eſtes ſinaes da ſua valentia, pera ao depois ſe honrarem com elles nos dias das ſuas feſtas, em que ſe querem moſtrar louzãos, e luzidos, levando-os comſigo, pera que todos conheçam por elles ſua valentia, e cavallaria, e ſejam eſtimados por iſſo. A meſma brutalidade permittem a ſuas mulheres, quando ſe hão de achar em algumas feſtas, ou bailes, pera ſerem eſtimadas, e conhecidas por mulheres de homens honrados, e esforçados. Outras muitas brutalidades pu-

puderamos contar desta naç os Cafres, e assim nesta materia, como em outros costumes, e abusos que omittimos, por serem muito deshonestos, e incriveis. Os Abexins, e alguns Mouros seus vizinhos, e tambem os Gallas, tem todos os mesmos costumes dos Mosseguejos. Estes Cafres Mosseguejos todos são altos, membrudos, de côr preta, e cabello revolto, muito valentes, e esforçados na guerra, e muito fieis em suas amizades, como temos visto com o Rey de Melinde.

Concluiremos este anno, dando razão das náos que ElRey D. Filippe Primeiro despachou pera a India, de que foi por Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado, Irmão do Monteiro Mór do Reyno, na náo Santo Alberto; e das outras Sebastião de Alvellos na náo S. Paulo; Luiz de Souto na náo Conceição; Nuno Rodrigues de Tavora na náo S. Pantaleão; Braz Correa na náo Nazareth, que todas sinco sahíram de Lisboa em 7. de Abril, e dellas sómente tres chegáram a Goa nos fins de Setembro deste anno; porque as náos S. Paulo, e a Conceição tornáram arribadas, destroçadas do tempo, ao porto de que tinham sahido.

CAPITULO XXII.

Da torna viagem destas mesmas náos pera o Reyno: e da perdição da náo Santo Alberto na terra do Natal.

NOs principios deste anno 1593. em que vamos entrar, voltáram estas mesmas náos pera o Reyno aviadas de carga; e com ellas juntamente a formosa náo Chagas, que o Viso-Rey Mathias de Alboquerque tinha mandado fazer em Goa, a qual deo ao Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado, pera nella fazer viagem; e o Santo Alberto, em que este tinha ido, a Julião de Faria Cerveira, Capitão da náo S. João, que o anno passado ficou na India, como já dissemos; e de todas estas náos só o S. Pantaleão chegou a Lisboa, porque a Capitânia chegando tanto avante como o Cabo da Boa Esperança, foram tão grandes as tormentas que lhe cahíram, que foi obrigada a arribar a Moçambique aonde invernou, e aqui a deixaremos até ao proseguimento da sua viagem, que foi nos fins deste anno. A mesma arribada a Moçambique fez a náo Nazareth, a qual tendo caminhado quinze gráos da parte do Sul, como era náo muito possante, de bons officiaes, e Capitão de experiencia, foi tanta

a carga, e gente que nella se metteo, que vinha por baixo do mar; e dando-lhe hum temporal, abrio pelas picas, e delgados da poppa, e fazia tanta agua, que não bastavam as bombas, gamotes, e baldes pera alijarem de dia, e de noite; e com grande temor de se irem a pique, antes de poderem chegar a alguma terra em que pudessem ancorar, e salvar as vidas, permittio Deos, que com as muitas diligencias do Capitão, que além de bom soldado, era grande marinheiro, pudessem chegar a Moçambique em 24. de Março; e descarregando-se pera se querenar, achou-se estar tão comida do bicho que se não pode remediar, e ficou encalhada.

A náo Santo Alberto fazendo viagem com tempo bonança, e prospero vento, se foi perder no penedo das Fontes por impericia de seus officiaes; porque vindo em altura de dez gráos ao Sul, se lhe abrio huma agua, que não sendo ao principio muita, nem dando muito trabalho ás bombas, proseguia sua derrota; mas chegando á altura de vinte e sete gráos, saltou-lhe hum vento Sul, que a obrigou a correr á bolina, e a metter muito de ló, o que fez crescer mais a agua; e querendo livrar-se de cahir sobre a ponta austral da Ilha de S. Lourenço, não deixou de dar huma pan-

ca-

[illegible]a que lhe rendeo o gurupés, desastre que logo se remediou; e seguindo avante com tempo bonança, avistáram a terra do Natal a 21. de Março em trinta e hum gráos e meio de altura; e correndo ao longo da costa, tomada ao outro dia a altura, acháram-se em trinta e dous gráos, e então lhe veio hum vento Oeste por sima da terra, que os obrigou a fazerem-se na volta do mar com as vélas grandes sómente; porém sobre a madrugada, sem mar, nem vento, entrou a náo a metter mais agua; e indo-se logo abaixo a reconhecella, acháram que entrava pelas picas da poppa, e por baixo de huma caverna, lugar perigoso, e máo de remediar.

Porém assentáram o Capitão, e officiaes, que cortando-se hum pedaço da curva, se poderia tomar a agua, conselho bem inconsiderado, e que tem custado bem caro a quantos o tem seguido: sim se vedou por então a agua, e por meio deste remedio se estancou a náo, de cujo bom successo foram o Piloto, e o Mestre pedir alviçaras a Nuno Velho Pereira, Capitão que fora de Sofala, que nella passava pera o Reyno com seu sobrinho Francisco Velho Pereira; e outros Fidalgos, os quaes eram, além dos dous nomeados, Francisco da Silva, João de Valladares Soto-maior, D. Francis-

co de Azevedo, Francisco Nunes Marinho, Gonsalo Mendes de Vasconcellos, Antonio Moniz da Silva, Diogo Nunes Gramacho, Capitão da náo S. Luiz de Malaca, que arribára á India; Antonio Godinho, Henrique Leite, Fr. Pedro da Cruz, Frade Agostinho, e Fr. Pantaleão Dominico, e outros mais passageiros, e com elles juntamente Dona Isabel Pereira, filha de Francisco Pereira, Capitão Mór, e Tanadar de Goa, viuva de Diogo de Mello Coutinho, com sua filha Dona Luiza de Mello, donzella de dezeseis annos, muito formosa, cujo pai foi Capitão de Ceilão. Com a boa nova do Piloto, e Mestre, prometteo Nuno Velho dar-lhes boas alviçaras, se chegasse a salvamento; porém durou pouco esta felicidade, porque a náo era muito velha, e como a agua não achasse resistencia no luguar remendado, descozeo-o, e entrou por elle com grande furia.

Pelo successo desta, e de outras náos tem mostrado a experiencia, que em taes casos se devem procurar, e fazer todas as diligencias para se atalhar a entrada da agua, menos a de cortar madeira, antes accrescentalla se possivel for; porque posto que apparentemente pareça util, sempre vêm a succeder mal, pois se o não fizessem a esta, póde ser se não vissem em tanto ri-

comigo como se víram, q mais facilmente poderiam tomar Moçambique.

Considerando o Capitão Julião de Faria Cerveira, e os mais Officiaes no perigo em que estavam, e a nao com dezoito palmos de agua dentro, assentáram alijar, e arribar em popa; e o Mestre fazendo logo aprestar a escotilha grande, por ella se entrou a lançar muita agua fóra, o que alivioa mais a náo, e fez com que alguns afferrados ao que traziam nas suas caixas, suspendessem o alijar, persuadidos de que poderiam salvar tudo; o que vendo Nuno Velho Pereira, e conhecendo o mal que disto se seguia, pera os obrigar a continuar, prometteo dar-lhes, se Deos o levasse a salvamento, quarenta quintaes de cravo que trazia na náo. Pode com elles tanto esta sombra de interesse, que em hum momento ficou desembaraçado o convés; mas crescendo depois o perigo, não só se alijou o que vinha na tolda dos Bombardeiros, mas tudo quanto vinha nos paioes das drogas, cubrindo-se o mar de muitas riquezas, lançadas as mais dellas por seus mesmos donos, a quem naquella occasião aborreciam tanto, quanto poucos dias antes eram estimadas.

Entrava a ir amanhecendo, e a agua já tanta dentro da náo, que da segun-

da

da cuberta se não podiam tirar os caixões que nella hiam, os quaes foram quebrados ao machado pera se alijar o fato que traziam. Ainda que nesta escotilha houvesse hum grande gamote, outro na [illegible]ca, e outro no paiol da polvora, e muitos barris com que se lançava muita agua fóra, e juntamente com as bombas, nada a podia vencer. Em todo este dia, e sem distincção de pessoas se occupáram neste trabalho, acudindo huns a humas partes, e outros a outras.

Chegou a noite, e com ella ficáram inuteis as bombas, porque se entupíram com a pimenta, a náo com doze palmos de agua dentro, e a maior parte da gente com o animo perdido; e aquelles que ainda conservavam algum, tão cansados, que não havia quem fosse encher barris á segunda cuberta; o que vendo Nuno Velho Pereira, lançou-se ao porão pelos cabos das bombas, com grande risco de sua vida, e entrou a encher barris. Animados os outros Fidalgos com o seu exemplo, lançáram-se, e os soldados ao mesmo trabalho, e não largáram mão delle em toda a noite. Ao raiar do dia seguinte avistou-se terra, como o Piloto tinha promettido na tarde antecedente, cuja repentina vista a todos encheo de alegria, e alvoroço, não se lem-

bran-

…ndo que nella tinham as vidas tão arrif-cadas, como na mesma náo em que andavam, e que o mar hia engolindo com furiosos sorvos.

Assim que houveram vista da terra, cuidou-se logo em alijar o que estava no castello, debaixo da ponte, e na poppa, o que aliviou mais a náo, e largáram gaveas, e cevadeira pera chegar mais prestes a terra; e parece que pera salvação de tanta gente, permittio Deos que a náo não perdesse nunca o governo, tendo já duas cubertas cheias de agua, e as mezas arrastando. Nuno Velho, que a tudo attendia, lembrando-se da precisão que haviam de ter de armas, e munições, e que sem ellas estava tão certa a sua perdição na terra, como na náo em que estavam, advertio ao Capitão, que mandasse arrecadar todas as armas, polvora, chumbo, e murrões, e a Antonio Moniz que ajuntasse todas as espingardas que pudesse haver, e as mettesse em alguma pipa pera se poderem salvar, o que se fez com assás de trabalho, e se poz tudo sobre a tolda, donde depois de vararem em terra os pedaços da náo, se tirou com muito custo.

Indo já chegando a terra, mandou o Mestre cortar os mastros; e indo a náo correndo pera ella, em oito braças e meia de agua

agua tocou o leme, e saltou fóra, e em.... to braças deo a primeira pancada, e então se cortou a enxarcea, e cahíram os mastros com grandes alaridos de todos. Sobre estes se lançáram muitos, parecendo-lhes terem nelles seguro remedio para escaparem do naufragio; mas como ainda ficáram prezos á náo por alguns cabos, e o sitio em que tinham varado era costa brava, a furia das ondas, que quebravam no costado da náo, batiam nelles, e quebrando as pernas a huns, e os braços a outros, a todos affogáram; espectaculo bem doloroso pera os que estavam na náo esperando por instantes a mesma, ou outra peior desventura.

Mas suavisou-se este desastre com huma felicidade não esperada dos vivos, e causada pelos mesmos mastros; porque sendo elles os que com suas furiosas pancadas mais os assustavam, e dellas com grande pavor esperavam ser soçobrados, ellas mesmas foram o seu remedio, alluindo, e desfazendo a náo de tal sorte, que chegando a encalhar entre as nove, e as dez horas da manhã do dia 24. de Março, obra de quatrocentos passos longe da terra, se partio em duas partes, despegando-se as cubertas de sima das debaixo, ficando estas na paragem em que tinham varado, e aquellas muito chegadas á terra.

A este tempo estavam á proa o Capitão, o Piloto, e o Mestre, e a mais da gente, e na poppa Nuno Velho Pereira, que acompanhava, e estimava muito Dona Isabel, e sua filha, e lhes servia de reparo contra as ondas, que estreitadas entre os mastros, e a poppa da náo encapellavam por sima d'esta, e quebravão em Nuno Velho, que tinha recolhidas estas Fidalgas debaixo de hum balandráo de chamalote; e não era tão pequena a furia com que o mar saltava, que não obrigasse a muitos a atarem-se com cordas a alguns páos fixos, pera que os não levasse.

Porém alguns fiados em saberem nadar, e receando a vinda da noite antes de abicarem bem em terra os pedaços da náo em que estavam, e que os mastros os desfizesse de todo, ou os virasse, e viessem a ficar debaixo delles affogados, botaram-se a nado; mas com as abalroadas das muitas madeiras, que andavam boiando pelo mar, e com a resaca das ondas que quebravam na fragosidade da praia, se affogáram alguns.

Mas tanto que veio a noite, desprendeo-se a poppa da proa, que até então tinham estado apegadas pela banda debaixo, e desprendendo-se tambem os mastros, foi a poppa encalhar em terra muito direita;

ta ; porém receando Nuno Velho que grandes correntes daquella costa, que correm pera o Sudoeste, os arrastasse após si, tendo já vasado a maior parte da maré, mandou a hum seu criado [illegible] hum soldado, chamado Diogo Fer[illegible], que se lançasse a nado, levando [illegible] beta, que ficava preza no bocado da náo, e a segurasse em terra, de maneira que as correntes o não pudessem levar, o que o soldado com toda a promptidão fez. Depois que se segurou esta parte da náo, saltou por ella muita gente em terra.

Assim que repontou a maré, foram alando-se pelo cabo, que estava prezo em terra; e chegáram-se tanto a ella, que quando a agua tornou a vasar, a pé enxuto, e ao amanhecer do dia 25. de Março desembarcou Nuno Velho, Dona Isabel, e sua filha com todos os Fidalgos, e soldados que os acompanhavam. Depois de estarem em terra, e que huns aos outros se recebêram com reciprocos abraços, deram graças a Deos pela grande misericordia que usára com elles no dia da sua mysteriosa Incarnação, livrando-os de tão grande naufragio, e pondo-os a salvamento naquella praia, a que os nossos chamam Penedo das Fontes, e os negros Tizombe, a qual jaz na altura Austral de trinta e dous gráos e meio.

De-

Depois de darem a Deos as devidas graças, contou-se a gente, e achou-se terem escapado cento e vinte e sinco Portuguezes, e morrido vinte e oito; cento e sessenta escravos vivos, e trinta e quatro mortos. O resto deste dia gastou-se em cada hum enxugar o fato com que tinha escapado ao longo dos fogos, que fizeram com a madeira da náo, e juntamente aquentando-se do muito frio que sentiam, e descançando dos trabalhos, e afflicções passadas.

Esta foi a perdição da náo Santo Alberto, estes os successos do seu naufragio, originados não pelas tormentas do Cabo da Boa Esperança, porque sem ellas, e antes de chegar a elle se perdeo; mas por causa do seu fabríco, e por vir sobremaneira carregada, e pela inadvertencia dos seus officiaes; circumstancias que sempre põem em prática a cubiça dos mercadores, e a ignorancia, e ambição dos navegantes: estes por adiantarem seus interesses, e não saberem haver-se em casos taes; e aquelles por aforrarem despezas, cujo damno accrescentão os obreiros a quem encommendam o seu amanho, os quaes por pouparem tempo, e metterem em si os materiaes, passam por todas as eivas que encontram, e nada fazem como convem em negocio de tanta ponderação.

CA-

CAPITULO XXIII.

Do que mais aconteceo a esta gente da náo Santo Alberto, em quanto [illegible]ram nesta praia: e de como [illegible] pera seu Capitão [illegible] Nuno Velho Pere[illegible].

COntinuando com os naufragant[illegible]s da náo Santo Alberto, que deixá[illegible]os na praia descançando todo o resto do dia 25. de Março, tanto que amanheceo o dia 26. pedio Julião de Faria á sua gente fosse recolher as armas, e mantimentos que achasse; e indo o Mestre, e o Contra-mestre com a gente do mar aos pedaços da náo, e os soldados á praia, acháram estes, tres barris de polvora; e aquelles, doze espingardas, algumas rodellas, e espadas, huma caldeira, e seis caldeirões de cobre, e hum pouco de arroz. A polvora entregou-se aos Bombardeiros, e deo-se o cargo de Condestabre ao mais experimentado pera a enxugar, e refinar com hum barril de vinagre, que veio ter á praia; as armas puzeram-se ao longo da estança de Nuno Velho, vigiando-se tudo pera se livrarem dos [illegible]bos, e assaltos dos Cafres: por causa d[illegible] mesmo se entrincheiráram o melhor que puderam, e fizeram pera se agazalhar tendas

de

de muito boas alcatifas de Cambaia, e Odias; de ricas colchas, de Gunjões, caixas, e esteiras de Maldiva, que certamente se não embarcáram pera este fim, e nellas se reparavam do frio da noite, e da ardencia do Sol de dia.

Chegado o dia 27. determináram eleger quem os governasse, e pera isto nomeáram os soldados dez eleitores, que foram o Capitão Julião de Faria Cerveira, Francisco da Silva, João de Valladares Sotomaior, Francisco Pereira Velho, Gonsalo Mendes de Vasconcellos, Francisco Nunes Marinho, Fr. Pedro da Cruz, e Fr. Pantaleão; e a gente do mar elegeo o Piloto, chamado Rodrigo Migueis, e o Mestre que era João Martins, e a todos deram largos poderes, e com juramento se obrigáram a haver por boa a eleição que elles fizessem, e obedecer ao que elles nomeassem, e de commum acordo sahio eleito Nuno Velho Pereira por sua nobreza, prudencia, esforço, e experiencia.

Recusou elle a eleição, pedindo a todos dessem aquelle cargo ao Capitão Julião de Faria Cerveira, que por suas boas qualidades, e proceder na perdição daquella não o merecia; que elle da sua parte promettia ajudallo com o conselho, que da sua idade se requeria, e devia esperar.

Não

Não estiveram por esta escusa; e pera que se não valesse de outra, protestaram-lhe, que se não se encarregasse de os governar, estavam resolutos a partir, e a seguir seu caminho em magotes por onde melhor pudessem; e como esta resolução era a total perdição de todos, pera que se não effeituasse, antepondo o descanço proprio ao bem público, acceitou, e com o devido juramento prometteo cumprir as obrigações do cargo que lhe davam, e todos com outro igual juramento promettêram obedecer-lhe.

Concluido este negocio, e sendo já tarde, e maré vasia, foram á náo alguns homens do mar com o Mestre, e voltáram com seis espingardas, doze piques, e tres fardos de arroz, e tudo se entregou a Nuno Velho, e elle o mandou enxugar pera com o mais se repartir igualmente por todos. Pera se poder descubrir mais alguma cousa, se mandou nesta noite deitar o fogo ás reliquias da náo, o que em taes casos he muito importante pera aproveitar a pregadura pera o resgate, e pera que os negros a não possão haver senão da mão dos nossos, tendo o cuidado de lançar bem ao mar, e de sorte que elles o não vejam, toda a que não puder servir, pera que nunca se possam aproveitar della; porque ficando

na praia, e vendo-a os Cafres, quando vem resgatar seus gados, não o querem fazer, e tornam com elles, persuadidos de que brevemente serão senhores do ferro, por que ham de escambar as suas vaccas, e os seus carneiros, como succedeo nesta occasião.

Ao outro dia, que se contavam 28. de Março, mandou Nuno Velho o Capitão, e o Mestre com alguma gente á náo, e trouxeram tres mosquetes, quatro espingardas, dous fardos de arroz, hum quarto de carne, dous de vinho, quatro jarras de pão, algumas de azeite, e muitas conservas; e tornando depois de jantar, acháram hum caixão do Capitão Mór com muitas peças de prata, e ouro, e alguns escritorios pequenos cheios de rosarios de crystal. De tudo se fez entrega ao Capitão, e este a Nuno Velho, e por sua ordem se guardou, e do mantimento se foi provendo a gente.

CAPITULO XXIV.

De como o Senhor da terra sabendo que nella estavam estrangeiros, foi visitallos: das ceremonias, e cumprimentos que houve entre este, e Nuno Velho Pereira: e do mais que se passou até os nossos se pôrem a caminho pera o rio de Lourenço Marques.

NEste mesmo dia, e já assás tarde, sabendo o Senhor daquella terra que os nossos estavam nella, veio visitar ao Capitão Mór acompanhado de alguns sessenta negros; e vindo já perto, se levantou Nuno Velho, e andando alguns passos, o foi receber, e elle o saudou, dizendo: *Nanhatá, Nanhatá* em sinal de paz; e lançando-lhe depois a mão á barba, e passando-a por ella, beijou a mesma mão: esta mesma cortezia fizeram os outros barbaros aos nossos. Este negro chamado Luspance era homem bem apessoado, de rosto alegre, não muito preto, cabello revolto, barba curta, e bigodes compridos; vinha cuberto, assim como todos os outros, com hum mantão de pélles de bezerro com o cabello pera fóra, e por dentro untado com gordura pera amaciar, e na mão enroscado em hum páo delgado hum cabo de bogio,

-gio, ou de raposa, com que se alimpavam, e faziam sombra aos olhos pera verem.

Concluidas as ceremonias entre Nuno Velho, e o negro, sentáram-se ambos em huma alcatifa, e junto a elles dous escravos nossos: hum de Manoel Fernandes Girão, que entendia a linguagem destes Cafres, e fallava a de Moçambique; e outro de Antonio Godinho, que sabia esta, e fallava muito bem a nossa, e assim com dous interpretes se entráram a communicar.

Rompeo Nuno Velho o discurso, perguntando ao Cafre, o que lhe pareciam os seus soldados? Muito bem, lhe tornou elle, porque tinham todas as feições do corpo taes como as suas, e por serem filhos do Sol eram brancos; mas que folgaria saber o que alli os tinha levado; ao que Nuno Velho satisfez, dizendo: » Nós somos vassallos do mais poderoso » Rey da terra, a quem toda a India obe» dece, e paga tributo, e nella tem hum » Viso-Rey que a governa, donde vindo » nós pera Portugal nossa patria em huma » náo tão grande, que recolhia em si a to» dos quantos aqui estamos, e a outra tan» ta gente que já he morta, a qual o mar » com sua braveza abrio, e lançou nesta » praia » O que ouvindo o negro, ficou « muito admirado. Após isto seguio-se hum

 pre-

presente que o negro fez de dous carneiros de casta de Ormuz, que logo se matáram, e repartíram por toda a gente; os quaes tanto que o negro vio mortos, foi com hum dos seus ao lugar em que os esfolavam, e mandando ao outro tomar da immundicia que tinham no ventre, com a sua mão a deitou no mar com ceremonias, e palavras de agradecimento, por lançar em sua terra os Portuguezes, de cuja perdição esperava grande proveito.

Acabado isto, tornou a Nuno Velho, e este o convidou com doce, e vinho, de que muito gostou, por lhe aquecer a barriga; e querendo retirar-se, lhe deo o Capitão Mór huma bacia de latão cheia de prégos, e hum escritorio dourado da China com que ficou muito contente; e despedindo-se de Nuno Velho, e mais Portuguezes com o mesmo ceremonial com que se recebêram, se foi, promettendo mandar ao outro dia hum homem dos seus, que ensinasse aos nossos aonde havia agua; cousa de que já tinham alguma necessidade, porque até alli se tinham remediado com a das pipas, que o mar tinha deitado na praia, bem que alguma cousa salgada com a mistura da do mar que lhe tinha entrado.

No dia 29. pareceo ao Capitão Mór ser necessario pera o bom regimen daquel-

le

lè pequeno arraial ſe elegeſſem os officiaes neceſſarios pera elle, e encarregou diſto, e da ſua diſtribuição ao Capitão Julião de Faria Cerveira, e nomeou pera Provedor a Diogo Nunes Gramacho, e pera Theſoureiro ao Meſtre João Martins, encarregando-lhes que tomaſſem a ſeu cuidado a guarda das peças de prata, e ouro, e mais couſas pera o reſgate, e juntamente a Fr. Pedro; e que as commutações ſe fizeſſem com aſſiſtencia de Antonio Godinho, por ſer muito experimentado no commercio dos Cafres, com quem tratáram muito tempo nos rios de Cuama. Logo o Capitão Julião de Faria cuidou em repartir o arraial em tres batalhas, e em tres partes os ſoldados pera as vigias, e pera Capitães deſtas Franciſco da Silva, João de Valladares, e Franciſco Pereira, e da gente do mar fez outras tres divisões, e pera Capitães dellas o Piloto, o Meſtre, e o Contra-meſtre Cuſtodio Gonſalves. Igualmente ſe repartíram pelos ſoldados as armas que ſe tinham achado, e outras que neſte meſmo dia ſe tiráram, que por todas eram doze piques, vinte e ſete eſpingardas, ſinco moſquetes, eſpadas, e rodellas.

Porém conſiderando Nuno Velho o que pera tão comprida jornada lhe era neceſſario, mandou aos Bombardeiros, que re-

refinada a polvora, a recolhessem nos bambús, que se acháram pela praia, dos quaes alguns tinhão servido de baldes na náo, e que os forrassem de couro por fóra pera se não humedecer; e que fizessem tambem huns saquetes pera se levar o cobre de huma caldeira, e de seis caldeirões, tudo feito em pequenos pedaços pera o resgate, e outros saquetes maiores pera os mantimentos, que se tinham tirado da náo. Da qual como se não salvasse outra cousa mais do que os escritorios que dissemos, e o caixão do Capitão Mór com dezesete peças de ouro, e vinte e sete de prata, de todas fez elle hum liberal donativo aos seus soldados, pera o que mandou entregar todas ao Provedor, e Thesoureiro, pera que em chegando a algum porto nosso, repartisse entre todos o valor das que sobejassem da jornada, o que se fez em Moçambique, vendendo-se por mil e seiscentos cruzados, que por elles se repartíram. Ordenadas todas estas cousas, e os nossos providos de agua, que os negros lhes mostráram em dous lugares, hum na mesma praia em hum charco em que havia bem pouca, outra detrás de hum outeiro em humas poças ao pé de huma ribeira. Esta escacez de agua he geral por toda a costa da Cafraria, e igualmente a das fontes pelo Sertão;

po-

porém eſte he cortado de muitas ribeiras de boas aguas, com o ſoccorro das quaes ſe fazem deſneceſſarias as fontes.

Ao ſetimo dia da ſua eſtada naquella praia, em que ſe contavam 31. de Março, tratou-ſe do caminho que deviam ſeguir: a maior parte dos votos foi que ao longo da praia; porém lembrado Nuno Velho do que tinha lido, e ouvido da perdição da náo S. Thomé, e Galeão S. João na terra dos Fumos, e dos perigos, trabalhos, fomes, ſedes, e doenças que ſupportáram os que eſcapáram deſtes dous naufragios, moſtrou com o ſeu exemplo que muito maiores ſeriam os males que haviam de padecer, coſteando a coſta da Cafraria, por ſer muito maior a diſtancia em que preſentemente ſe achavam ao rio de Lourenço Marques, que deviam ir demandar, por ſer o primeiro porto daquella coſta, onde os Portuguezes coſtumam ir reſgatar. A' viſta de tão acertadas razões, todos mudáram de parecer; e abraçando o do Capitão Mór, como mais acertado, de commum acordo aſſentáram caminhar pelo Sertão.

Decidido eſte ponto, e repartida a gente pelo Capitão, conforme a ordem em que deviam marchar; e diſtribuidas aos ſoldados as eſtanças que deviam guardar, e vindo outra vez viſitallos o Senhor da terra,

ra, Nuno Velho lhe pedio guias que o encaminhassem ás terras de outro Encosse vizinho, e elle lhas prometteo, e trouxe no dia da partida, que devia ser no primeiro de Abril, e na noite antes se deo hum rebate falso, a que com toda a presteza, e diligencia acudíram os nossos soldados aos lugares que lhes estavam determinados. Depois de tudo socegado, e já dia claro, se puzeram no principio do caminho, e mudáram-se pera hum valle, que ficava entre dous montes, e aqui vieram ter os guias, e o seu Encosse Luspance com duas vaccas, e dous carneiros, que resgatáram por tres bocados de cobre do tamanho da palma da mão, cujas vaccas mandou Nuno Velho matar á espingarda, (estratagema de que ordinariamente se servia, e mandava praticar diante dos Cafres pera os amedrontar) de que ficou tão atemorizado Luspance, que quizera fugir, se Nuno Velho o não detivera pelo braço, e o socegára; e depois de comerem todos juntos, foram-se pera voltar no outro dia seguinte, que era o destinado pera a partida, que não foi, por chover muito naquella noite, e ser necessario enxugar as tendas ao Sol, que foi muito claro no outro dia.

CA-

CAPITULO XXV.

Da jornada que fizeram desde o Penedo das Fontes até ao Rio de Lourenço Marques: e do que nella lhes succedeo.

NO dia tres de Abril partíram os nossos daquella praia seriam nove horas da manhã, e alguns delles bem feridos do destroço da náo, entre estes Francisco Nunes Marinho gravemente em huma perna; assim deixando nella os pedaços da náo, em que se tinham salvado, e entregue ás aguas as riquezas que com tantas fadigas, e em dilatado tempo tinham ajuntado, deram principio á sua peregrinação.

Hiam diante o Capitão Julião de Faria Cerveira, e o Piloto com hum dos guias, e as outras, e o seu Encosse com Nuno Velho Pereira, e com estes Dona Isabel Pereira, e sua filha Dona Luiza de Mello em manchiras levadas pelos escravos de Nuno Velho; e observando o Piloto com hum relogio solar a derrota que seguiam, vio que era ao Nordeste, rumo que por vezes mudáram, e tambem a ordem da marcha, passando-se Nuno Velho pera diante pera a fazer mais suave. Ao outro dia andando procurando váo pera passarem hum grande rio, que entendêram ser o do Infan-

fante, encontráram dous negros, a quem Luſpance, que até aqui acompanhára os noſſos, pedio os guiaſſem ao ſeu Encoſſe, o que elles não duvidáram fazer fiados na boa paga, porque todos eſtes Caffres são muito intereſſeiros; mas ſe lhes pagam adiantado, não eſperem delles ſerviço algum, porque ſe acolhem com o premio, e não dão conta de ſi. Daqui ſe deſpedio Luſpance com os ſeus guias, e os noſſos foram proſeguindo ſeu caminho com os que elle lhes procurava.

No dia 9. de Abril em hum povo, onde foram bem recebidos, obſervando o Piloto o Sol por mandado do Capitão Mór com hum aſtrolabio, que ſalvára do naufragio, achou que eſtavam em trinta e ſeis gráos e ſeis minutos do pólo do Sul; pelo que, ſegundo o rumo que levavam, tinham andado dez leguas em oito dias e meio, e não era tão pouco á viſta dos embaraços que lhes cauſavam os feridos, e as duas Fidalgas que os ſeguiam. Proſeguindo ſeu caminho, e ſendo já no dia dezeſeis, que foi ſexta feira de Endoenças, hiam já tão canſados os eſcravos do Capitão Mór, que levavam Dona Iſabel, e ſua filha, que foi neceſſario a Nuno Velho valer-ſe do Meſtre, pera fazer com que a gente do mar as quizeſſe levar; e eſte ajudado do Piloto,

con-

conſeguio que os Grumetes ſe encarregaſſem dellas pelo premio de hum mil cruzados, que Nuno Velho lhes pagou por ellas em Moçambique.

Aſſim indo ſeguindo ſua peregrinação, ora com guias, ora ſem ellas, em cuja falta guiava o Piloto por mandado do Capitão Mór, ſubindo, e deſcendo mui aſperas ſerras, atraveſſando denſos matos, e rios muito caudaloſos, e rápidos com agua pelos peitos, grandes alagôas, aridos deſertos, faltos de agua, e de ſuſtento, até que finalmente chegado o dia de S. João, deſcubríram logo pela manhã de ſima de hum alto huma aldeia, cujas caſas eram taes como as noſſas choupanas das vinhas, e não redondas, como as de todos os outros lugares, por que tinham paſſado. Tanto que os moradores della houveram viſta dos noſſos, ſe juntáram obra de duzentos; e indo ter com elles o Lingua, e dizendo-lhes que eram Portuguezes, que hiam em demanda das terras do Inhaca, pera dahi ſe paſſarem a Moçambique, vieram logo ver o Capitão Mór, e certificallo que eſtava nas terras que buſcava, e que aquella povoação era de huma irmã do meſmo Inhaca, e que ainda não era ido o navio do reſgate.

Todos ſe alvoroçáram com tão boas novas; e tanto que chegáram ao meio do po-

povoado, veio a irmã do Inhaca com seu marido visitar o Capitão Mór, os quaes foram delle recebidos com a devida cortezia, mostrando-se muito pezaroso de não poderse demorar alli alguns dias, como elles lhe pediam; e dando-lhes dous pedaços de cobre, e hum panno preto, se despedio. Desta povoação, e de hum sitio chamado os Medãos do Ouro descubria-se o mar, com a vista do qual ficáram os nossos tão admirados, como se fora huma cousa nova pera elles. Daqui guiados por hum negro do Inhaca, que da sua parte fora saber de sua irmã, caminháram por huma grande praia de arêa viva, que logo os cançou muito; e subindo desta ao alto de huns Medãos, por que se podia caminhar com menos trabalho, chegáram ao Sol posto a outra povoação, que estava ao longo de hum rio, que logo passáram por estar de maré vasia; e assentando seu arraial da outra banda, aqui lhes vieram vender, por bocados pequenos de pannos, milho, gallinhas, e tainhas muito grandes, e muito saborosas.

Ao outro dia pela manhã víram o rio tão opulento com a preamar, que era impossivel o poder-se vadear, não sendo maré vasia. Este rio, que na boca fórma huma ilheta, e de que já fizemos a descripção, he o a que os nossos Portuguezes, salvos

do

do naufragio da náo S. Thomé, puzeram o nome de Rio da Abundancia. Continuando daqui sua jornada por detrás dos Medãos, foram passar a noite debaixo de hum grande arvoredo muito copado, e fechado, o que lhes foi muito proveitoso pera os reparar da muita chuva que houve naquella noite. Ao outro dia tomando o Piloto o Sol, achou que estavam em altura de vinte e seis gráos e vinte minutos; e indo sempre por terras do Inhaca, amenas, e ferteis, onde encontrando hum negro, este os certificou da estada do navio do resgate no rio de Lourenço Marques, pela qual causa determinou Nuno Velho mandar algumas pessoas com o guia, para se certificar do que lhe diziam todos estes Cafres, e pera isto escolheo Antonio Godinho, Simão Mendes, e Antonio Monteiro.

Partíram estes tres homens com o guia; mas nesse mesmo dia, sendo já bem noite, voltou o mesmo guia com outro negro mandado pelo Inhaca a visitar o Capitão Mór, o qual tanto que chegou a elle, fazendo sua mezura, e tirando hum barrete que trazia na cabeça, lhe disse: *Beijo as mãos a vossa mercê, como Cafre creado entre Portuguezes, que ficára naquella terra da perdição do Galeão S. João.* De

to-

todos foi muito feſtejada a ſua cortezia, e igualmente as palavras della; e perguntado cujo era, diſſe que do Senhor de Inhaca, o qual ficára muito goſtoſo, quando víra os Portuguezes na ſua povoação; e ſabendo deſtes que elle era na ſua terra, o quizera logo viſitar, o que não fizera por ſer de noite, que pelo em tanto eſtiveſſe certo que o navio ainda eſtava no rio.

Em toda eſta jornada não tiveram os noſſos couſa, que lhes cauſaſſe maior alegria; porque eſtando o navio ainda no rio, tinham todos ainda eſperanças de vida, o que ſeria muito duvidoſo ſe houvera partido, por terem de atraveſſar a bahia, e irem até Sofala, ou eſperar hum anno até á vinda de outro navio, e em qualquer deſtas couſas havia grandes difficuldades; porque pera irem dalli pera Sofala, haviam de pôr ao menos dous mezes no caminho, que ſobre tres que já vinham a caminhar, era couſa muito grande pera quem vinham tão eſtanquados de forças, como elles vinham; porém muito maiores ſeriam os riſcos a que ſe expunham, havendo de eſperar; porque ao menos havia de ſer hum anno, e póde ſer foſſem bem poucos os que chegaſſem ao fim delle, em huma terra tão doentia, de muito más aguas, e muito eſcaça de mantimentos, como eſta era;

era; assim com assás de razão se alegráram nesta noite com a certeza da estada do navio.

Ao outro dia pela manhã veio hum dos tres homens que o Capitão Mór mandára ao Inhaca com larga relação do navio, em tudo conforme com a que o ultimo negro dera; pelo que não obstante chover muito, desacampáram, e foram com grande alvoroço caminhando pera a povoação do Inhaca, donde concorriam muitos negros a encontrallos. Mandou o Capitão Mór recado ao Rey da sua chegada, e este lhe mandou dizer que o fosse esperar junto a huma arvore, que estava vizinha á sua casa, em quanto elle se levantava, e vestia. Foi-se Nuno Velho pera o lugar assinalado, levando em sua companhia oito arcabuzeiros, o Provedor, o Thesoureiro, o Piloto, e o Lingua; e sentando-se ao pé da arvore em huma esteira que o Rey alli mandára estender, a pouco espaço appareceo este sem nada na cabeça, cingido com hum panno, do mesmo modo que usam as mulheres na India, e cuberto com hum grande ferragoilo.

Este negro era de estatura agigantada, bem feito, semblante alegre, e aprazivel; e chegando ao Capitão Mór, que já estava em pé, o tomou pela mão, e ambos se

sen-

ſentáram na eſteira: deo a Nuno Velho os emboras da chegada, e os pezames da ſua perdição, o que eſte lhe agradeceo com palavras de muita cortezia, e juntamente o que fizera a D. Paulo de Lima, e aos da ſua companhia, quando por alli paſſáram, e rogou-lhe lhe déſſe hum homem pera mandar hum recado ao Capitão do navio. De tudo ſe deo o Rey por muito obrigado, pela muita amizade que ſeu pai tivera com os Portuguezes; e chamando hum negro ſeu, o mandou o Capitão Mór com Antonio Godinho, e outros dous ſoldados, e hum lingua a levar o recado. Seguio-ſe a iſto o preſente que lhe fez o noſſo Capitão Mór, que foi hum ſombreiro de feltro negro; hum panno da China lavrado de ſeda, e ouro; duas vaccas prenhes, e em duas cadeias de prata, que ſe tiráram do apito do Meſtre, huma medalha, e huma pequena garrafa de prata, com cujas dadivas ſe moſtrou o negro contentiſſimo; e como os noſſos ainda eſtavam por accommodar, mandou a hum dos ſeus negros que os foſſe agazalhar em hum lugar perto do povoado, onde havia água, e lenha, pera onde o Capitão Julião de Faria ſe foi logo com toda a gente, e alli ſe apoſentou o arraial, ficando Nuno Velho com os Officiaes, e ſoldados

que

que o acompanhavam praticando com o Inhaca.

Sendo já horas de jantar, e obſervando o Piloto o Sol, diſſe ſerem onze horas, de que o negro ficou muito admirado, e muito mais ainda, quando pela agulha lhe moſtrou pelos rumos o caminho que tinham andado: depois levantando-ſe, e dadas as mãos, foram pera o alojamento, onde o Rey, depois de viſitar Dona Iſabel, e ſua filha, paſſou a jantar com Nuno Velho na ſua tenda; e retirando-ſe feriam duas horas, voltou a deſpedir-ſe ao outro dia, o que fez logo pela manhã cedo, veſtido em hum roupão de grã guarnecido de veludo encarnado, o ſombreiro que ſe lhe tinha dado na cabeça, as cadeias do apito ao peſcoço, e os braços cheios de manilhas de latão; e feitas as devidas cortezias, entre elle, e o noſſo Capitão Mór, eſte lhe deo o apito, e o poz nas cadeias de que ſe tinha tirado; e tocando o Meſtre nelle, ficou o Rey muito contente, por lhe parecer couſa boa pera a guerra, e a hum ſeu filho deo-ſe hum copo de prata, que o pai lhe tomou logo. Poſtos os noſſos em ordem de marchar, e deſpedidos do Inhaca com muitas demonſtrações affectuoſas de ambas as partes, continuáram ſeu caminho por baixo de ar-

vo-

voredos, e ao longo de alagoas de agua doce até ás dez horas; e estando descançando, e deixando passar a calma, vieram ter com elles dez negros da terra, com dous marinheiros do navio, e hum natural de Moçambique, a que lá chamam Topáz, o qual disse a Nuno Velho, que andando resgatando marfim por aquelle rio, e sabendo dos Cafres que estavam Portuguezes com o Inhaca, deixára tudo pelos vir ver com aquelles seus companheiros. Esta boa vontade lhes pagou Nuno Velho, dando ao Topáz huma garrafa de prata, e aos dous marinheiros outra.

Ao outro dia, que foi o de S. Pedro, ás nove horas, chegáram a huma povoação, em que assistia hum filho do Inhaca, o qual como já soubesse da ida dos nossos, foi logo visitar o Capitão Mór, e a pedimento deste lhe deo hum homem pera mandar outro aviso ao Capitão do navio, que com hum dos dous marinheiros partio com toda a diligencia. Em paga disto deo Nuno Velho a este Principe hum pé de copo de prata, e hum panno da China como o que se dera a seu Pai. Era este Cafre mui parecido a elle, e vivia aqui apartado, e em desgraça, por lhe querer procurar a morte, e occupar o Reyno; e como communicava mais com os Portuguezes, fallava algumas

pa-

palavras das nossas; e despedindo-se delle o Capitão Mór, e caminhando depois de sésta, foram pernoitar ao pé de hum bréjo.

E porque, segundo o dizer dos negros, era já monção, e tempo da partida do navio, e nelle pertendia Nuno Velho embarcar-se com os mais Portuguezes que o seguiam, mandou outro recado ao Capitão delle, que era Manoel Malheiro, dizendo-lhe que o esperasse, e mandasse embarcações á praia pera os passar á Ilha. De nenhum destes avisos houve resposta senão no ultimo de Junho, depois que levantáram o arraial, em que tinham ficado junto ao bréjo; e quando hiam já perto da praia, onde encontráram hum Cafre, Marinheiro do navio, com duas cartas, huma do Capitão pera Nuno Velho, e outra do Piloto pera Rodrigo Migueis, em que lhes diziam, que em sua companhia ficavam os homens, que lhe tinham levado o seu recado, e que ao outro dia viriam as embarcações pera passar a gente á Ilha. E com effeito, sendo quasi noite, chegou em huma embarcação o Capitão do navio, que foi muito bem recebido de Nuno Velho; mas como a maré vasava, convieram em que se retirasse logo, levando em sua companhia Dona Isabel Pereira, e sua filha; o Provedor Diogo Nunes Gramacho, com os dous Frades Fr.

Pedro, e Fr. Pantaleão, e os demais ficáram muito bem agazalhados, e provídos de mantimentos.

Ao outro dia pela manhã cedo veio a mesma embarcação com outra, pera passar a gente que ficára, pera a Ilha, o que não póde fazer-se por ter vasado a maré, e ter levado muito tempo a passagem do gado que traziam; porque depois que passáram os desertos, tinham resgatado muitas vaccas, e tantas, que quando alli chegáram levavam cento e nove, que lhe tinham sobejado da jornada, e não tiveram mais tempo que pera passar pera a primeira Ilha, e nella pernoitáram. Tanto que chegou a baixa mar do dia seguinte, atravessáram os nossos o rio, e foram pera a outra Ilha, onde estava a gente do navio aposentada em cabanas, que tinham feito pera se agazalharem, e nellas foram recebidos cento e dezesete Portuguezes, e sessenta e sinco escravos, escapados todos do naufragio, e peregrinação, em que andáram tres mezes, e nelles mais de trezentas leguas; ainda que do Penedo das Fontes até á Ilha, em que estavam, não havia por linha direita cento e sincoenta leguas.

CA-

CAPITULO XXVI.

Do que mais succedeo á esta gente da náo Santo Alberto até chegar a Moçambique: e de como alguns dos Portuguezes, deixando o navio, quizeram ir por terra a Sofala, e pelas suas desordens foram quasi todos mortos no caminho pelos Cafres.

Logo ao outro dia quiz o Capitão Mór saber que mantimentos, e agua havia no navio; e perguntado o Capitão, respondeo que os marinheiros tinham noventa caçapos de milho (o que deita a mais de onze moios); que quanto á agua, estavam cheios os tanques do navio, e que nelles se poderiam conter doze pipas; mas por ser pouca pera tanta gente, mandou Nuno Velho se despejassem quinze jarras, que hiam cheias de mel, que na tal Ilha o ha muito bom, e delle toma ella o nome, e se enchêram de agua; e logo Nuno Velho mandou pagar aos marinheiros o milho, e o mel por aquelle preço, por que o poderiam vender em Moçambique, o que tudo montou em duzentos e setenta e seis cruzados, e com as vaccas que crescêram da jornada, fizeram parte da sua matalotagem.

Chegado o tempo da monção, porque sem ella se não podem navegar aquelles mares, embarcaram-se todos a 9. de Julho, pera esperarem a conjunção da Lua, que havia de ser a doze, e com ella os ponentes, pera poderem seguir sua viagem; e anticipa-se a embarcação; porque pera o navio haver de navegar, deve pôr-se fóra de hum baixo, que está perto da Ilha, e aqui se vem esperar o tempo, porque estando dentro delle, não se póde sahir com o mesmo ponente. Embarcados todos no navio, ficou este tão embaraçado com o numero de duzentas e oitenta pessoas que nelle estavam, que disse o Piloto delle Baptista Martins, marinheiro que tinha escapado do naufragio da náo S. Thomé, que não se atrevia a governallo, nem poderia marcar-se, assim que vissem o remedio que se havia de pôr a tanto excesso. Sobre isto chamou o Capitão Mór a conselho, e conveio-se em deixar na terra os marinheiros do navio com suas familias, que como eram Mouros, teriam nella melhor remedio do que os Portuguezes. Abraçou-se este parecer, desembarcaram-se todos os Mouros com suas mulheres, filhos, e fato, cujo numero montava a quarenta e sinco pessoas, o que todos elles soffrêram de bom grado com a boa paga que Nuno Velho lhes mandou

dar,

dar, com a qual esperavam fazer jornada por terra a Moçambique, e muito mais proveitosa que a que poderiam fazer por mar.
Desempachado mais o navio, e chegada a conjunção da Lua, não mudou o vento donde estava, e foi necessario esperar outra Lua. Neste meio tempo alguns Portuguezes, enfadados tanto da estreiteza do navio, como da escacez da agua, resolvêram ir-se por terra a Sofala, que ficava dalli a distancia de cento e sincoenta leguas. Muito sentido ficou Nuno Velho delles quererem deixar a sua companhia; mas como era em pro dos que ficavam, deo-lhes licença, e oito espingardas com toda a munição necessaria, e cento e sincoenta cruzados em peças de prata, e roupa. Por Capitão destes Portuguezes, que eram vinte e oito, foi hum soldado, por nome Balthazar Pereira, por alcunha o Reinol das forças, os quaes atravessando o rio de Manicha, e postos na terra firme, foram por ella fazendo tantas desordens, e desacatos, que sendo estrada já sabida, e trilhada pelos Portuguezes, que se salváram da náo S. Thomé, e Galeão S. João, quasi todos foram mortos pelos Cafres, e mui poucos os que chegáram a Sofala; do que claramente se conhece a falta que lhes fez Nuno Velho Pereira, que com a sua pruden-
cia,

cia, e bom governo os tinha guiado, e sustentado por toda a Cafraria até á Ilha do Inhaca com muita paz, e quietação, sem nenhum delles ser molestado de tantas, e tão differentes nações de Cafres que encontráram.

Vinda a monção, fez-se o navio á véla pera Moçambique em 22. de Julho; e mettido do Cabo das correntes pera dentro, saltou com elle hum temporal tão rijo, que os nossos se deram por mais perdidos nelle, do que na náo Santo Alberto, e foram obrigados a alijar muitos mantimentos ao mar; mas passados dous dias, abonançou o tempo, e chegáram a Moçambique a 6. de Agosto, onde desembarcando, foram todos em procissão com os Padres de S. Domingos, que já os estavam esperando na praia, a nossa Senhora do Baluarte dar graças a Deos, e a sua Santissima Mãi pelas grandes, e prodigiosas mercês que lhes tinham liberalizado neste naufragio, e peregrinação.

Aqui acháram arribada; como já dissemos, a náo Chagas, Capitão Francisco de Mello Canaveado, com toda a gente da náo Nazareth, o qual a todos agasalhou, offerecendo o necessario aos necessitados, aos ricos a sua náo, e consolou a todos como melhor podia; e aqui os deixaremos até

até ao mez de Novembro deste anno, em que embarcados todos na náo Chagas, menos alguns que voltávam pera Goa, seguíram viagem pera o Reyno, da qual em seu lugar daremos conta.

CAPITULO XXVII.

Da guerra que D. Pedro de Sousa, Capitão de Moçambique, foi fazer aos Muzimbas das vizinhanças de Sena, e máo successo della: e das pazes que os mesmos Muzimbas fizeram com os Portuguezes, sem embargo de ficarem vencedores: das náos que neste anno foram á India, em que foi pela primeira vez a Bulla da Cruzada.

VIsto andarmos por estas partes de Moçambique, razão será que demos relação da guerra, que o Capitão desta Fortaleza D. Pedro de Sousa teve com os Muzimbas das vizinhnças de Sena, pelas causas que já dissemos, e pera a qual se ficou apparelhando o anno passado. Chegado o tempo da sua partida, passou de Moçambique aos rios de Cuama, e foi a Sena levando comsigo alguns soldados; e informando-se do estado em que estavam os Muzimbas, e ordenadas as cousas como cumpria,

pria, e ajuntando quasi duzentos Portuguezes, e quinhentos Cafres, atravessou o rio Zambeze, foi por terra até á Fortaleza dos Muzimbas, e assentou o seu arraial, onde André de Sant-Iago assentára o seu, e daqui mandou bater o muro da Fortaleza com algumas das peças que pera isso levou, com o que lhe não fazia damno algum, por ser de madeira muito grossa, e terraplenado por dentro, de entulho muito largo, e forte que os Muzimbas tinham feito com a terra da cava, como já foi dito.

Vendo D. Pedro o pouco estrago que a sua artilheria fazia no muro dos inimigos, determinou entrallo, e render por assalto, pera o que mandou entulhar hum pedaço da cava, o que se fez com muito trabalho, e perigo dos nossos, porque os Muzimbas de sima do muro fréchavam, e matavam alguns. Entulhado o bocado da cava, passou muita gente por elle com machados até ao pé da tranqueira; e entrando a cortar nella, foi tanto o azeite, e agua fervendo que lançáram de sima do muro sobre os que cortavam, que escaldáram, e pelláram quasi todos, e mormente os Cafres, por andarem nús, assim não havia quem ousasse chegar ao pé da tranqueira, tanto por medo do azeite fervendo,

co-

como de huns arpões de ferro compridos á modo de fisgas, que os Muzimbas lançavam pelas fetteiras do muro fóra, com que feriam, e afferravam em todos os que se chegavam perto, e de dentro puchavam por elles com tanta força, que os chegavam aos buracos das fetteiras, onde lhes davam mortaes feridas; pelo que mandou D. Pedro de Sousa se recolhesse toda a gente, e descançasse: todo o resto deste dia se gastou em curar os feridos.

Ao outro dia mandou o Capitão colher muita madeira, e verga, e della fazer grandes cestos, tão altos, e mais que as tranqueiras dos inimigos, e mandou que se puzessem defronte dos muros, e que os enchessem de terra, pera que os soldados peleijassem de sima delles com as espingardas, e os Muzimbas não pudessem andar por sima do muro, nem lançar azeite fervendo sobre os que cortassem a tranqueira. Estando quasi concluido este ardil de guerra, succedeo ordenar-se ao mesmo tempo outro de paz, ou melhor será dizer de cobardia, pela maneira seguinte.

Havia já dous mezes que esta guerra durava, de que enfadados os moradores daquelles rios, que alli estavam mais por força que por vontade, por estarem fóra de suas casas, e mercancias, que he todo

o

o seu trato, q não guerras, fingíram algumas cartas vindas de Sena de suas mulheres, em que lhes diziam, que estavam em grande aperto, por causa de hum Cafre levantado, que se dizia vir com muita gente pera roubar Sena, por saber que os Portuguezes andavam ausentes, assim que acudissem logo a suas casas. Divulgou-se esta mentira pelo arraial, e os moradores de Sena se foram ao Capitão, e lhe requerêram que largasse aquelle cerco, e acudisse ao que mais importava, senão que elles haviam de acudir a suas casas, e deixallo.

Vendo D. Pedro a sua determinação, e entendendo serem verdadeiras as novas das cartas, levantou o cerco, e mandou passar a gente huma noite pera além da Ribeira; mas não se pode fazer isto com tanto resguardo, que o não sentissem os Muzimbas, os quaes sahindo com grande impeto da sua Fortaleza, deram sobre o arraial, matáram alguma gente que ainda estava nelle, tomáram a maior parte das bagagens, e a artilheria que ainda não estava recolhida.

Assim desbaratado, e desgostoso se retirou D. Pedro de Sousa pera Sena, e dahi pera Moçambique, sem fazer o que desejava, deixando o Muzimba melhorado, e muito mais soberbo do que estava; mas ain-

ainda que ficaſſe victorioſo, commetteo logo depois pazes aos Portuguezes de Sena, dizendo, que elle nunca quizera guerra com os Portuguezes, antes ſempre deſejára ſua amizade, e commercio; mas como os Portuguezes eram os que lhe tinham feito guerra, ſem elle lhes ter feito algum aggravo, elle os matára em ſua defeza, como era obrigado. Eſtas pazes foram acceitas pelo bem que dellas reſultava aos Portuguezes daquelle rio.

No fim deſte anno, e já bem tarde, chegou a Goa a Frota, que nelle deſpachou ElRey D. Filippe primeiro pera a India, cujas ſinco náos ſahíram de Liſboa a 13. de Abril, indo por Capitão Mór dellas D. Luiz Coutinho Cabaço na náo S. Filippe; João Lopes de Azevedo na náo S. Franciſco; Antonio Teixeira de Macedo na náo S. Chriſtovão; Pedro Gonſalves na náo S. Pedro, e Lopo de Pina na náo S. Bartholomeu, a que alguns dam o nome de Santo Alberto.

Neſta Frota foi pela primeira vez á India a Bulla da Cruzada, e por Commiſſario Geral della o P. Fr. Franciſco de Faria da Ordem de S. Domingos, que tambem hia por Vigario Geral da ſua Ordem pera eſtas partes, varão doutiſſimo, de ſetenta e ſeis annos de idade, e com bem me-

merecida reputação de virtuoso, o qual mandou depois desfazer o Collegio de S. Thomaz, que a sua Ordem tinha em Cochim, e fabricar outro da mesma invocação na Cidade de Goa, por ser lugar mais accommodado.

CAPITULO XXVIII.

Da viagem que a náo Chagas fez de Moçambique pera o Reyno: e do que lhe succedeo até á altura da Ilha do Fayal.

TOrnando pois a continuar no proseguimento dos successos da gente da náo Santo Alberto, Nazareth, e Chagas, que deixámos em Moçambique, donde muita della se passou a Goa, a demais embarcando-se na náo Chagas com toda a fazenda da náo Nazareth que foi possivel, ficou tão sobrecarregada, que mesmo no porto entrou a metter agua pelo cisbordo. Era Mestre della Manoel Dias, e Piloto seu filho João da Cunha, que sendo Sota-Piloto, entrou neste cargo por morte do que o era, Sebastião Fernandes. Chegado o tempo de seguir sua viagem, que foi em Novembro deste anno, sahio de Moçambique esta grande náo, grande não só no tamanho, mas

na

na riqueza que em si continha, com toda a pedraria de tres náos, e com quatrocentas almas, das quaes eram duzentos e setenta escravos, e cento e trinta Portuguezes, entre soldados, e Fidalgos, cujos eram D. Duarte Déça, que fora Capitão de Goa; Nuno Velho Pereira, Braz Correa, Capitão da náo Nazareth, Julião de Faria Cerveira, Capitão da náo Santo Alberto, Antonio de Povoas, Capitão Mór da Armada de Dio, D. Rodrigo de Cordova, Castelhano; João de Sousa, Pedro da Costa de Alvellos, João de Valladares Sotto-maior, que muitas vezes servio de Capitão nas Armadas da India, Paulo de Andrada, Henrique Leite, Luiz Leitão, Antonio Godinho de Béja, Bento Caldeira, Diogo Nunes Gramacho, Melchior Martins do Barreiro, Gregorio Gomes Galego, e Fr. Antonio, Frade de S. Francisco. Além destes vinham mais Dona Francisca da Fonseca, filha de Bernardo da Fonseca, Védor da Fazenda da India, e mulher de D. Tristão de Menezes, Capitão de Goa, com tres filhos, D. Simão já homem, e dous pequenos, e duas filhas, huma já mulher, por nome Dona Luiza de Menezes, Donzella formosa, e outra ainda menina; e com esta Dona vinha hum seu irmão; Dona Isabel Pereira, e sua filha Dona Luiza de Mello,

lo, que escapáram do naufragio da náo Santo Alberto com Nuno Velho. Seguindo pois sua derrota costumada, passou o Cabo de Boa Esperança com furiosas tormentas, e grandes trabalhos, mettendo muita agua pelo cisbordo, pela qual razão hiam com grandes vigias, e se alijáram muitas fazendas que hiam por sima, e muitos mantimentos, que depois lhe fizeram bem falta: e quiçá que isto fosse a maior causa da sua perdição, como adiante se verá.

Dobrado o Cabo, esperavam todos, ou a maior parte dos que nella hiam, ir á Ilha de Santa Elena, sobre o que fez o Capitão seu conselho; e mostrando o Regimento, por que S. Magestade lhe mandava que não arribasse a ella, por ser informado de que os Inglezes hiam metter-se nella; e que havendo falta de agua, ou de mantimentos, se fossem prover ao porto de S. Paulo de Loanda, e não ao Brazil; e posto que soubesse em Moçambique do Capitão D. Luiz Coutinho, quando passou pera a India, que os Inglezes tinham tomado no Corvo a náo Madre de Deos, e feito queimar a Santa Cruz que hia com ella, de cuja desventura atrás fizemos menção; cujas náos levavam o mesmo regimento que o Capitão mostrava, assentou-se com effeito que mais certos seriam os Inglezes

em

Angola, que em Santa Elena; mas não querendo desviar-se das ordens de S. Magestade, foram tomar Angola.

Neste porto se detiveram alguns dias; e providos de mantimentos, e agua, se fizeram na volta da Europa, accrescentando as bocas com os muitos escravos que tomáram; e como gastassem muitos dias por causa das grandes, e doentias calmarias daquella enseada de Guiné, lhe adoeceo muita gente do mal de Loanda, e lhe morreo quasi metade, e da que escapou hia a maior parte tão iscada do mesmo mal, que difficilmente podia pegar em armas, quando chegáram aos Açores, onde houve outro conselho sobre o que se faria, e teve-se por mais acertado o não ir avistar o Corvo, ainda que S. Magestade mandava em seu Regimento que buscassem esta Ilha, e nella achariam sua Armada.

Com este acordo puzeram a proa onde lhes convinha; mas como não podiam esquivar-se á triste sorte que os esperava, succedeo passados tres dias, que alguns homens do mar, que sempre são os que damnão todo o bom conselho, gulosos da agua fresca, e frutas das Ilhas, juntos com alguns soldados, entrarem a espalhar huma voz amotinadora, que na náo não havia mantimentos para chegar a Lisboa, e com is-

isto se foram ao Capitão Mór, e com grandes protestos, lhe requerêram tomasse as Ilhas pera se refazer do necessario.

Este que, segundo a ordem do seu Regimento, tinha deixado de as tomar em virtude do acordo tomado no ultimo conselho, temendo esta voz pública, e parecendo-lhe que se não fosse ás Ilhas, e tivesse algum máo successo, ElRey o reprehenderia, aquietou os amotinados, e fez outra Junta, desejoso de acertar com o melhor; e como nella entravam pessoas de tanto porte, e experiencia, sustentáram o primeiro parecer, com tanto que na náo houvessem mantimentos, com que mediocremente se pudesse demandar a costa, e passassem sem avistar as Ilhas.

Pera se examinarem os mantimentos, foram nomeados Diogo Nunes Gramacho, e Luiz Leitão, pessoas de muita confiança, os quaes orçando, e balizando os mantimentos, e a agua, assentáram que não eram tantos, que pudessem deixar de ir buscar as Ilhas, o que junto ao motim, e ao Regimento, não pode o Capitão deixar de pôr a proa ao Corvo, e nisso fizéram todos bem contra o que entendiam lhes convinha, e até o mesmo Capitão Mór; e, arrostando com a fortuna, se poz a náo em ponto de guerra, concordando todos, que

en-

encontrando inimigos, antes se abrazariam, que entregar-se. Com esta resolução repartio o Capitão Mór as estanças; a poppa foi encommendada a D. Rodrigo de Cordova, e a Braz Correa o convés, e pera si tomou o lugar do perpáo. Nuno Velho não quiz lugar certo, e pedio ao Capitão Mór o deixasse livre, pera acudir onde mais necessario fosse, e nesta liberdade ficáram outros Capitães; porém Nuno Velho lançou depois mão do capiteo, lugar que ao diante foi muito accommettido dos inimigos. Outros escolhêram a proa com Antonio de Povoas, por ser parte muito importante.

CAPITULO XXIX.

Do grande combate que esta náo Chagas teve com tres náos Inglezas á vista da Ilha do Fayal, a qual depois de huma bem ferida batalha, foi desgraçadamente queimada, e della escapáram sómente com vida treze pessoas.

TEndo o Capitão Mór satisfeito com as obrigações do seu officio no provimento das estanças, e repartição da gente, e nomeado Diogo Nunes Gramacho pera o provimento da polvora, cousa muito importante nos combates do mar, e indo a

náo seguindo seu caminho, chegou á vista do Corvo; e não podendo aportar nesta Ilha, em razão de ser o vento contrario, tomou o rumo do Fayal; e sendo no dia 22. de Junho, houve vista de tres grandes náos, que logo conhecêram por Inglezas, e todas tres do porte de trezentas pera quatrocentas tonelladas cada huma, das quaes huma era do Conde Chiumber-Land, General dellas o Capitão Ckeve, e Almeirante o Capitão Antonio, todas tres vinham petrechadas de muita, e grossa artilheria de bronze, de que cada huma tinha duas andainas, muitas armas, muitos petrechos de guerra, e muita gente, e taes que qualquer dellas só por si podia affrontar-se com a nossa náo.

Vendo os nossos chegada a hora a tantos dias antevista, e que não podiam livrar-se, passáram outra vez palavra de que se não haviam de render em quanto tivessem vida, ou o mar, ou o fogo comerem a náo, e nesta resolução dos mais valerosos vieram aquelles que o não erão. Encommendando-se todos a Deos, e sendo meio dia, se travou com os inimigos huma medonha, e cruel batalha de bombardas, e mosquetes, sem em todo este dia, em toda a noite, até ao outro dia á mesma hora haver hum momento, em que parasse a furiosa

ba-

bateria, com muita mortandade de parte a parte, e a nossa náo accommettida pela poppa, por haver nella menos resistencia; pelo que foi necessario pôr-lhe de noite hum falcão, e abrir huma arrombada na tolda, em que com muito trabalho se poz huma peça de artilheria, e desempachar as duas do leme, que vinham recolhidas por falta de Bardeiros, pelos muitos que tinham morrido da doença de loanda, e outros no combate, cuja falta suppríram Nuno Velho Pereira, Pedro de Alvellos da Costa, Antonio Godinho, e Braz Correa.

Vendo os inimigos que a náo estava armada por poppa, e que daqui recebiam muito grande damno pela muita presteza com que eram meneadas aquellas poucas peças, e o pouco fruto que tiravam, e a muita gente que tinham perdido, juntáram-se todas as tres náos, e assentando abalroarem a nossa, a investíram ao meio dia. Tomou a Capitânia inimiga a nossa náo pelo meio; a Almeiranta pela poppa, e a de Chiumber-Land pela proa: investindo todas tres nesta ordem, e disparando-se a artilheria de parte a parte, com roqueiras, pelouros de cadeia, e de picões com grande estrago de todos, chovendo das gaveas hum diluvio de panellas, alcanzias de fogo, dardos, e pedras, ardendo

ao mesmo tempo pelos bordos bombas, e lanças de fogo, cahindo de todos os lados muitos mortos, e feridos, formando todas as quatro náos hum vivo incendio. Taes erão os fortes combatentes, os Inglezes teimosos em levarem a preza, e os Portuguezes obstinados em não lha largarem. Andava o mar roxo com o sangue que corria pelos embornaes; os convézes estavam semeados de mortos, o fogo ateado nas náos por algumas partes, e o ar encuberto com o fumo de tal sorte, que não só se não divisavam huns aos outros, mas mal se conheciam muitos por crestados, e mascarrados do fogo, e polvora.

Bem víram os do Fayal investirem-se estas náos; mas durante o combate, não as podiam divisar, porque se encerráram entre huma espessa nuvem de fumo, dentro da qual ouviam retumbar os pavorosos écos das bombardas. Neste assalto foi espedaçado pelas pernas com hum pelouro de bombarda D. Rodrigo de Cordova; e mostrou tanto valor, que levando-o para baixo quasi morrendo, levantou a voz, dizendo: *Isto, senhores, recebo em meu officio; haja bom animo: ninguem deixe o seu lugar, antes abrazados que rendidos.*

Succedeo-lhe no lugar Pedro de Alvellos da Costa, tão valeroso, qual depois

o experimentáram os inimigos, quando pela poppa quizeram commetter a entrada na náo, começando pelo prepáo, onde Nuno Velho acudio com huma lança de fogo; e ajudado de Luiz Leitão, e Melchior Martins do Barreiro, e outros, os obrigáram a retirar-se, pondo-lhe fogo na sua véla. Aqui acudio tambem Pedro de Alvellos com huma espada larga, cujos fios prováram bem os inimigos: retirados estes do máo acolhimento que acháram nessa entrada, entrou Pedro de Alvellos a servillos com o falcão da poppa, e com roqueiras ajudado do Mestre, do Piloto, e Sota-Piloto por tal fórma, que não ousavam apparecer, nem descubrir-se pelo muito damno que recebiam.

Querendo os da Capitânia Ingleza emendar o máo successo que tiveram na entrada que commettêram os da Almeiranta, tentáram por duas vezes entrar pela xareta; e tão confiadamente se arrojáram, como se na náo não houvera já quem a defendesse; porém Braz Correa, que estava no convés com a sua quadrilha, os recebeo tão galhardamente, e Nuno Velho de sima da poppa com os seus companheiros, e juntamente Antonio de Povoas com os seus da proa, que por mais que os Inglezes trabalháram por se retirar, o não pudérão con-

conſeguir ſem cahirem alguns delles ao mar com a preſſa, e outros ficarem mortos dentro na noſſa náo, e os que eſcapáram, deſenganados de tornarem a ella. Em huma deſtas entradas perdeo Melchior Martins do Barreiro a vida, e em ſeu lugar entrou Bento Caldeira por mandado do Capitão Mór, que a tudo occorria, e provia, deſenganando a todos que a náo ſe não havia de entregar, em quanto houveſſe algum com vida.

Parecendo aos Inglezes da náo da proa que não cumpriam com o que deviam, ſem fazerem tambem a ſua abordagem, emprehendêram huma que lhes ſahio tão cara, quaes eram os combatentes que lhe defendiam aquelle lugar, os quaes na náo inimiga, que lhes ficava atraveſſada, faziam notavel damno; e notando os Inglezes da Capitânia, que achando-ſe pelo bordo, e raſo da xareta, não faziam o ſeu dever ſem render por alli a noſſa náo, deram terceira abordagem com grande furia, todos eſcudados com rodella de aço, capacetes, e outras boas armas, reſolutos a morrer, ou tomar a náo; levantando na xareta da noſſa huma bandeira branca de paz, parecendo-lhes que os noſſos folgariam de ſe abraçar com ella. Porém o primeiro que os noſſos matáram foi o da bandeira, a tempo que

o

o Piloto João da Cunha levantava outra igual da poppa, que Nuno Velho, e os do capiteo lhe rompêram, e lançáram ao mar, querendo lançallo a elle tambem com ella juntamente, e dizendo-lhe que aquelle negocio se não havia averiguar com bandeira branca, mas com o sangue, e morte de todos, que se desenganassem os Inglezes: esta mesma voz corria por todas as estanças, posto que alguns mercadores que alli hiam folgassem mais de paz, do que de ver correr tanto sangue. Depois entrou a vagar huma voz de que a náo se hia ao fundo, e logo outra de que ardia, ao que outros respondiam: *Abraze-se, vá-se ao fundo; mas não se ha de render.*

Retirados os Inglezes escapados desta ultima entrada, continuava a porfia como se começára de novo, sem se ver outra cousa mais que mortos, sangue, e fogo, aturdidos todos do grande estrondo, e com terrivel sanha, e braveza: por duas vezes se pegou o fogo na Capitânia inimiga, e huma vez na náo da proa que se affastou ardendo, mas a tempo que tambem se tinha ateado no cochim de cairo da nossa náo, que vinha no gurupé pera guarda da véla do traquete, que os nossos se não lembráram tirar; porque estando os inimigos já desenganados da victoria, e desejosos de po-

poderem desembaraçar-se dos nossos, foi tal a furia do fogo no cochim, por estar mui secco do Sol, e guarnecido, e cercado de alcatroados, e subíram tão altas as chammas que se ateáram na véla, que como por estopas, e por ella subio até á gavea, abrazando véla, enxarcea, e gavea com tal furia, e brevidade, que não se pode atalhar; porque além de não terem meios pera isso, nem modo com que fazer subir a agua tão alto, os inimigos da náo da proa, bem que se hia arredando, ás mosquetadas matavam a qualquer dos nossos que apparecia pera o apagar, pois que nem assim com o fogo ateado cessava a batalha de parte a parte; até que finalmente se apartáram pera longe as náos inimigas, havendo boas quatro horas que estavam abordadas. Então tiveram os nossos lugar pera se arremessarem a apagar o fogo, e elles pera se arredarem, e evitarem o perigo em que se viam; mas isto foi já quando não havia remedio algum; porque tendo-se assenhoreado o fogo da gavea, e de toda a ençarcea da proa, e do castello, cahia a ençarcia com pelotes, e com tudo mais ardendo; e levando pelo castello, convés, e costado tão grandes lavaredas, com tanta soffreguidade, e ímpeto, que não houve remedio pera o apagar.

Des-

Desenganados os nossos que a náo ardia irremissivelmente, começáram muitos de se lançar ao mar em jangadas, e páos; e os que não sabiam nadar, a entrar em desesperado temor da morte; outros principalmente a escravaria, abraçando-se no lugar em que estavam, perguntando huns aos outros por remedio, clamavam ao Ceo por misericordia, com tantos brados, que suspendiam os ares; e ora correndo a hum bordo, ora a outro, não sabiam se se lançassem ao mar, ou se se deixassem abrazar do fogo. O P. Fr. Antonio abraçado com hum Crucifixo, pedindo a Deos misericordia por todos, e apertando com todos o fogo, entrou a obrigallos a lançarem-se ao mar, o que fizeram os que sabiam nadar; e os que o não sabiam fazer, entrando em maior temor, lançando diante páos, barris, e jangadas muitos se affogáram primeiro do que se pudessem apegar nelles; e onde maior aperto havia, acudiam os Inglezes armados de lanças, a quem os nossos pediam misericordia, que elles lhes não concediam, antes traspassando-os de parte a parte cruelmente com as lanças, como carniceiros, matáram a todos quantos pudéram alcançar.

Que se poderá dizer do lastimoso estado das infelices Fidalgas, daquellas mal af-

affortunadas donzellas, e desditosos meninos; das tristes, e traspassadas mãis, vendo-se sem remedio, abraçadas humas a outras, desordenadas, e sem determinação, dizendo-se tantas mágoas, que os corações dos afflictos ouvintes, que não lhes podendo valer, sentiam dobradas penas, vendo-as naquelle estado: a consideração de que se haviam de despir pera se deitarem ao mar, e esperar a misericordia dos Inglezes, as poz em termos de se deixarem antes queimar, que despirem-se.

Neste lance foi que Dona Luiza de Mello entrou a formar queixas contra a sua fortuna, dizendo: » Quanto melhor me » fora acabar no naufragio da náo Santo » Alberto, ou ficar enterrada nas arêas da » Cafraria; porque se me succedêra qual» quer destas cousas, não me achára agora » em tão acerba afflicção. Cruel fortuna, pera » que me lisongeaste com teus favores, se » me havias de enganar tão cruelmente? » Ingratas arêas da Cafraria, que cubristes, » e comestes Dona Leonor de Sá, porque » não tivestes comigo a mesma piedade, » quando por vós caminhei três mezes, e » nelles trezentas leguas? » Neste, e n'outros taes prantos passáram aquellas afflictas mulheres, e innocentes meninos o breve espaço que lhes restava de vida; e havendo

do por melhor conſelho lançarem-ſe ao mar, tomou Dona Luiza de Mello hum cordão de S. Franciſco, e atando-ſe com elle a ſua mãi, ambas ligadas, e affogadas foram ſahir a terra na Ilha de S. Miguel, onde lhes deram ſepultura.

Finalmente acabáram eſtes valeroſos Portuguezes nadando pelo mar, e paſſando dentro d'agua pelas armas dos crueis inimigos, contra as leis da guerra, que não mandam tirar a vida a gente rendida, e poſta em tal eſtado. Eſte foi o mais triſte, e horrendo eſpectaculo que já mais houve no mar com acerba perſeguição, e crueis extremos de ſupportar a morte entre fogo, mar, e armas de hereges inimigos, de que ſó eſcapáram com vida treze peſſoas por grande mercê de Deos, como diremos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XXX.

Desgraçado fim do Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado: modo, por que se salváram treze pessoas do combate, e incendio da náo Chagas, das quaes os Inglezes lançáram onze na costa do Fayal, e guardáram duas, que foram Nuno Velho Pereira, e Braz Correa, que leváram pera Inglaterra.

ACHava-se Braz Correa com quatro homens do mar ao perpáo sem se saberem determinar; e apertando com elles já o fogo, disse hum Marinheiro, a que chamavam o Matanaos, que se passassem á proa pela parte de fóra, pela cinta do costado, e lá esperassem a cahida do gurupé, que era boa jangada. Foram-se os marinheiros pela cinta, e apôs elles Braz Correa; o que notando o Capitão Mór, disse a Nuno Velho, que se fossem tambem pera elles: ao que este respondeo, que pera morrer, tanto montava ser n'uma parte, como n'outra: com tudo foi-se apôs o Capitão Mór pela cinta, e deitando a mão a huma corda, que lhe pareceo ser fixa, cahio com elle ao mar, onde se houve por affogado, não sabendo nadar, e por grande fortuna se apegou a hum páo já meio affogado.

O

O Capitão Mór tambem passou pela cinta ; e pegando-se na proa a huma das cadeias, que já estava solta da ençarcea, como a náo arfava muito, ora o levantava, ora o tornava a metter no fundo ; e como não sabia nadar, não se affoutava a despegar-se. Braz Correa, que tambem não sabia nadar, estava com os marinheiros mais avante, e todos pegados por baixo do grão fogo, mettidos tambem no mar, esperando a cahida do gurupé ; e como cahio de tal sorte, que arremessando-se a elle alguns marinheiros, grumetes, e escravos, fizeram jangada delle ; e como o pé lhe ficasse junto da náo, arriscou-se Braz Correa a lançar-se a elle, e o alcançou trabalhosamente, e ajudado dos que já lá estavam, conseguio pôr-se em sima. O Capitão Mór, que estava mais affastado, querendo tambem lançar-se a elle, como era mal visto, errou o salto, e foi-se ao fundo, e se affogou logo este honradissimo Fidalgo, que tão valerosamente tinha cumprido com as obrigações do seu cargo, deixando magoadissimos os que o viam morrer, sem lhe poderem acudir.

A este tempo vinha huma lancha dos Inglezes com as lanças enrestadas contra os que estavam no gurupé, que embaraçando-se na verga da cevadeira, que estava cru-

za-

zada, e fixa n'elle pela oſtaga, deteve-ſe nella: póde-ſe dizer que ainda aqui valeo o ſinal da Cruz a eſtes afflictos; porque na demora que fez, teve lugar hum grumete pera lhe moſtrar hum biſalho de pedraria, e offerecer-lhe, pera que o não mataſſem; o que viſto por elles, arvoráram as lanças, do que Braz Correa ficou entendendo que davam lugar ao moço pera entrar na lancha; e como elle não ouſava fazello, bradou-lhe o meſmo Braz Correa que entraſſe; e como era o que eſtava na ponta do páo, lançou-ſe á lancha, e elles o recebêram nella: os mais foram fazendo o meſmo, e tambem Braz Correa.

O Matanaos vendo Nuno Velho ainda poſto ſobre huma curva, lançou-lhe huma corda, e alando por elle, o ajudou a pôr ſobre o gurupé; e deixando-o ſobre eſte, deitou a correr, e foi-ſe metter na lancha, que a toda a preſſa ſe alargou, com medo não chegaſſe o fogo da náo á polvora, e fizeſſe voar as cubertas, e eſtas os alcançaſſem, e ſubmergiſſem. Braz Correa, que via ficar Nuno Velho ſobre o gurupé, entrou a inſtar com os Inglezes pera que o recolheſſem, e a perſuadillos com o grande intereſſe que delle lhes podia reſultar; mas não os pode reſolver pelo grande medo com que eſtavam da náo; porém gritáram

á

á outra lancha, que tambem vinha fugindo, que o tomassem, o que fizeram; e tanto que o tiveram dentro, lhe tiráram a roupeta que vestia, e hum relicario, e assim despido o passáram pera a outra lancha, que era da náo de Chiumber-Land, aonde foram levados.

Com este trabalho foi que se salváram treze pessoas, que foram Nuno Velho Pereira, Braz Correa, Gonçalo Fernandes, Guardião da náo Nazareth, e o Estrinqueiro della Antonio Dias; Pedro Dias, soldado da India, dous Calafates, dous marinheiros, e quatro escravos, os quaes da náo inimiga víram acabar de arder a sua, na qual sendo já noite, chegou o fogo á polvora, que com horrendissimo estrondo, e grande fumaça se acabou de concluir aquelle lastimoso espectaculo, indo-se o casco ao fundo, e acabando de perecer os que ainda se conservavam pegados pelo seu bordo.

Destes treze Portuguezes, que os Inglezes salváram, logo se descartáram de onze, lançando-os nas costas do Fayal, e só leváram comsigo Nuno Velho, e Braz Correa, por serem Capitães, pera testemunho do succedido, e por esperarem delles algum resgate; mas trataram-os muito mal, com muitos desprimores, e máos tratamentos. Na batalha perdêram os Inglezes mais

de

de oitenta e finco pessoas, e ficáram mal feridos mais de cento e fincoenta, de que todos os dias hiam morrendo alguns. Tambem morreo nella o Capitão Antonio, que era Almeirante, e o General Ckeve ficou tão ferido nos joelhos, que nunca mais se pode erguer da cama, e disso foi morrer a Inglaterra: o Capitão da náo de Chiumber-Land sahio atravessado de huma arcabuzada pela barriga, de que por muito tempo andou mal em Inglaterra, onde se pasmavam de que sendo os nossos tão poucos, lhes houvessem de matar, e maltratar tanta gente.

Levados Nuno Velho, e Braz Correa a Inglaterra, ficáram prizioneiros do Conde Chiumber-Land, que os tratou primorosamente, e teve hum anno por hospedes, e nelle se resgatáram por tres mil cruzados, que Nuno Velho pagou por ambos, não querendo que Braz Correa pagasse nada delles; e indo depois ambos a Hespanha, S. Magestade lhes fez mercês.

CA-

CAPITULO XXXI.

Em que se dá conta da viagem que fizeram pera o Reyno as náos que no fim do anno passado chegáram á India, de que foi por Capitão Mór D. Luiz Coutinho Cabaço: e combate que este teve com as mesmas náos que batalháram com a náo Chagas.

NA entrada deste anno, e tempo apparelhado vieram de torna viagem com carga pera o Reyno as náos, que no fim do anno passado chegáram a Goa, de que veio por Capitão Mór na náo S. Filippe, como dissemos, D. Luiz Coutinho Cabaço, em companhia das quaes veio outra, de que era Capitão D. João Pereira. Das quaes náos que eram sinco, o S. Pedro não podendo arribar á Ilha de Santa Elena pera haver agua, de que vinha muito falta, foi tomalla ao Brazil, onde estando surta, lhe deo hum tão grande temporal que a fez dar á costa; e salvandose toda a gente; e muita da fazenda que trazia, os Inglezes a foram tomar a terra. A náo S. Christovão com grande trabalho arribou a Moçambique; e por não estar capaz de fazer viagem pera o Reyno, fezse na volta da India em Setembro, e no

golfão se foi a pique, salvando-se a gente na náo S. Paulo, que vinha de volta pera o Reyno. A náo S. Francisco ficou na India: D. João Pereira chegou a salvamento a Lisboa, e tambem a Capitânia, depois de batalhar com as tres náos Inglezas, que peleijáram com a náo Chagas.

Porque o General Ckeve assim mesmo ferido de morte como ficára da briga passada, se deixou andar entre as Ilhas mais de hum mez á espera de alguma preza, e corrido de haver de apparecer em Inglaterra com tanta perda de gente; até que avistando huma manhã a náo S. Filippe, se foi a ella com as outras duas náos da sua conserva, e todas tres a investíram ás bombardadas, e com ella peleijáram todo o dia. Mas vendo a grande resistencia, e damno que a nossa náo lhe fazia, pertendeo aterrar os que nella vinham com o desastre da náo Chagas, pera o que mandou atar Nuno Velho Pereira, e Braz Correa, e mettellos em huma lancha, em que enviou a dizer a D. Luiz Coutinho, que amainasse logo da parte da Rainha de Inglaterra, senão lhe queimaria a náo, assim como tinha feito á náo Chagas, em testemunho do que lhe mostrava alli prezos os Capitães Nuno Velho, e Braz Correa que della tinham escapado.

Man-

Mandou D. Luiz á lancha, que se não chegasse, e fallasse de largo, e respondeo ao recado, que elle não conhecia a Rainha de Inglaterra, sim ElRey de Hespanha D. Filippe nosso Senhor, cuja era aquella náo Capitânia da carreira da India, e Capitão Mór della D. Luiz Coutinho Cabaço, aquelle que na Ilha do Corvo tomára, e desbaratára a Ricarte de Campo Verde, General Inglez, e dissesse ao seu General, que fizesse quanto pudesse, que elle lhe responderia como convinha: e que soubessem tambem, que aquella náo vinha carregada de muita riqueza, e de muita pedraria.

Com esta resposta determinou o Inglez queimar a náo, e pera isto mandou logo despejar a de Chiumber-Land, por ser já velha, e que lhe sobrecarregassem a artilheria toda; e levando só dez pessoas pera a marearem com a lancha por poppa pera se sahirem depois de afferrada com os arpéos, deixando espias accezas na polvora, e que arremettendo todas as tres náos com a nossa, aquella só abalroasse com ella, e ambas se queimassem. Tomado este acordo, ordenou Deos outro, porque não descontinuando a batalha, em quanto se dispunha este ardil, deram da nossa com hum pelouro no mastro do traquete da náo do

Conde, e lho quebráram: após isto succedeo huma trovoada com que a nossa não se foi sahindo, e as duas em seu seguimento, ás quaes D. Luiz fez farol toda a noite; porém ellas não vendo a outra, que por falta de mastro não podia velejar, desistíram da contenda, e foram acudir-lhe, e D. Luiz seguio em paz sua viagem.

CAPITULO XXXII.

Descripção da Cidade de Chaul, e do seu célebre morro, e tomada deste pelos Portuguezes.

VOltemos agora a ver o que vai pela India; porém antes que entremos em Goa, diremos o que se passava por Chaul, Cidade nossa, bem que pequena, cercada de bons muros, e estes fortalecidos de mui fortes baluartes, tanto pela parte do mar, como pela da terra, e nelles muita, e grossa artilheria, a qual Cidade se fecha todos os dias ao Sol posto, e se torna a abrir pela manhã, e toda a noite he vigiada, e guardada por sima dos muros, e baluartes com boas vigias.

Jaz esta Cidade á borda do mar, e ao longo de hum rio, e dos seus muros pera dentro tem varios Conventos, e outras Igre-

jas, e

jas, e muitos aposentos nobres, em que vivem pessoas muito abastadas. Pelo rio assima, obra de meia legua, tem o Melique huma povoação, a que chamam Chaul de sima, na qual muitos Mouros, e Gentios, quasi todos mercadores, e officiaes de muitos officios, principalmente tecelões de sedas muito primorosas, e outras cousas muito ricas, e estimadas, a cujo porto vam muitas náos da Ethiopia, Meca, Mascate, Ormús, Sinde, Cambaya, e Dio; e todas ellas vam daqui carregadas de mui ricas mercadorias, e nella tinha o Melique por Tanadar hum Eunuco, grande, e affamado Capitão, que sendo primeiro escravo de Portuguezes, agora o era delle.

Defronte da nossa Cidade de Chaul, e além do rio, em huma ponta de terra á entrada da barra, está huma serra muito alta, e fragosa, chamada o morro, onde os de Melique tinham feito huma Fortaleza das maiores, e mais forte que podia haver no mundo, com huma cava de altura de huma lança, e tão larga que chegava do mar ao rio, ficando o morro na ponta de terra como Ilha, cercado de mar por tres partes, e da banda da terra com a cava, em que havia huma ponte levadissa de madeira, por que se serviam pera a terra firme. Desta cava pera dentro, e logo

jun-

junto ao morro, estava hum lanço de muro muito alto, e forte, que chegava do mar até ao rio, e nelle dous fortissimos baluartes, e no meio destes, e sobre o muro, e bem á vista hum leão de bronze com esta letra: *Todo o que cá quizer entrar, mais que eu, ha de peleijar.*

No meio do morro havia outro lanço de muro com outros baluartes, e no cume delle hum grande, e fortissimo baluarte, que tomava toda a cabeça do monte, a que chamavam o baluarte da Resistencia, no simo do qual havia outra letra, a que servia de emblema huma aguia tambem de bronze, com as azas estendidas, e dizia assim: *Quem aqui pertender chegar, mais do que eu, ha de voar.* Da parte do mar, e á entrada da barra estava outro muito forte, e grande baluarte, os quaes por todos eram sete, e nelles se contavam mais de setenta peças de artilheria grossa, e mui furiosa.

Destas cercas pera dentro tinham os Mouros huma cisterna, ou tanque muito fundo, todo de pedraria lavrada, muito bem feito, e custoso, em que nascia a agua de que bebiam, e tambem muitos armazens de todas as cousas necessarias pera a guerra, e humas casas muito bem acabadas, onde morava o General de toda a gente de guerra que alli estava, que eram quasi oi-

to

to mil homens de peleija, tanto de pé, como de cavallo, tudo gente escolhida, entre a qual havia muitos Mouros nobres, e ricos, todos alojados junto ao morro da parte de fóra, em suas tendas de diversas cores louçãns, e custosas pera defensão do mesmo morro. Junto a este arraial estava hum mercado, ou bazar, como lhe chamam na India, em que havia, entre homens, mulheres, e meninos, perto de sete mil almas, todos mercadores, e vendedores de todo o necessario pera tão grande copia de gente, como a que alli estava, e aqui se achavam muitas peças ricas, muito dinheiro, muitas mercadorias, e tudo o mais que ainda hoje se vende em Chaul de fima.

Estando as cousas nestes termos da parte dos Mouros, e os Portuguezes mettidos na Cidade, a quem os Mouros procuravam assombrar com a copia da artilheria, que de continuo desparavam sobre ella, e não menos com a multidão da gente de guerra, com que no mez de Abril entráram a molestar-nos, talando com a sua cavallaria os campos de Chaul, arruinando muitas aldeas pela costa com os saltos que do mar faziam; porém o mais insoffrivel de todos os males era a chuva de pelouros que cahia sobre a Cidade, cujo movimento fazia o Melique contra as pazes assenta-

das

das no governo de Francifco Barreto, fundando-fe em queixas, que dizia, ter do Vifo-Rey Mathias de Albuquerque.

Determinaram-fe os noffos a refiftir a eftes damnos, e por vezes accommettêram os inimigos no campo, e fempre com boa fortuna; huma dellas foi a tempo que eram chegados quatorze Mogores, com muita opinião em coufas de valentia, que andavam na Corte do Melique, os quaes elle mandou, pera que foffem teftemunhas, e ajudantes da prizão dos Portuguezes, que elle tinha por mui certa, os quaes tanto que apparecêram no campo, deram fobre elles os noffos, e matando nove, e cativando dous, tiveram o contentamento de ver fugir os outros, e com elles o Eunuco Tanadar, tão cortado do ferro Portuguez, que não pode efcapar á morte. Succedeolhe no cargo hum Abexin chamado Fratecão, que ao acceitar a empreza, diffe havia de acabar nella, pois feu pai lhe tinha dito que morreria ás mãos dos Portuguezes.

Com o novo General principiáram novas efcaramuças, em huma dellas arremetteo hum moço de pouco mais de quinze annos com hum Cavalleiro Mouro; e derrubando-o com huma efpingardada, cahio fobre elle, e deftroncando-lhe a cabeça com huma faca, montou no cavallo que ficára def-

desoccupado, e foi presentalla ao seu Capitão. Neste tempo chegou D. Alvaro de Abranches de Baçaim, onde estava por Capitão da gente de guerra, que lá assistia, por causa dos mesmos Mouros, que corriam todas estas terras; e trazendo comsigo embarcada toda esta gente, entrou pelo rio de Chaul por baixo de infinitos pelouros, que do morro lhe atiravam, sem nenhum delles lhe fazer damno; e entrando, desembarcáram todos em Chaul com muitas festas, e alegrias. Com igual contentamento foi recebido o Capitão de Salcete, quando chegou logo depois com a sua gente.

Estava em Chaul por General de toda esta gente de guerra Cosme de Lafeitar, e logo com a chegada destes dous Capitães determinou passar o rio á outra banda, queimar o Bazar dos Mouros, e inquietar o seu arraial, sem intento de commetter por então o morro, porque tinha isso por impossivel. Pera esta empreza se confessáram, e commungáram naquella noite todos os soldados nos Conventos, e Igrejas da Cidade, que pera isso estiveram abertas, e apparelhadas; e depois de todos confessados, atravessáram o rio em barcos, e batéis, que já tinham prestes; e antes de amanhecer desembarcáram todos, que seriam mil e quinhentos Portuguezes, e foram lo-

go

go marchando pera o Bazar, D. Alvaro de Abranches na vanguarda, e Cosme de Lafeitar na retaguarda.

Porém antes de lá chegarem, lhe sahíram os Mouros ao encontro com muito grande resistencia, peleijando esforçadamente a pé, e a cavallo; mas foram accommettidos pelos Portuguezes com tanta ousadia, e esforço, qual se não póde explicar. Contra elles saltáram os Mouros *alguns elefantes* com a bocas armadas de *espadas*, *dos* quaes investindo *hum* com *hum soldado* da Beira, este lhe descarregou *huma tão* grande cutilada, que o animal desatinado com a força do golpe, voltou as armas que trazia contra os seus, e fez nelles o estrago que houvera de fazer sobre os nossos, e fugindo, foi cahir atravessado dentro da cava.

Vendo os Mouros baldadas as suas diligencias, e não podendo resistir ao furor dos nossos, voltáram as costas, e foram fugindo pela ponte pera o morro com tanto desacordo, que huns atropelavam os outros, tanto de pé, como de cavallo, correndo a quem primeiro entraria pela porta dentro; mas como a ponte era estreita, e muito grande o concurso dos homens, mulheres, e meninos, cavallos, e elefantes, que por ella queriam passar, cahíram mui-

tos

tos della abaixo, e morrêram na cava. Hiam os nossos dando-lhes no alcance valentemente, que entráram juntamente com os Mouros pela porta dentro até á primeira cerca, matando sempre nelles, a qual porta não puderam fechar por lha impedir hum elefante, que indo tambem fugindo muito ferido, cahio entre ella sem mais se poder levantar.

Tanto que os Mouros víram os Portuguezes dentro da primeira cerca, foram pera fechar a porta da segunda; mas tambem o não puderam fazer, por lho impedir hum cavallo, que no meio della cahio ferido pelo P. Fr. Antonio de S. Francisco com o ferro da aste em que levava arvorado hum Crucifixo, pela qual razão os nossos accommettendo-a com tanto impeto, que por sima do cavallo foram entrando, e senhoreando-se della a pezar dos Mouros que a defendiam valerosamente. Em defensão desta entrada obrou Fratecão maravilhas de valor, até que veio a ficar cativo com muitas, e perigosas feridas. Desta sorte, e em tres horas de tempo desbaratáram os nossos mil e quinhentos Portuguezes, oito mil Mouros de pé, e de cavallo: ganháram a ponte, e as duas cercas do morro com seus baluartes.

Ficava só o baluarte da resistencia, que

que eſtava no alto da ſerra, pera onde ſe acolhêram os Mouros que eſcapáram da briga, e nelle ſe fecháram, e fizeram fortes; mas aproveitou-lhes pouco, porque os noſſos mandáram logo á Cidade buſcar eſcadas, e poſtas ao muro, entráram por ellas a pezar dos Mouros que o defendiam esforçadamente, os quaes por duas vezes tomáram as eſcadas aos noſſos, e as mettêram dentro primeiro que foſſem entrados. Morrêram neſta briga os mais dos Mouros, e os que eſcapáram com vida ficáram todos cativos, entre os quaes o foram tambem a mulher, e huma filha de Fratecão, o qual depois de eſtar cativo ſe fez Chriſtão, attribuindo o bom ſucceſſo deſta victoria ao noſſo Deos ſer verdadeiro, e poderoſo; mas depois morreo das feridas com que ſahio da batalha, e foi enterrado em Chaul com grande pompa, e apparato, acompanhado de toda a Cleresia, Capitães, e ſoldados, que neſte tempo ainda eſtávam todos em Chaul. A mulher de Fratecão ſe reſgatou depois por muito dinheiro, e a filha foi trazida a Goa, donde o Viſo-Rey Mathias de Albuquerque a trouxe pera Lisboa, quando acabou o ſeu governo, e a fez tambem Chriſtã.

Neſta glorioſa, e milagroſa victoria não morrêram dos Portuguezes mais do que

vin-

vinte e hum, e foram pouco mais de quinhentos os feridos, e entre estes D. Alvaro de Abranches com huma pedrada no rosto; porém todos melhoráram. Dos inimigos morrêram mais de dez mil almas, e os demais ficáram cativos. Esta victoria foi alcançada em dous de Setembro deste anno. Todos os baluartes, e cercas deste morro foram derrubados pelos nossos, por se não poder sustentar tão grande máquina, senão com muita gente de guerra, e sómente ficáram em pé o baluarte da resistencia, e outro que está ao longo do mar na entrada da barra, nos quaes se tem conservado sempre hum Capitão nosso com soldados Portuguezes, a quem o Estado paga pera defensão do morro. Os despojos que aqui se acháram, além das riquezas do Bazar, foram muitas munições, muitos cavallos, sinco elefantes, setenta e sinco peças de artilheria, e outras muitas armas.

CA-

CAPITULO XXXIII.

Guerra dos Portuguezes em Columbo com os Chingalas: desbarato de Pedro Lopes de Sousa: succede-lhe D. Jeronymo de Azevedo: assaltam os Malavares a náo da China que vinha pera Goa: manda o Viso-Rey contra elles a André Furtado de Mendoça, que toma tres náos do Çamorim: destroe a Armada inimiga, e vai restaurar Columbo, que estava em riscos de perder-se: chegada das náos do Reyno.

PAssemos agora a Columbo, onde animados os Portuguezes com a morte do Rajú, para poderem recuperar o que tinham perdido em Ceilão, deram aviso ao Viso-Rey Mathias de Albuquerque da boa occasião que se lhe offerecia; e elle que não se descuidava nunca de aproveitar os favores da fortuna, mandou-lhes Pedro Lopes de Sousa com bastante gente, e munições pera o proseguimento da empreza. Chegou este Capitão a Columbo, entrou na serra, e pondo seu arraial em Palnagure, despachou a Francisco da Silva, Castelhano, pera que fosse buscar a Rainha de Cande, pera a metter de posse daquelle Reyno, a quem justamente pertencia,

ia, e com o qual ſe tinha levantado João Chingaſa.

Porém, eſte vendo a pouca ordem com que Pedro Lopes ſe portava neſta acção, ſem embargo de ſer hum dos antigos, e valeroſos ſoldados da India, o embaraçou, e acoçou de tal ſorte, que não ſó o cativou, e cortou os narizes, mas fez o meſmo a quaſi quinhentos homens que o acompanhavam: a meſma fortuna paſſáram alguns Religioſos, e entre outros o P. Fr. Franciſco de Chriſto. Eſte meſmo Chingala neſta occaſião fez padecer martyrio a mais de cento e vinte Portuguezes, que atados a troncos de arvores, e confeſſando a Jeſu Chriſto, perdèram as vidas humas ás fréchadas, outros ás eſpingardadas, e outros finalmente a ferro frio, e ao meſmo tempo prendeo a Rainha de Cande.

A Pedro Lopes de Souſa cativo, e desbaratado ſuccedeo D. Jeronymo de Azevedo, o qual em hum recontro em que recebeo grande perda, peleijou com mais de dez mil Chingalas. Deſta briga ſahio todo aberto de cutiladas o P. Fr. Gaſpar dos Reys da Ordem de S. Franciſco, a quem pera haver de eſcapar, puzeram, e atáram ſobre hum elefante, por não poder ſegurar-ſe por ſi; mas o animal enfurecido, e aturdido com o horror da batalha,

que

que ainda continuava, foi desatinadamente correndo por entre hum emmaranhado mato, e deixando em cada esgalho, e espinho hum pedaço do miseravel corpo deste Religioso. Era Capitão destes levantados hum Chingala, por nome Domingos Correa, que sendo prezo depois, foi esquartejado em Columbo em castigo de sua traição.

Não foi menos desastrado o successo da náo annual da China; porque sendo no mez de Abril, e vindo tanto avante como a costa do Malavar em demanda do porto de Goa, onde vinha descarregar-se das muitas riquezas que trazia, saltáram com ella quatorze paráos Malabares com intento de a renderem; e não lhes seria vão, a saberem que nella não vinham mais de quatorze Portuguezes que a defendessem, podendo muito bem ser baldado o seu desejo, se estes por sua confiança, ou descuido não trouxeram sempre tão mal arrecadados tão grandes thesouros. Peleijáram tres dias, e tres noites, que tanto duráram as vidas aos que a defendiam; porém nem ainda depois delles mortos, se pudéram lograr da preza; porque hum Javo, que nella vinha, a incendiou com hum barrilete de polvora, com o que privou os inimigos da melhor, e maior parte da preza.

Ven-

Vendo o Viso-Rey Mathias de Albuquerque a soltura com que os Malabares andavam por toda aquella Costa, e as continuas sobranç arias que nos faziam, fez aprestar huma Armada de dezoito vasos, em que se embarcáram seiscentos homens, e por Capitão Mór destes, e della André Furtado de Mendoça, com ordem de ir destruir, e castigar a soberba com que os inimigos andavam infestando aquelles mares. Sahio André Furtado de Goa, e seguindo sua viagem, encontrou no primeiro de Agosto com tres náos do Çamorim (que já então tinha quebrado as pazes, que tinha assentado com o Estado, como já dissemos) carregadas de muita riqueza, e cheias de gente de ambos os sexos, e de todas as idades. Investíram os nossos com ellas, defendêram-se valerosa, e obstinadamente; mas foram por ultimo rendidas com morte de mais de dous mil dos inimigos: foram tão crescidos os despojos que nellas se ganháram, que coube a cada moço sinco taleigos de Pagodes; e quando a estes coube tão grande parte no saque, quanto caberia a cada soldado!

Alcançada esta victoria, seguio André Furtado avante, e foi dar com a Armada que buscava no rio de Cardiva, a qual tanto que houve vista da nossa, aper-

tou os remos, e mui resoluta a foi buscar; mas não tardou muito que se não arrependesse do seu atrevimento, pois que com a sua inteira destruição pagou os insultos que andava commettendo, e deixou nas mãos dos Portuguezes huma completa victoria, e muitos despojos, os mais delles uteis pera a guerra.

Alcançada esta importante victoria, com tanta perda, e morte dos inimigos, foi André Furtado navegando pera Ceilão; e surgindo no porto de Columbo, chegou a tempo tão opportuno, que foi o restaurador daquella praça, onde então andavam os Portuguezes tão discordes, e tão mal havidos com o seu Capitão, que tinham reduzido tudo a huma perdição total. Restaurado Columbo, e ordenadas de alguma sorte as cousas de Ceilão, voltou pera Goa cheio de fama, e cuberto de gloria.

Em Setembro deste anno chegáram a Goa as tres náos, que ElRey D. Filippe Primeiro despachou pera a India em 30. de Março deste mesmo anno, de que veio por Capitão Mór Ayres de Miranda na náo Monte do Carmo, e por segundos Luiz de Sotto na náo S. João, e Sebastião Gonçalves de Alvellos na náo S. Paulo, que levou de Moçambique pera Goa a gente da náo S. Christovão que se affundou.

CA-

CAPITULO XXXIV.

Da torna-viagem que estas mesmas náos fizeram pera o Reyno: perdição da náo Madre de Deos, que veio na sua companhia: descripção da costa da Ethiopia Oriental: fabricão os Padres de S. Domingos huma Fortaleza na Ilha de Solor pera resistirem aos Mouros da Jaoa: queimão os Malabares a Capitânia da Armada que sahio de Goa pera recolher a Frota de Coromandel: chegão á India as náos que este anno vieram de Lisboa.

EStas mesmas náos, de que fallamos no precedente Capitulo, com mais outra feita de novo em Baçaim, por nome Madre de Deos, Capitão Antonio Teixeira de Macedo, partíram aviadas de carga pera o Reyno em 15. de Janeiro de 1595. das quaes duas, a Captânia, e a náo S. João chegáram ambas juntas a Lisboa: a náo S. Paulo desapparecceo no mar, e a Madre de Deos indo demandar o deserto da Ethiopia Oriental, como fazem todas as náos que navegam da India pera a Europa, pera segurarem melhor sua viagem, até passarem Cabo Delgado, Moçambique, e o Cabo da Boa Esperança, se perdeo.

Porém esta náo teve peior ventura que

as outras; porque vindo em demanda deſte deſerto, que jaz avante da Cidade de Magadoxo pera o Nordeſte, e vai correndo a coſta mais de cento e ſincoenta leguas até á Ilha de Socotorá, a qual coſta he quaſi deſerta, e deshabitada, e tão eſteril, que nella não ha huma folha verde, nem fontes, nem ribeiras, mas grandes areaes, e terras infructiferas, pela qual razão lhe chamam o deſerto da Ethiopia Oriental. E fazendo-ſe o Piloto ainda longe da terra, foi varar nella huma noite, bem fóra do que eſperava; e tanto que tocou no fundo, logo ſe fez em pedaços, e ſe affogou muita gente, a qual foi muito menos opprimida de trabalhos, do que a que chegou a terra com vida; porque eſta teve depois mais penoſa, e laſtimoſa morte, ficando em huma terra deſerta, eſteril, e deshabitavel, ſem mantimentos, ſem agua, e ſem abrigo, nem reparo contra o grande calor do Sol, que neſta paragem fere tão accezamente com ſeus raios, que parece abrazar a terra.

Poſtos neſte deſerto, pouco e pouco foram morrendo conſumidos, e mirrados do Sol, da fome, e da ſede, e ſó eſcapáram dezeſeis, que fazendo logo ſeu caminho ao longo da praia, foram dar a Magadoxo, ſuſtentando-ſe com huma pouca de

agua,

agua, e algum biſcouto que pudéram tirar da náo; mas chegáram todos tão creſtados, e negros do Sol, que pareciam Cafres, e tão desfigurados, e deſcarnados, que mais ſe aſſemelhavam á figura da morte, que a homens vivos. A perdição deſta náo foi por deſcuido do Piloto, que foi hum dos que acabou com ella, que talvez ſe enganaſſe com a grande corrente da agua que vai do mar pera a terra; aſſim devem todos ter muito reſguardo com eſta coſta, e não a virem demandar de noite, pera ſe livrarem deſtes deſaſtres.

Neſte anno, e pera ſegurança da cultura Evangelica das Ilhas de Timor, e Solor, que eſtava a cargo dos Padres de S. Domingos, e pera melhor ſe defenderem dos aſſaltos que lhes davam os Mouros da Jaoa, em odio da Religião Chriſtã, levantáram os meſmos Padres huma Fortaleza de pedra, e cal em Solor, pera a qual lhe mandou o Viſo-Rey muito boa artilheria, e nella punham Capitães da ſua mão, com ſoldados pagos, e ſuſtentados á ſua cuſta, e dos Chriſtãos de todos aquelles contornos; á qual Fortaleza creſceo ao depois tanto, e foi de tão grande importancia, que o Eſtado houve ao depois por bem tomalla a ſi, e nomear Capitães pera ella, entre os quaes foram dos primeiros Antonio de

Vi-

Vilhegas, e Antonio de Andria, cujos tiveram muitas brigas com os Mouros, e fizeram gandes serviços em pro da Religião, e do Estado.

Chegado o tempo de se recolher a Goa a Frota, que havia vir de Coromandel, mandou o Viso-Rey pera a guardar, sahir huma Armada composta de sinco Fustas, e huma Galera, que era a Capitânia; e andando toda á vista do Cabo Comorim, foi a Galera assaltada por huns Paráos Malabares; e tão descuidados acháram os nossos, que entrando dentro da Galera, matáram a quantos nella estavam, e lançáram-lhe depois o fogo. Sobre este descuido recahio logo huma indigna fraqueza; porque ainda que as fustas andavam hum pouco affastadas, e acudissem á revolta que viam na Capitânia, podendo accommetter os inimigos, e póde ser que tomallos, não o fizeram, antes o deixáram ir em paz, vangloriando-se do seu feito, sem ousarem tomar satisfação da affronta que tinham recebido, e com esta perda, e este desdouro se recolhêram pera Goa.

Em Outubro deste anno chegou a salvamento a Armada que ElRey despachára pera a India em 3. de Abril deste mesmo anno, a qual se compunha de sinco náos, de que veio por Capitão Mór na náo Nos-

sa

ſa Senhora da Luz João de Saldanha, e os outros, eram João Rodrigues Carreiro na náo Victoria; João Paes Freire na náo S. Pantaleão; Gaſpar Palha Lobo na náo Roſario; e Antonio Carvalho na náo S. Simão. Neſta Armada paſſou á India D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem de Santo Agoſtinho, pera ſucceder no Arcebiſpado de Goa a D. Fr. Mattheus.

CAPITULO XXXV.

Partida das náos da India pera o Reyno, e ſucceſſos de ſua viagem: origem da povoação, e Fortaleza do Cunhale, que o Viſo-Rey intenta deſtruir unido com o Çamorim: chega a Goa o Conde da Vedigueira pera ſucceder no governo da India a Mathias de Albuquerque: qualidades, e prendas deſte Fidalgo.

CHegado o tempo de ſeguir viagem, partíram de Cochim promptas de carga as ſinco náos que o anno paſſado tinham vindo do Reyno, das quaes a náo S. Simão arribou a Moçambique, onde ficou, e ſeguio viagem com as náos que no anno 1597. vieram da India de torna-viagem pera o Reyno. Tambem a náo Roſario arribou a Moçambique, e ahi ſe desfez,

fez, e a carga, e a gente tornou pera Goa. A Capitânia, e a Victoria parece que por sobre carregadas, as soçobrou o mar, defeito geral de todas quantas vam da India pera a Europa, e que a cubiça não deixa emendar: o S. Pantaleão, que de todas estas náos era a mais velha, foi a que chegou a Lisboa a salvamento.

Proseguindo pois com as cousas da India, pera maior entendimento do que vamos escrever, cumpre saber-se, que hum dos principaes artigos das pazes que se fizeram com o Çamorim em 1591. como então dissemos, continha que este Principe não admittiria, nem acoutaria piratas nos portos dos seus Estados, o que se devia entender pelo Cunhale, de quem já temos feito menção, o que elle nunca, ou mal cumprio, levado do interesse que este pirata lhe fazia, o qual ultimamente o assoberbava já com o seu poder, e arrogancia.

Ora este Mouro, que era natural, e morador em hum pequeno lugar chamado Coriche nos dominios deste Principe, e como tal seu vassallo, querendo augmentar sua fortuna, e ter huma guarida segura pera sua habitação, roubos, e latrocinios, lançou os olhos sobre o pequeno porto de Pudepatan, na costa do Malabar, entre Goa, e Cochim, distante sessenta e se-

ſete leguas da primeira, e trinta e tres da ſegunda, dentro do qual ſe fórma huma Peninſula, unida ao continente pela parte Occidental, e cujas commodidades, ajudadas pela arte, lhe parecêram proprias pera dalli emprehender couſas grandes, e levantar huma Fortaleza, em que pudeſſe eſtar ſeguro, e ſahir com alguns barcos a roubar os que andaſſem por aquella coſta. Conſideradas todas eſta vantagens, pedio licença ao Çamorim pera povoar eſte lugar, o que elle lhe concedeo.

Havida a licença, paſſou o Cunhale a elle com todos ſeus parentes, e amigos no tempo que D. Antonio de Noronha tinha o governo da India, e na ponta mais Oriental da Peninſula entrou a levantar huma Fortaleza quadrada, e daqui principiou a perturbar o commercio que faziamos por aquelles mares, e a fazer cruel guerra aos noſſo portos vizinhos, e a tomar-nos muitas embarcações carregadas de ricas mercadorias; e á medida que hiam creſcendo os roubos, hia augmentando o poder, e engroſſando as riquezas.

Eſte atrevidiſſimo Mouro quando morreo, deixou por ſeu ſucceſſor, e herdeiro a ſeu ſobrinho Mahamet Cunhale Marcá, o qual obrando muito contra os Portuguezes, e conhecendo que eſtes não deixáriam de

o

o buſcar, fortificou de novo a povoação, que delle tomou o nome de Cunhale, fazendo-lhe cercas muito fortes, e baluartes pela parte do mar, e da terra, e por eſta meſma banda huma grande, e larga cava, que alcançava de mar a mar com ſuas tranqueiras, e eſtacadas; e pera guarda do porto levantou hum grande, e fortiſſimo baluarte, em que poz muito forte, e groſſa artilheria; e pera mais difficultar a entrada delle, mandou encravar na vaſa huma eſtacada, de tal ſorte encadeada, que mal podiam paſſar por entre ella navios de mui pouco lote.

Toda eſta grande máquina lhe ſervia não ſó pera haver-ſe por ſeguro, mas pera ſe enſoberbecer tanto, que eſquecendo-ſe de que era vaſſallo, entrou a ſervir-ſe como Rey, creando officios correſpondentes a eſta dignidade, com pagens de armas, e montando em elefante ajaezado de branco, que são as inſignias proprias dos Principes Soberanos da Aſia; e havendo-ſe com os Portuguezes tal, qual ſeu Tio ſe houve, bem que com fortuna mais avantajada; porque além de nos tomar muitas fuſtas, e outros barcos, tambem nos tomou huma não, que vinha da China, e depois deſta huma Galeota; e em tudo quanto podia exercitar o odio que nos tinha, o fazia, pela qual

ra-

razão ſoccórreo com cabos, e ſoldados a Rainha de Olala, quando ſe rebelou contra nós, e ao Melique em Chaul; e não ſó contra nós, mas contra os meſmos Malabares procedia igualmente; de ſorte que com as muitas riquezas que tinha amontoado na ſua Peninſula, ſe julgava tambem invencivel.

Dava cuidado ao noſſo Viſo-Rey tão grande potencia, e determinou diminuilla, pera que não engroſſaſſe mais; mas antes de o pôr por obra, mandou apalpar o animo do Çamorim, a quem enviou a dizer por D. Alvaro de Abranches, Capitão Mór daquelles mares, que aquelle corſario lhe era muito mais perjudicial a elle que aos Portuguezes; porque ſendo ſeu vaſſallo, e vivendo em ſeus Eſtados, hia levantando huma potencia tão grande, e eſtava já tão ſoberbo, que ſe ainda ſe não intitulava Rey, ao menos dava moſtras diſſo, ſervindo-ſe de todas as inſignias reaes: que ſe aſſim foſſe proſeguindo, não tardaria em o fazer, e juntamente em o privar dos proprios Eſtados, o que ſeria huma grande perda, e injúria pera hum tão grande Principe qual elle era; por tanto ſe conformaſſem ambos pera derrubarem, deſtruir, e abater pera ſempre aquelle commum inimigo. O Çamorim, que já eſta-

tava muito assombrado do grande poder, e arrogancia daquelle Mouro, e tendo consideração em todas estas cousas, e folgando ter quem o ajudasse em huma empreza de tanta importancia qual esta era, capitulou novas pazes com o Estado, e assentou, que elle pela terra, e os Portuguezes pelo mar lançassem ao Cunhale fóra daquella Fortaleza, e a puzessem por terra.

Tomado este acordo, entráram de huma, e outra parte a aprestar as cousas necessarias pera esta importante empreza; porém appareceo na India D. Francisco da Gama, Conde de Vidigueira, que como Viso-Rey veio succeder no governo deste Estado a Mathias de Albuquerque, o qual tomou a seu cuidado a empreza por este principiada contra o Cunhale, como em seu lugar veremos.

Foi Mathias de Albuquerque entre os Varões que occupáram este grande cargo de Viso-Rey da India, hum dos mais abalizados, tanto em fortuna, como em valor; tanto em conselho, como em Justiça; e mais que tudo em limpeza de mãos, e delle com verdade se póde dizer, que não roubou, pois deixou em dinheiro no Thesouro Real quasi cem mil cruzados, e huma grande cópia de finissima pedraria de Ceilão. Era tão sincero, e amante da ver-

da-

dade, que tinha pera ſi, que ninguem era capaz de o enganar; porque aſſentava que nenhum homem era capaz de mentir; mas enganava-ſe. Era de mediana eſtatura, coxo de hum pé, mas grande ſoldado, grande Cavalleiro, e muito bom Chriſtão, couſas que raras vezes ſe conformam. Dos que governáram a India com o titulo de Viſo-Rey foi elle o decimo ſexto, e na ordem dos Governadores o trigeſimo quarto, o ſegundo no appellido, e o primeiro no nome.

FIM DA DECADA UNDECIMA.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

00042726

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016